

Carolina Barbosa Hebling

**ATIVIDADES DE REFORMULAÇÃO NA CONVERSAÇÃO
ENTRE AFÁSICOS E NÃO-AFÁSICOS**

**Dissertação apresentada ao Instituto de
Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade
Estadual de Campinas (Unicamp), para
obtenção do grau de Mestre em Linguística.**

Área de concentração: Neurolingüística

**Orientadora: Profa Dra Edwiges Maria Morato
(IEL/ Unicamp)**

CAMPINAS

2009

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

H354a

Hebling, Carolina Barbosa.

Atividades de reformulação na conversação entre afásicos e não-afásicos / Maria Francisca de Paula Soares. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009.

Orientador : Edwiges Maria Morato.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Afasia. 2. Metalinguagem. 3. Conversação. 4. Reformulação (Linguística). I. Morato, Edwiges Maria. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

oe/iel

Título em inglês: Reformulation activities in conversation between aphasic and non-aphasic.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Aphasia; Metalanguage; Conversation; Reformulation (Linguistics).

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Mestre em Linguística.

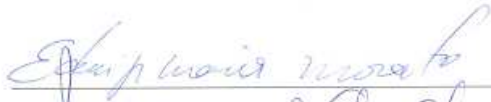
Banca examinadora: Profa. Dra. Edwiges Maria Morato (orientadora), Profa. Dra. Vanda Maria da Silva Elias e Profa. Dra. Zilda Gaspar Oliveira de Aquino. Suplentes: Heloísa de Oliveira Macedo e Profa. Dra. Anna Christina da Silva Bentes.

Data da defesa: 30/06/2009.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

Edwiges Maria Morato



Vanda Maria da Silva Elias



Zilda Gaspar Oliveira de Aquino



Heloísa de Oliveira Macedo



Anna Christina da Silva Bentes



IEL/UNICAMP
2009

Agradecimentos

Certa de que a atividade acadêmica depende inteiramente da qualidade de nossas interações, do reconhecimento de co-específicos e de uma constante reconstrução de sentido do nosso cotidiano, remeto meus agradecimentos:

Aos integrantes do CCA que participaram como sujeitos desta dissertação, bem como aos demais participantes afásicos do grupo, colegas anônimos desta pesquisa.

Aos membros da banca de defesa desta dissertação, Prof^{as} Dr^{as} Vanda Maria Elias – leitora atenta também da qualificação deste trabalho –, Zilda Gaspar de Oliveira Aquino, Anna Christina Bentes e Heloísa de Oliveira Macedo.

À Prof^a Dr^a Ingedore Villaça Koch, e às suas valiosas contribuições por ocasião do exame de qualificação deste trabalho.

À equipe de pesquisadores e colegas de trabalho do Grupo de Pesquisa COGITES, pelo compartilhamento de experiências e aprendizados tão importantes desde 2006.

Aos colegas pesquisadores e membros do LAFAPE pelo ambiente entusiasmante; especialmente a *mis caros hermanos* Diego e Denise, parceiros 24h da reta final deste trabalho.

Ao Grupo Qualquer Nota, pelo tom maior de nossas terças-feiras.

Aos diferentes amigos de diversas origens, destinos e olhares, com quem pude manter diálogos proveitosos sobre esta pesquisa e sobre tantos outros temas.

À Angela, ao Leandro e ao Vitor, pelo velho tempo que não nos separou.

À Carol Raizer, pela amizade construída neste período tão intenso.

À Giu, pelo valioso cotidiano, pela amizade preciosa.

Ao Stefan e à Tati, *miei cari amici*.

Aos funcionários da Secretaria de Pós-Graduação e da Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL/Unicamp)

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de mestrado concedida para a realização desta pesquisa (2007-2009).

À Edwiges, pela generosa disposição às diversas complexidades enfrentadas ao longo destes anos de trabalho conjunto; por seu "juízo e alegria!".

A Ruth, Wail e Camila, minhas saudades de todos os dias.

[O sr. Keuner e a maré]

O sr. K passava por um vale, quando notou de repente que seus pés estavam na água. Então percebeu que seu Vale era na realidade um braço de mar, e que se aproximava o momento da maré alta. Imediatamente parou, buscando com os olhos uma canoa, e enquanto desejava uma canoa ficou parado. mas não aparecendo nenhuma canoa, ele abandonou essa esperança e esperou que a água não subisse mais. Somente quando a água lhe atingia o queixo ele abandonou também essa esperança e nadou. Tinha se dado conta de que ele mesmo era uma canoa.

(Bertolt Brecht, Histórias do Sr. Keuner)

RESUMO

A reformulação, fenômeno extremamente produtivo na linguagem cotidiana, é uma atividade de composição textual e de (re)organização discursiva, na qual o falante produz um enunciado lingüístico que reformula um outro prévio, adequando-o de acordo com suas intenções comunicativas e à situação interativa em curso. Levando em conta a recorrência deste fenômeno também na linguagem comprometida pela afasia, este trabalho tem por objetivo a caracterização das atividades de reformulação na conversação entre afásicos e não-afásicos, a partir de uma perspectiva sócio-cognitiva (Vygotsky, 1934; Tomasello, 1999, Marcuschi, 2003; Koch, 2004; Morato, 2007).

Partindo da hipótese de que, ainda que apresentem dificuldades de (meta)linguagem, afásicos não deixem de atuar competentemente com relação à atividade reflexiva que o uso da linguagem constitui nestas instâncias reformulativas, estabelecemos algumas indagações norteadoras: i) quais elementos ancoram os processos de (re)construção do sentido na presença de diversos déficits lingüísticos, parafasias, agramatismos, dificuldades em encontrar palavras, *etc.*? ii) como se articulam os processos lingüísticos e interacionais nas atividades reformulativas que os sujeitos empreendem na interação para ajustar as condições de produção do sentido no texto conversacional? iii) o que a afasia, como perturbação da metalinguagem, implica para estas atividades (meta)reformulativas? E, finalmente, iv) se a reformulação implica uma tomada de consciência sobre o objeto lingüístico, o que a relação entre reformulação e reflexividade lingüística pode revelar sobre as relações entre linguagem e cognição nas afasias?

Retomando de maneira crítica a bibliografia produzida tradicionalmente no campo da Neurolingüística sobre o fenômeno, chamamos atenção, em alternativa a uma abordagem cognitivista, à possibilidade de um tratamento lingüístico sócio-cognitivo dos processos reflexivos (meta/epilingüísticos), constitutivos das atividades de reformulação na linguagem de afásicos e não-afásicos.

Uma vez identificados em um *corpus* de conversações entre afásicos e não-afásicos os tipos, marcas e funções da reformulação para falantes afásicos e não-afásicos, poderemos adensar o entendimento das semelhanças e diferenças que se apresentam para os falantes afásicos e não-afásicos no que toca às estratégias textuais-interativas.

ABSTRACT

Reformulation, an extremely productive phenomenon in everyday language, is an activity of textual composition and discourse (re)organization in which the speaker makes a linguistic statement recasting a previous one, adjusting it according to their communicative intentions and to the ongoing interactive situation. Taking into account the recurrence of this phenomenon also in the language impaired by aphasia, this work aims at characterizing the activities of reformulation in conversations between aphasics and non-aphasics from a social cognitive perspective (Vygotsky, 1934, Tomasello, 1999, Marcuschi, 2003, Koch, 2004; Morato, 2007).

On the assumption that even in presence of (meta)linguistic difficulties aphasics do not cease to act competently in relation to the activity that the reflexive use of language implies in these instances, some guiding questions are established: i) which elements anchor the processes of (re)construction of meaning in the presence of various linguistic deficits, paraphasias, agrammatisms, difficulties in finding words, *etc.*? ii) how are the linguistic and interactional processes articulated in the activities which subjects undertake in interaction to adjust the production conditions of meaning in conversational text? iii) once aphasia can be seen as a metalinguistic impairment, what are the consequences so entailed in these (meta)reformulative activities? And finally, iv) once reformulation entails awareness of language, what can this relationship between reformulation and linguistic reflexivity reveal about the relationship between language and cognition in aphasia?

Taking to a critical revision the literature traditionally produced in the field of Neurolinguistics, we focus on an alternative to the cognitive approach of the phenomenon – the possibility of a social cognitive approach to the reflexive processes (meta/epilinguistic) underlying reformulation activities in the aphasic and non aphasic language.

Once the types, marks and functions of reformulation are identified in a *corpus* of conversations between aphasics and non-aphasics, we believe we can understand more accurately the similarities and differences that come to aphasic and non-aphasic speakers regarding textual-interactive strategies.

UM ESTUDO SOBRE AS ATIVIDADES DE REFORMULAÇÃO NA CONVERSAÇÃO ENTRE AFÁSICOS E NÃO-AFÁSICOS

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
------------------------	-----------

CAPÍTULO 1

1. DA REFORMULAÇÃO NOS ESTUDOS NEUROLINGÜÍSTICOS.....	07
--	-----------

1.1 INTRODUÇÃO DA QUESTÃO.....	07
--------------------------------	----

1.2 AUTO-MONITORAMENTO E REFORMULAÇÃO NAS ABORDAGENS PSICOLINGÜÍSTICAS	11
---	----

1.3 METALINGUAGEM E REFORMULAÇÃO EM UMA PERSPECTIVA SÓCIO- COGNITIVA.....	23
--	----

CAPÍTULO 2

2. DA REFORMULAÇÃO NOS ESTUDOS INTERACIONAIS SOBRE AS AFASIAS.....	29
---	-----------

2.1 AS ABORDAGENS INTERACIONAIS DA REFORMULAÇÃO.....	29
---	----

2.2 CORREÇÃO E REPARO NA ANÁLISE ETNOMETODOLÓGICA DA CONVERSAÇÃO.....	29
--	----

2.3 ATIVIDADES DE (RE)FORMULAÇÃO NAS ABORDAGENS TEXTUAIS- INTERATIVAS.....	37
---	----

2.3.1 CATEGORIAS DA REFORMULAÇÃO.....	42
---------------------------------------	----

2.3.2 A METADISCURSIVIDADE NAS ATIVIDADES DE REFORMULAÇÃO.....	45
--	----

2.4 CONCLUINDO A QUESTÃO.....	50
-------------------------------	----

CAPÍTULO 3

3. METODOLOGIA.....	53
3.1 O CCA COMO ESPAÇO DE INTERAÇÃO E COMO LOCUS DE PRODUÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA.....	53
3.2 BREVE DESCRIÇÃO DOS PARTICIPANTES DO CCA.....	57
3.2.1 OS SUJEITOS AFÁSICOS QUE INTEGRAM O CCA.....	58
3.2.2 OS SUJEITOS NÃO-AFÁSICOS QUE INTEGRAM O CCA.....	64
3.3 A TRANSCRIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	66

CAPÍTULO 4

4. ANÁLISE DOS DADOS.....	67
4.1 ANÁLISE DAS ATIVIDADES DE REFORMULAÇÃO.....	67
4.2 OPERAÇÕES E ESTRATÉGIAS.....	68
4.3. DISCUSSÃO DOS DADOS.....	93

CAPÍTULO 5

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
BIBLIOGRAFIA.....	101
ANEXO.....	109

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo uma caracterização das atividades de reformulação na conversação entre afásicos e não-afásicos, em uma perspectiva sócio-cognitiva (Marcuschi, 2003; Koch, 2004; Morato, 2007; Jubran, 2005). A reformulação é um fenômeno recorrente e constitutivo do processamento oral da linguagem em seus vários contextos, inclusive nas afasias.

A afasia é definida como uma perturbação da linguagem, decorrente de uma lesão cerebral focal adquirida. Como explica Ahlsén (2006:06), as causas da afasia podem ser um acidente vascular cerebral, uma hemorragia ou um traumatismo craniano. Em decorrência deste quadro, conseqüências podem ser observadas na linguagem do indivíduo afásico, nos níveis de produção e/ou compreensão oral e escrita.

Como nos lembra Morato (2001), a tradição estruturalista classificou as afasias nas amplas categorias de fluentes e não-fluentes, motoras e sensoriais.

“As primeiras teriam como características os problemas de expressão (como alterações fonético-fonológicas, estereotipias, perseverações, disprosódias, parafasias – sobretudo fonológicas –, fala telegráfica, agramatismo, falta de iniciativa verbal, alteração de linguagem escrita, apraxia buco-lábio-lingual) e são creditadas a lesões na parte anterior do córtex cerebral. As segundas teriam como características problemas de compreensão, ausência de déficits articulatórios e alteração nos aspectos semânticos da linguagem (como anomias, dificuldades de evocar ou selecionar palavras, dificuldades maiores com a linguagem escrita, parafasias – sobretudo semânticas –, circunlóquios, confabulações). Os problemas perceptivos e gestuais são mais freqüentes e numerosos nesse tipo de afasia, que é creditada a lesões na parte posterior do córtex cerebral” (Morato, *op.cit.*:256).

No campo da Neurolingüística, ainda, a afasia tem sido definida como um problema de metalinguagem, ou como alteração na capacidade de realizar operações metalingüísticas (Jakobson, 1954, 1960; Lebrun, 1983). A perturbação da capacidade reflexiva relativamente à língua estaria na base dos déficits lingüísticos observados em seus diversos níveis na linguagem afásica. Neste caso, a afasia é, antes de tudo, um problema de competência (meta)lingüística, creditado a um domínio cognitivo ou mental.

Diante desta realidade, os indivíduos afásicos se vêem em constante contato com disfluências que, também presentes na linguagem não-afásica, encontram-se agudizadas na afasia, exigindo dos falantes diversos e recorrentes movimentos de

reorganização da linguagem nas suas práticas cotidianas. Nestas feições, os dados de afasia, prenes de descontinuidade em sua superfície, desafiam-nos quanto à questão da construção colaborativa do sentido na interação verbal, da qual participam em peso as atividades reformulativas em sua complexidade de processos lingüísticos, cognitivos e interacionais.

Definidas como um procedimento de composição textual e de (re)organização discursiva, na qual o falante produz um enunciado lingüístico que reformula um outro, adequando-o de acordo com suas intenções comunicativas e à situação interativa em curso, as atividades de reformulação – tais como as paráfrases, as correções e algumas repetições – figuram como estratégias de que o falante dispõe para a resolução de problemas, de disfluências, ou de descontinuidades textuais-interativas na formulação verbal da conversação (*cf.* Antos, 1982; Gülich e Kotschi, 1983, 1987; Gaulmyn, 1987; Pennec, 2006; Hilgert, 1993; Barros, 1999; Fávero, 2003; Fávero *et al.*, 1999; Koch, 2004).

Ao mesmo tempo em que exibem o caráter saneador, reparador, da formulação verbal, as atividades de reformulação também exercem funções outras que a de corrigir ou reparar. Estas outras funções são discursivas, retóricas, argumentativas, etc. Nesta miríade multifuncional das atividades de reformulação, o que se torna evidente é o trabalho do falante com e sobre a linguagem e seus efeitos, tomando como objeto o próprio ato de dizer.

Partimos da hipótese de que, ainda que apresentem dificuldades de (meta)linguagem, que certamente se refletem/manifestam na atividade metaformativa implicada na reformulação, afásicos possam atuar competentemente com relação à atividade reflexiva que o uso da linguagem constitui. Acreditamos que, ao identificarmos em um *corpus* de conversações entre afásicos e não afásicos, os tipos, marcas e funções da reformulação para falantes afásicos e não afásicos, possamos adensar o entendimento das semelhanças e diferenças que se apresentam para os falantes afásicos e não-afásicos no que toca às estratégias textuais-interativas.

Mais ainda, apoiando-nos na premissa de que a reformulação implica uma atividade metadiscursiva, que toma por objeto o próprio ato de dizer (Koch, 2004:120), assumimos que toda atividade de reformulação implica algum tipo de tomada de consciência do sujeito sobre objeto lingüístico. Assim, caracterizando a

reformulação como um "processo meta"¹, teremos condições de falar sobre graus de tomada de consciência da linguagem que este fenômeno deixa transparecer na linguagem comprometida pela afasia.

Pouco aparece na literatura neurolingüística tradicional o interesse por uma perspectiva de base enunciativa do fenômeno da reformulação. Este trabalho pretende colaborar nesta direção, procurando caracterizar, a partir das atividades de reformulação, o trabalho meta/epilingüístico realizado tanto pelos sujeitos afásicos quanto pelos não-afásicos. A observação das atividades de reformulação, tidas tipicamente como epilingüísticas, na fala de sujeitos afásicos reitera a tese de que não estaria perdida na afasia uma competência pragmático-discursiva de atuar com e sobre a linguagem (*cf.* Morato, 2003, 2005, 2007).

Um estudo das atividades de reformulação nas afasias que se designe sócio-cognitivo, necessariamente convoca a articulação de vários patrimônios teóricos para que se contemple o enfrentamento da complexidade analítica proposta.

O caminho que vai de uma perspectiva internalista, cognitivista, à perspectiva sócio-cognitiva a que nos referimos se define pela essencialidade da dimensão social dos processos lingüísticos. Como afirma Marcuschi (2003):

"[...] isso significa que não há um a priori nem um centro regulador da significação, mas ela é produto de interações sociais no interior da cultura e da história. Daí ser o próprio conhecimento um projeto cultural e não um dado natural ou um fruto de relações de correspondência sujeito-objeto. O melhor é pensar em termos de sujeito-objeto-sujeito: duas subjetividades criando uma realidade intercomunicável" (2003:17).

Nesta direção, podemos estabelecer algumas indagações norteadoras: i) quais os elementos ancoram os processos de (re)construção do sentido na presença de diversos déficits lingüísticos, parafasias, dificuldades em encontrar palavras, *etc.*? ii) como se articulam os processos lingüísticos e interacionais nas atividades reformulativas que os sujeitos empreendem na interação para ajustar as condições de produção do sentido no texto conversacional? iii) o que a afasia, como perturbação da metalinguagem, implica para estas atividades (meta)reformulativas? E, finalmente, iv) se a reformulação implica uma tomada de consciência sobre o objeto lingüístico, o que a relação entre reformulação e reflexividade lingüística pode revelar sobre as relações entre linguagem e cognição nas afasias?

¹ De acordo com Morato (2003), os "processos meta" dizem respeito a distintos e variados movimentos de reflexividade presentes nas práticas lingüísticas cotidianas, como a atividades (inter)subjetivas, epilingüísticas, referenciais, meta-enunciativas, metadiscursivas." (p. 583)

Uma vez que nosso questionamento incide sobre a oralidade em suas instâncias de uso, é preciso tratar do caráter intersubjetivo e dialógico das atividades de reformulação. Partindo de uma concepção enunciativo-pragmática da interação verbal, faz-se necessária, por sua vez, uma reflexão mais pontual sobre os processos de significação lingüístico-discursivos aí envolvidos. Se pretendemos caracterizar o trabalho reflexivo de sujeitos sobre os quais se afirma que têm um comprometimento da capacidade reflexiva relativa à linguagem, é preciso colocar em discussão a noção de competência lingüística no interior de uma perspectiva sócio-cognitiva dos estudos da afasia.

Em primeiro lugar, chamando atenção às abordagens mais tradicionais dedicadas a este fenômeno na Neurolingüística, dedicamos o primeiro capítulo a uma discussão bibliográfica, verificando os binômios linguagem/metalinguagem, reflexão/ação, lingüístico/cognitivo nos estudos sobre a reformulação nas afasias. Esta revisão nos permitirá deixar à vista alguns limites explicativos de tais abordagens do fenômeno, predominantemente cognitivistas.

A seguir, traremos à baila abordagens interacionais do fenômeno nas afasias, procedendo a um aprofundamento da concepção da reformulação dentro de uma perspectiva sócio-cognitiva da enunciação e da afasia, perspectiva a partir da qual tomaremos o fenômeno para análise nesta dissertação.

No capítulo terceiro, apresentamos nossa metodologia, descrevendo a natureza de nosso *corpus* e as condições de emergência de nossos dados, extraídos do acervo de interações registradas das reuniões semanais do Centro de Convivência de Afásicos (CCA) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Chamaremos a atenção para a especificidade do CCA enquanto uma comunidade de práticas (*cf.* Mira, 2007), bem como para as conseqüências da realidade lingüística observada neste contexto para as ocorrências das atividades de reformulação. Procedemos, assim, também à descrição dos sujeitos – afásicos e não-afásicos – considerados nesta pesquisa, uma vez que estaremos preocupados em considerar dados primários (ou seja, naturais), e secundários (ou seja, transcritos) das interações tomadas para a análise. Neste sentido, critérios de transcrição serão também comentados, quanto à sua importância na visibilidade das atividades de reformulação para a análise.

No quarto capítulo, procedemos à interpretação dos dados tomados para a análise, no esforço empírico da caracterização das atividades de reformulação

identificadas nas práticas discursivas e interacionais desenvolvidas no CCA. Teremos, enfim, a oportunidade de trazer à lupa a complexidade de processos que se dão em interações conversacionais que envolvem sujeitos afásicos e não afásicos, reservando para futuros desdobramentos desta pesquisa uma possibilidade de adensar as relações entre diferentes tipos de afasia e a variada realidade deste fenômeno.

O último capítulo está reservado às conclusões alcançadas por esta pesquisa, das quais esperamos obter pistas relevantes para responder às perguntas inicialmente formuladas. Em nosso horizonte, teremos sempre presente a discussão sobre a própria definição de afasia, tomada tradicionalmente, de forma declarada ou implícita, como um problema de linguagem interna ou então de controle metalingüístico estritamente relativo ao sistema lingüístico (Jakobson, 1954; Lebrun, 1983). Como objetivo maior desta pesquisa, defendemos a necessidade de uma revisão da concepção de afasia como um problema de ordem metalingüística (no sentido de reflexividade relativa à língua como sistema fechado), a partir da investigação de fenômenos produtivos da oralidade, ou da linguagem em uso.

CAPÍTULO I

Da reformulação nos estudos neurolingüísticos

1.1 Introdução da questão

Formular outra vez e de maneira diferente algo já dito é uma atividade bastante comum na linguagem cotidiana, exercida pelos falantes não apenas na correção de seus "erros", mas também em repetições, parafrases e reparações conversacionais que visam a adequações, ou ajustes, de suas escolhas lingüísticas a seus propósitos comunicacionais. Nas afasias, este fenômeno também apresenta recorrência e levanta uma série de indagações quanto a sua realidade ao mesmo tempo similar e particular com relação à linguagem tomada em contextos não-patológicos.

Uma inspeção resumida dos estudos sobre a reformulação guia-nos para uma série de problemáticas que animam o interesse pela compreensão deste fenômeno e que assinalam sua relevância para os estudos da linguagem e para o estudo lingüístico das afasias. Ao abarcar processos lingüísticos, cognitivos e interacionais, o estudo da reformulação nas afasias compromete-se com uma série de questões complexas há muito exploradas tanto pela Lingüística, quanto mais especificamente, pela Neurolingüística, a respeito das relações entre processos de produção e compreensão da linguagem.

Em uma revisão bibliográfica da questão, podemos averiguar que, atualmente, dois domínios teóricos da Lingüística têm se dedicado de maneira expressiva ao estudo da reformulação enquanto correção e/ou reparo, com relação à problemática afasiológica. Nos estudos psicolingüísticos, o fenômeno é abordado com foco no monitoramento individual da fala. Já nos estudos conversacionais, a intersubjetividade e a interação compõem-se como fatores decisivos para as atividades reformulativas, e o fenômeno figura como pivô das estratégias interacionais da conversação.

Identificamos assim, à maneira de Alwood, Nivre e Ahlsén (1990), duas tradições de estudos sobre esta categoria de fenômenos lingüísticos na qual se encaixam as atividades de reformulação, a partir da década de 1970. A tradição de cunho mais

psicolingüístico é representada pelo estudos de Linell (1980), Levelt (1983), Levelt & Cutler (1983) e Bock (1982). Podemos observá-la desenvolvida na Afasiologia por autores como Falmer (1977), Garnsey e Dell (1984), Schlenck *et al.* (1987), Marshall *et al.* (1994), entre outros.

Como contraponto a esta corrente analítica se colocam os estudos de uma tradição mais sociologicamente orientada, como pudemos averiguar nos estudos influenciados por Schegloff e colaboradores (Schegloff *et al.*, 1974, 1977, Schegloff, 1979), em especial Goodwin (2003). Tais trabalhos abriram espaço para uma produtiva discussão sobre a realidade da correção e do reparo em dados conversacionais envolvendo sujeitos afásicos (Lubinski, 1980; Ferguson, 1992, 1994; Goodwin, 2003; Perkins, 2003; Laakso, 2003; Oelschlaeger e Damico, 2003; Wilkinson, 2007; Gonzalez, 2004).

Contudo, apesar do interesse das teorias conversacionais nos fenômenos reformulativos presentes na linguagem afásica ter crescido especialmente nas últimas duas décadas, sua orientação notadamente praxeológica ou comportamental deixa as relações entre os processos interacionais e lingüísticos a exigir ainda muito a ser explicado neste campo de estudos.

As afasias, como salientamos na introdução deste trabalho, são perturbações na linguagem causadas em decorrência de um episódio neurológico, como um acidente vascular cerebral (AVC), traumatismos crânio-encefálicos ou um tumor cerebral. As conseqüências das afasias para o indivíduo são dificuldades nos processos de produção e interpretação de linguagem, ficando a linguagem afetada em seus vários níveis: no nível fono-articulatório, a dificuldade de articular e produzir sons; no nível sintático, a capacidade de ordenar os elementos dos enunciados em formas “gramaticalmente” aceitas, como por exemplo a chamada “fala telegráfica” em que há ausência dos elementos conectivos; no nível lexical, dificuldade de acesso às palavras, além de dificuldades pragmático-discursivas de produção e interpretação do sentido na enunciação (Cf. Morato, 2001).

Assim, empiricamente, o estudo da reformulação nas afasias permite colocar em foco a análise das estratégias de que os falantes lançam mão para a solução de problemas de formulação lingüística típicos da oralidade e particularmente recorrentes na instabilidade lingüística encontrada nas afasias. Assim, a característica “saneadora” (Koch, 2004) ou reguladora (Vygotsky, 1987 [1934]) de atividades como as de reformulação pode ser observada na tensão entre os

problemas de formulação (dificuldades de encontrar palavras, lapsos, parafasias, etc.) e o enfrentamento desses mesmos problemas nas interações lingüísticas envolvendo sujeitos afásicos.

No plano teórico, por sua vez, a investigação das atividades de reformulação pode ajudar a iluminar a discussão em torno da questão definicional da afasia. Tradicionalmente, a afasia tem sido abordada como um problema de metalinguagem, focalizada ora no manejo dos conteúdos lingüísticos internos, essencialmente cognitivos, ora no controle referencial, lógico-semântico, da linguagem (cf. Morato, 2003). Conseqüentemente, o tratamento teórico da reformulação neste contexto, como deixaremos claro em nossa revisão e discussão bibliográfica, reduz a competência relativa ao manejo puramente mental ou metacognitivo de processos, o que significa manter uma distinção entre linguagem, metalinguagem e epilinguagem.

É dentro de uma crítica a este tipo de abordagem que situamos o presente trabalho. Nosso interesse é chamar atenção à possibilidade de um tratamento sócio-cognitivo deste fenômeno lingüístico que no domínio afasiológico tem sido mais substancialmente tomado para a análise em perspectivas que diferem da proposta da presente dissertação, reforçando a dicotomia entre processos internos e externos à linguagem e seu uso.

O ato de reformular depende do reconhecimento e da solução de disfluências inerentes à oralidade, assumindo-se o fato de que a produção espontânea da fala é sempre seu próprio rascunho, o que tange o planejamento e a elaboração lingüístico-pragmática da formulação de sentenças, enunciados, textos, conversações. Já que os falantes, afásicos ou não, reformulam porque se dão conta de uma necessidade para tal, a questão que se apresenta é: de que maneira este processo ocorre?

A discussão sobre uma competência relativamente à linguagem está fortemente atrelada a uma investigação das atividades de reformulação na linguagem e nas afasias. Podemos começar notando que as noções de controle e monitoramento estão implicadas nas teorizações sobre a reformulação enquanto fenômeno da linguagem em seus diversos contextos, com especial conseqüência para as análises dos contextos considerados patológicos.

É interessante chamar a atenção a uma certa ambigüidade em torno da noção de reformulação, à maneira do que ocorre com a repetição ou a hesitação, tidos por uns

como indicativo de falha ou déficit a ser saneado, e por outros como fenômenos constitutivos da linguagem e seu processamento. Frequentemente tratada como operação de reparo ou como correção (noções sobre as quais discorreremos mais adiante), a reformulação evoca quase prontamente a noção de erro, de problema, de descontinuidade ou de disfluência. Ao mesmo tempo, a noção de reformulação implica a idéia de estratégia, de manejo, de tomada da linguagem como objeto de uma reformulação necessária. Assim, apontamos a reformulação como um rico expediente para a discussão sobre a reflexividade lingüística no contexto das afasias, chamando atenção à maneira como esta questão aparece nos estudos conduzidos tradicionalmente.

Como nos lembram Maher, Rothi e Heilman (1994) em seu artigo sobre a consciência/ ausência de consciência dos erros lingüísticos na afasia, a presença de auto-correções no comportamento verbal é frequentemente aludida como evidência de auto-monitoramento e de consciência (*awareness*) dos erros produzidos na fala, equação problematizada pelos autores que atentam para outros diversos fatores que podem condicionar a não-correção na fala de sujeitos afásicos. Uma percepção da proximidade saliente entre a produção alvo e a produção errônea, por exemplo, frequentemente leva afásicos (bem como não-afásicos) a "negligenciarem" correções da própria fala².

De acordo com Morato (2005), no campo da Afasiologia, o caráter consciente/inconsciente dos atos lingüísticos realizados pelos sujeitos afásicos tem guiado as considerações e os questionamentos relativos à metalinguagem e à reflexividade observadas neste contexto. Como argumenta a autora, a própria definição da afasia e sua semiologia neurolingüística relacionam-se sempre de alguma forma com esta oposição, consciente/ inconsciente, posto que, para um número ainda substancial de estudos sobre a afasia, os controles referencial e metalingüístico (*stricto sensu*) estariam comprometidos na linguagem afásica (Morato 2005, 2003).

Procuramos, a seguir, em nossa revisão e discussão bibliográfica, identificar diversos trabalhos dedicados à modelagem psicolingüística e às variáveis em jogo

² A observação desta tendência é particularmente explorada pelas visadas mais pragmáticas que estudam fenômenos (relacionados à noção) de reformulação, como veremos ser o caso das perspectivas etnometodológicas (Schegloff, 2003; Goodwin, 2003)

nos processos mentais que condicionam o auto-monitoramento, o controle referencial na linguagem afásica.

1.2 – Auto-monitoramento e reformulação nas abordagens psicolingüísticas

Nesta seção, dedicaremos atenção especial à relação entre reformulação e monitoramento da fala, uma questão central no tratamento que o fenômeno recebe de perspectivas mais internalistas, cognitivistas.

No interior da Afasiologia, o tratamento internalista da correção encontra-se presente desde a proposta associacionista dos trabalhos de Carl Wernicke, ainda no século XIX. Imerso em um ambiente científico ávido por confirmar ou desconfirmar as recentes e importantes descobertas do eminente Paul Broca, Wernicke destacou-se, em seus jovens vinte e seis anos, ao sistematizar um modelo de representação da linguagem e seu processamento no cérebro. Estabelecendo um número restrito e fortemente relacionado de "centros" responsáveis por diferentes funções no cérebro, Wernicke antecipou uma abordagem que seria caracterizada como "conexionista", por considerar que complexas funções psicológicas se deviam à conexão de componentes de natureza "simples" (cf. Caplan, 1987).

Analisando positivamente certos traços de semelhança entre a teoria de Wernicke e propostas atuais da afasiologia, os autores Blanken, Dittmann e Sinn (1994) afirmam que a teoria de produção da fala proposta por Wernicke pode ser entendida, largamente, como "uma teoria da correção 'consciente' e 'inconsciente' do output da fala" (1994: 207)³.

Do ponto de vista dos autores, a "correção" seria parte constitutiva da produção da fala, dentro da teoria conexionista construída por Wernicke. A partir de sua teoria da arquitetura cognitiva da linguagem, Wernicke classifica as afasias quanto às afecções dos diferentes *centros* – motor e sensorial – especializados para as respectivas *imagens motoras* e *sensoriais*. Neste modelo, a influência do centro sensorial sobre o centro motor determina uma função corretiva desempenhada pelo primeiro sobre o segundo: "*since in usual speech – as is easily recognized from how speaking is learned – the sound image always seem to be unconsciously innervated, and to – so to speak – hallucinate simultaneously, thereby having a constant*

³ Nossa tradução do original : "a theory of 'conscious' and 'unconscious' correction of speech output".

corrective influence on the sucession of motor images"⁴ (Wernicke, 1874 *apud* Blanken *et al.*, 1994).

Assim, como afirmam os autores, para Wernicke, desordens de *output* são desordens de correção, da "correção inconsciente", equivalente a um *loop* de *feedback* entre o centro motor e o sensorio. A "correção consciente", por sua vez, raramente observada na fala normal, seria apontada por Wernicke, como uma estratégia usada, por exemplo, pelos afásicos de condução⁵ para compensar o comprometimento de sua "correção inconsciente".

De fato, como veremos, Blanken *et al.* acertam ao defenderem uma vigência da concepção de inspiração wernickeana para os modelos atuais que investem seu interesse na aplicabilidade de modelos psicolinguísticos na linguagem de sujeitos afásicos. Os volumes organizados por Fromkin (1973) e, mais recentemente, por Hartsuiker *et al.* (2004) fornecem-nos subsídios para explorar, num espectro histórico relativamente amplo, o desenvolvimento destas que chamamos de abordagens psicolinguísticas cognitivistas do fenômeno em questão. Nosso interesse, no entanto, toma uma direção um pouco diferente à do trabalho de Blanken *et al.* (*op.cit.*). Chamamos a atenção às implicações deste continuísmo das perspectivas internalistas, ao privilegiarem o estudo da reformulação como um problema de linguagem interna e, por sua vez, o manejo meta(linguístico) como um processo essencialmente metacognitivo de auto-monitoramento.

Dentro dos estudos conduzidos nesta orientação no interior da Lingüística, o interesse pela reformulação aparece de maneira mais representativa em meados da década de 1970, com especial interesse sobre a correção, e empreende, ao longo de sua trajetória, explicações dos processos de auto-monitoramento e planejamento da fala a partir de diferentes modelos teóricos do processamento lingüístico (Hockett, 1967; Laver, 1969; Levelt, 1983, 1989; Postma, 2000). Nesta perspectiva, tanto a identificação dos problemas a serem corrigidos quanto a produção de

⁴ "uma vez que na fala cotidiana – assim como se reconhece facilmente na fala em aprendizado – a imagem sonora sempre parece estar inconscientemente invervada, e – por assim dizer – vagar simultaneamente, tendo portanto, uma constante influência corretiva na sucessão das imagens motoras"(Wernicke, 1874 *apud* Blanken *et al.*, 1994) (Nossa tradução)

⁵ Segundo Gandolfo (2006:91), a Afasia de Condução, descoberta por Wernicke e também definida por Goldstein como afasia central, e por Luria, como afasia motora aferente, seria causada pela lesão da parte posterior e interna da fissura de Sylvius, com implicação freqüente do gyrus supramarginal. Tal síndrome se caracterizaria por debilidade na locução (porém próxima ao normal), compreensão auditiva e escrita quase normais, repetição impossível ou largamente deficitária, leitura em voz alta bastante deficitária e com a predominância de parafasias do tipo fonêmicas.

elementos corretivos, reformulativos, dependem do monitoramento da própria fala ou da de outrem a partir de mecanismos internos.

Postma (2000) procede a uma revisão dos modelos psicolingüísticos dedicados à explicação do monitoramento da fala, dividindo-os em três perfis teóricos. Não adentraremos com minúcia a discussão sobre as diferenças entre os modelos psicolingüísticos da correção, tarefa fora do alcance proposto por esta dissertação. Contudo, nosso interesse em traçar um paralelo entre a classificação proposta pela autora e o levantamento bibliográfico que fazemos no campo dos estudos sobre as afasias é de chamar a atenção à diversidade de tratamentos com foco em um tipo de consciência identificada no nível individual do monitoramento que esta na base das atividades de reformulação.

O primeiro tipo de modelo é aquele baseado na percepção, no qual o mesmo mecanismo – o sistema de compreensão da fala – é responsável pelo monitoramento da produção da fala, própria e alheia. Neste modelo um *loop* conceitual, um interno e um auditivo transmitem informação a um monitor consciente, responsável pela checagem da adequação da fala em curso. Neste primeiro tipo de modelo encaixam-se os trabalhos de autores como Levelt (1983, 1989). O segundo modelo, baseado na produção assume dispositivos autônomos de monitoramento, capazes de averiguar internamente os componentes de formulação internamente, posição defendida por Laver, por exemplo (1973). Por último, temos o modelo da teoria de estrutura de nós que analisa a detecção dos erros como "exfluxos" (*outflows*) dos padrões de ativação do sistema de nós, conforme hipotetizam Garnsey e Dell (1984). Como afirma Postma, tais abordagens são diferenciadas quanto a critérios de consciência, volição e controle, bem como sobre o número de canais de monitoramento e, quanto a estes últimos, velocidade, capacidade e grau de explicação para distúrbios de compreensão.

Hockett, em seu artigo "*Where the tongue slips, there slip I*" (1973 [1967]), apresenta três mecanismos essenciais que estariam na base da geração da fala, tanto da fala "homogênea" (*smooth*), quanto da fala "acometida por erros" (*blunderful*). Os três mecanismos descritos – analogia, *blending* e edição – são então examinados no objetivo de uma descrição lingüística do fenômeno conhecido

como lapso de fala. Este fenômeno era explorado por poucos linguistas até então, e por Freud, nos moldes de suas interpretações psicanalíticas⁶.

Hockett trata da edição como forma de correção aberta (*overt correction*), mecanismo pelo qual uma produção de fala pode ser anulada e substituída em situações de lapsos de fala. Também outro tipo de correção é possível na "geração primária" (*primary generation*) da fala, em que se corrige o fluxo interno da linguagem:

"Editing in the internal flow is COVERT EDITING. The norms reflected in this editing must themselves be the result of internalization, since there is no other possible source; but they can function differently here precisely because some of the internal is not mapped into overt speech. We very often think of something, during a conversation, that we decide not to say: norms have not prevented us of thinking of it – that is, have not prevented the internal flow from phrasing it, or beginning to – but lead us to decide to keep it to ourselves. In certain formal circumstances, covert editing is thorough, and overt speech is unusually smooth. Much more typically, what is actually said aloud includes various signs of OVERT EDITING." (Hockett, 1973 [1967]:119).⁷

Posteriormente, o trabalho de Laver (1973 [1969]) adensa a questão da relação entre a detecção e a correção de lapsos de fala, voltando a atenção para a função neural que viabiliza tais processos: a função de monitoramento. Como sistematiza o autor:

"Detection is a logical prerequisite to correction, and detection and correction together are taken to be evidence of a monitoring function in the speech-producing process. In distinguishing between detection and correction as aspects of the monitoring function, I am trying to lay the foundation of a view that I shall return to as my principal conclusion at the end of the article; namely, that the activities of scrutiny and revision are not the monopoly of the monitoring function, but an integral characteristic of all brain's processes for constructing and controlling speech-programs" (Laver, 1973 [1969]:134).⁸

⁶ Os clássicos trabalhos de Sigmund Freud sobre os lapsos lingüísticos são bem representados pelo capítulo "Lapsos de Língua", em sua obra "Psicopatologia da Vida Cotidiana" (1901). O interesse do psicanalista por tais fenômenos residia na possibilidade de investigar, através destas manifestações lingüísticas, manifestações de conteúdos inconscientes reprimidos.

⁷ "A edição do fluxo interno é chamada EDIÇÃO ABERTA. As normas refletidas nesta edição devem elas mesmas serem resultado de internalização, uma vez que não há outra fonte possível; mas elas (as normas) podem funcionar diferentemente aqui neste caso precisamente porque parte do (fluxo) interno não é mapeada na fala aberta. Nós, muito freqüentemente, pensamos em algo durante uma conversação que decidimos não dizer: as normas não puderam nos impedir de pensar nisto – ou seja, não impediram o fluxo interno de frasear isto, ou de começar a fazê-lo – mas nos levou a decidir a guardar isto para nós mesmos. Em certas circunstâncias formais, a edição coberta é meticulosa e a fala aberta pouco usualmente fluente/homogênea. Muito mais tipicamente, o que é de fato dito contém vários sinais de EDIÇÃO ABERTA." (Nossa tradução)

⁸ "A detecção é um pré-requisito lógico para a correção, e detecção e correção conjuntamente são tomados como evidência de uma função monitoradora no processo de produção de fala. Ao distinguir entre detecção e correção como aspectos da função monitoradora, estou tentando estabelecer as bases de um ponto de vista ao qual devo retornar como minha principal conclusão ao final deste artigo; a saber, que as atividades de escrutínio e revisão

Para Laver, a geração da fala apresenta as funções de ideação, planejamento de programa neurolingüístico, execução miodinâmica e monitoramento⁹. Revisando a distinção feita por Hockett (1967) entre edição encoberta e aberta, Laver situa a primeira no nível do planejamento, enquanto a segunda é verificada no nível do monitoramento. Para Laver, planejamento e monitoramento são funções distintas mas intimamente relacionadas, ao ponto de apresentarem-se como manifestações de uma mesma função superior, de natureza neural:

"Such a major function would be in the nature of a central control function, able to take decisions at the highest level, with access to the idea, to all types of long- and short-term storage concerned with speech-production, and to all levels of the process of generating a particular utterance" (Laver, 1973 [1969]:141).¹⁰

Embora não se dedique a dados de patologias lingüísticas, Laver não deixa dúvidas sobre o interesse desta realidade, bem como daquela oferecida pelos dados aquisicionais, como "evidência potencialmente valiosa para a construção de um modelo neurolingüístico do cérebro adulto normal" (*op.cit.*, p. 133).

Os trabalhos de Levelt (1983, 1989) são também representativos da abordagem psicolingüística e serviram de base e contraponto para vários estudos sobre o fenômeno no contexto afasiológico. Em seu artigo "*Monitoring and self-repair in speech*" (1983) e na obra "*Speaking: from intention to articulation*" (1989), Levelt avança passos para a formulação de uma teoria sobre o monitoramento da fala, tendo em foco a atividade de correção, ou reparo, analisando um corpus de 959 ocorrências "espontâneas" de auto-reparo¹¹.

Em sua teoria do monitoramento (*Perceptual Loop Theory of monitoring*), Levelt (1983, 1989) argumenta que a detecção de erros na própria fala tem o mesmo procedimento que a identificação de erros na fala alheia. O *output* proveniente de um processo de *parsing* feito pelo falante passa pela checagem de um monitor

não são monopólio da função monitoradora, mas uma característica integral de todos os processos do cérebro para construir e monitorar programas de fala". (Nossa tradução)

⁹ Nossa tradução para "1) Ideation; 2) Neurolinguistic program-planning; 3) Myodynamic execution; 4) Monitoring" (Laver, 1973 [1969]:136).

¹⁰ "Tal função maior faria parte da natureza de uma função central de controle, apta a tomar decisões no mais alto nível, com acesso à idéia, a todos os tipos de estocagem de longo e curto prazo relativa à produção de fala, e a todos os níveis do processo de geração de um enunciado particular." (Nossa tradução)

¹¹ Os dados de Levelt (1983, 1989), em sua grande maioria, provêm de um experimento reportado em Levelt (1982), no qual sujeitos foram instruídos a descrever uma série de figuras compostas de padrões de pontos coloridos interligados, de modo a fornecer suas direções ortogonais.

central, localizado no componente conceitualizador da produção da fala. Dois tipos de *loops* são responsáveis pela identificação de erros: um *loop* interno (pré-articulatório), responsável pelas correções encobertas, e um externo (pós-articulatório), responsável pelas correções abertas. A estes *loops* é que Levelt atribui o monitoramento da fala.

Como elemento importante para uma teoria do monitoramento e do auto-reparo, Levelt também chama atenção ao critério seqüencial da correção. Interessado em propor uma teoria sobre monitoramento e planejamento da produção da fala, Levelt explora a regra postulada por Noteboom (1980), a partir da qual *o fluxo da fala deve ser interrompido imediatamente ao ser detectado o problema*. Neste âmbito, podemos apontar duas questões relevantes para o autor: a relação temporal entre detecção do erro e interrupção e a maneira pela qual o falante sinaliza ao interlocutor a existência de um problema e a eminência do reparo. A partir dos exemplos que reúne para análise, Levelt observa uma tendência confirmativa da regra de Noteboom, chamando atenção, no entanto, para o fato divergente de que os falantes podem, sim, optar por terminar a frase em construção para então iniciar o reparo do problema de formulação.

O monitoramento da própria fala ou da fala alheia fornece ao falante as restrições (*constraints*) ao que será produzido a seguir, seja esta produção um novo enunciado qualquer, como uma resposta a uma pergunta, ou então, a correção de um problema identificado por um dos interlocutores. A transferência e a reutilização de elementos estruturais das formulações anteriores a uma correção, segundo Levelt, possibilita ao falante um ganho na fluência e no estabelecimento de coerência discursiva em benefício do interlocutor.

A partir dos dados analisados em seu trabalho, Levelt (1983) estipula os elementos essenciais de um reparo prototípico. A primeira parte identificada é o enunciado original: o item a ser reparado (*trouble spot* ou *reparandum*) encontra-se predominantemente no enunciado original e pode ser desde um som da fala até todo um segmento de texto. Levelt delimita esta unidade, o enunciado original, da fronteira da última sentença até o momento da interrupção do fluxo da fala para "edição" (*editing*), durante ou depois do *reparandum*. A segunda parte do reparo, chamada pelo autor de "fase de edição" (*editing phase*), é observada na presença de hesitações ou pausas prolongadas que podem contar ou não com "termos de edição" (*editing terms*), como "ahn", "bem", "então", *etc.* A terceira parte constitui o

reparo propriamente dito, embora o autor chame atenção para o fato de que o termo reparo não se refira somente à substituição de um termo "errado" por um "correto", mas sim, a qualquer tipo de problema de formulação.

Os tipos de reparo descritos por Levelt (1983, 1989) são elencados de acordo com os principais aspectos da fala que constituem alvos possíveis do monitoramento. Seguem as possibilidades arroladas pelo autor, com seus respectivos exemplos:

a) é esta a mensagem/conceito que quero expressar agora?

We go straight on, or – we enter via red, then go straight on to green.

Tell me, uh what – d'you need a hot sauce?

(de Schegloff, 1979)

b) é esta a maneira como eu quero falar isso?

To the right is yellow, and to the right – further to the right is blue.

Hey, why didn't you show up last week. Either of you two.

(de Schegloff *et al.*, 1977)

c) o que estou dizendo é adequado aos padrões sociais?

Para este tipo de reparo, Levelt não apresenta dados de seu *corpus*, exemplificando com exemplos alusivos à escolha de "registro" observada no uso de "*policeman*" em preferência a "*cop*" no ambiente de corte judicial, algo semelhante à diferença observada entre "policial" e "tira", no português brasileiro. Além do exemplo, Levelt remete os leitores ao trabalho experimental de Motley *et al.* (1982), sobre o monitoramento de palavras tabu.

d) estou procedendo a um erro lexical?

Left to pink – er straight to pink.

Well, let me write it back – er, down, so that...

(de Levelt e Cutler, 1983)

e) minha sintaxe e morfologia estão corretas?

What things are this kid – is this kid going to say incorrectly?

(de Levelt e Cutler, 1983)

Why it is – why is it that nobody makes a decent toilet seat?

(Fay, 1980)

f) estou procedendo a um erro de forma sonora?

A unut – unit from the yellow dot

...from my prOsodic – prosOdic colleagues

(de Culter, 1983)

g) minha articulação tem velocidade, volume, precisão e fluência adequados?

Para esta modalidade, Levelt também não oferece exemplos, embora afirme que há evidências de que tais tipos de monitoramento apresentem maior frequência em reformulações provocadas por interlocutores, ou seja, em hetero-correções.

Uma vez que, no auto reparo, o falante tem que detectar um problema, interromper sua produção e prover o ouvinte com uma outra que soluciona o problema encontrado na primeira, Levelt identifica uma relação importante entre os processos de percepção e produção neste fenômeno. O autor alerta para a possibilidade de refinamento do tipo de alvo do auto-monitoramento, concluindo que "os falantes podem monitorar quase qualquer aspecto da própria fala" (1989:463).

Garnsey e Dell (1984) dedicam-se às afasias partindo do princípio de que "um dos objetivos da Neurolingüística é identificar sintomas afásicos ao interrompimento de componentes em modelos psicolingüísticos" (*op.cit*, p.64). Revisando estudos dedicados ao modelamento da produção normal de sentenças, como Levelt (1983), os autores colocam à prova o modelo de produção de sentença proposto por Garret (1980), fornecendo evidências da necessidade de um componente de edição pré-articulatório no modelo psicolingüístico deste último.

O debate de Schlenk *et al.* (1987) dirige-se a Levelt (1983) no que diz respeito a sua modelagem do monitoramento ser baseada completamente na compreensão.

Comparando dados de sujeitos afásicos e não-afásicos, este artigo focaliza o fenômeno do "preparo" (*prepairs*) como evidência de outras funções de monitoramento que não apenas baseadas na detecção dos erros, conforme prediz o modelo leveltiano.

Até aqui, fica claro o esforço analítico das abordagens psicolingüísticas da reformulação. A fala é ordinariamente disfluente, seja em seu contexto normal ou patológico. Para estes diferentes contextos, contudo, é possível prever uma continuidade na qual a modelagem de um fornece explicações para o outro, já que em ambos os casos observa-se a atuação de um sistema de monitoramento que continuamente detecta as disfluências e fornece correções quando necessárias. Se, como atestam Garnsey e Dell (1984) e Hartsuiker *et al.* (2004), o modelamento deste complexo processo é um dos objetivos da Neurolingüística, cabe apenas notarmos que um interesse em aplicações clínicas também perpassa esta disciplina.

Dentro das abordagens psicolingüísticas dos fenômenos por nós ditos reformulativos, encontramos ainda aqueles estudos mais dedicados ao aspecto clínico da investigação da reformulação. Marshall e Tompkins (1982) recuperam alguns estudos da bibliografia até então produzida sobre o assunto, atentando para o interesse explicativo e de diagnóstico desde Alajouanine (1954) e Wepman (1958), autores interessados na evolução do reconhecimento de erros como índices de prognóstico para recuperação dos sujeitos.

Marshall e Tompkins (*op. cit.*) também abordam a correção do ponto de vista do sistema individual de auto-monitoramento, observando diferenças entre as auto-correções levadas a cabo por diferentes grupos de afásicos, classificados com relação à fluência e ao tipo de afasia. Os autores descrevem o que chamam de comportamento de auto-correção verbal, definido como "uma reação comportamental a uma resposta errônea ou a uma insatisfação com a qualidade de uma resposta pretendida" (1982:292). De acordo com a hipótese defendida no trabalho, tais comportamentos sinalizam o quão intacto se apresenta o sistema individual de auto-monitoramento e também fornecem índices sobre a tolerância dos sujeitos quanto às suas produções qualitativamente afetadas por seus déficits verbais.

Interessados em adensar a relação entre estes comportamentos corretivos e a questão da fluência, Marshall e Tompkins (1982) procedem a um estudo experimental, restrito a 10 tarefas verbais de respostas curtas, similares às

encontradas em baterias de testes tradicionais utilizadas com finalidade de aferimento diagnóstico, contendo tarefas de repetição de palavras, nomeção, "*visual confrontation naming*" e atividades de completar frases. Comparando quarenta e dois afásicos a um grupo controle de oito sujeitos não-afásicos, o estudo analisou seis diferentes tipos de comportamento de auto-correção, restringindo-se à produção afásica, uma vez que, em vista das tarefas exigidas, o grupo controle teria produzido predominantemente respostas corretas, não procedendo a correções. Segue abaixo a classificação dos autores, acrescida de seus respectivos exemplos:

a) correção imediata:

(target: *fifteen*) *Fa, fifteen, yeah fifteen.*

(target: *alligator*) *Uh, let's see, afa, alligator.*

b) correção laboriosa:

(target: *brown*) *Fuh, for, bore, band, uh, born, bon-brown, brown. Whew, that's a hard one.*

(target: *chalk*) *Um, um sh, shalk, ch, chalk.*

c) correção calcada em pistas:

(target: *kitchen*) *Oh that's chick, chicken, – let's see, living, parlor, kitchen.*

(target: *bell*) *Ding a ling (gesture), a bell.*

d) erros múltiplos percebidos:

(target: *rough*) *R-roof, foor, ro, un tough – that's wrong.*

(target: *file cabinet*) *Uh, drawer, – it's a calli, – almost bifold, (shakes head).*

e) múltiplos erros:

(target: *car*) *Kuh, C-A-R.*

(target: *money*) *Mun, mm-mun.*

f) erro único percebido¹²:

(target: *artillery*) *Artillry, awful close.*

¹² Nossa tradução para "immediate correction", "effortful correction", "cued correction", "acknowledged multiple errors", "multiple errors", "acknowledged single error" (Marshall e Tompkins, 1983:296).

(target: *iron*) *Water, I don't know.*

Na classificação de Marshal e Tompkins (1982), assim como na de Levelt (1989), se faz notar a orientação cognitivista clássica (*cf.* Koch e Cunha-Lima, 2004), desconsideradora do papel explicativo dos aspectos sociais na construção teórica de seus modelos. Não importa qual aspecto (intencional, formulativo, pragmático) identificado nas atividades de correção, sua constituição é mental no nível do indivíduo e seu sistema de auto-monitoramento.

O monitoramento investigado pelos diferentes modelos acima aludidos é sempre atribuído a um componente interno responsável pela identificação do erro. É a partir de tais componentes que a percepção de uma produção problemática e a produção de uma alternativa "corretiva" ou reformulativa, se dá. Ou seja, de maneira geral, na qual se incluem todos os modelos psicolinguísticos aqui reunidos, o intuito maior da investigação sobre o fenômeno da correção ou do reparo é a explicação do processo de tradução do pensamento, dos conteúdos internos à fala articulada, na qual estão implicados processos cognitivos, linguísticos e motores.

O que percebemos, então, é que neste campo teórico, a discussão sobre a reformulação e o auto-monitoramento na linguagem afásica e não-afásica, ecoa a tentativa de explicação e modelamento da relação reguladora que existe entre componentes internos e externos na produção linguística, ou seja, a codificação do cognitivo para o linguístico.

Se a disposição teórica examinada acima reflete tipicamente a tradição cognitivista clássica, encontramos um contraponto a esta na tradição que desemboca na corrente de pensamento definida largamente como sócio-cognitiva, ou sócio-cultural. Reputando esta tradição a um de seus principais expoentes, o psicólogo soviético Lev S. Vygotsky, podemos tomar a noção de regulação em uma perspectiva preocupada com os aspectos multifuncionais e sócio-gênicos das relações entre linguagem e cognição.

Para essa ação reguladora concorrem, pois, não apenas processos linguísticos ou cognitivos isoladamente. O tipo de regulação que relaciona linguagem e cognição na perspectiva vygostkiana prevê para a primeira – tomada como constitutiva das experiências humanas – um papel genético nos processos de internalização, relacionando fortemente conteúdos externos e internos. Responsável pela mediação entre o social e o individual, a linguagem tem para Vygotsky, dois papéis frente à

funções cognitivas superiores, como examina França (1987): "por um lado a linguagem permite o desenvolvimento da capacidade de abstração e categorização, por outro ela permite a auto-regulação do comportamento" (*op.cit.*, p.188).

De Vygotsky, a propósito, citamos a passagem abaixo:

"At a higher level of development, however, mediated relations among people emerge. The essential feature of these relations is the sign, which aids in establishing this social interaction"(1981:160).¹³

Morato (1996), que também analisa o constructo teórico de Vygotsky, com foco em suas explicações sobre a função reguladora da linguagem pondera:

"Ao afirmar que o significado das palavras (word meaning) é praticamente a origem da ação reguladora da linguagem, Vygotsky sugere que todo pensamento verbalizado é (auto) regulador. Não se trata de algo puramente metacognitivo: a organização interna da linguagem é fundamentalmente estruturada pelas regularidades enunciativo-discursivas constantes nas interações humanas."(1996:56)

Como descrevem França (1987) e Morato (1996), dentre os teóricos dedicados a um desdobramento das formulações de Vygotsky sobre a função reguladora da linguagem, o psicólogo soviético Alexander Luria, colaborador de Vygotsky privilegiou a forma interior da linguagem interna como reguladora das relações entre linguagem e cognição. Morato (1996), de seu turno, assinala a simplificação – de ordem fisiológica, da interpretação de Luria, cuja ênfase recaiu sobre aspectos cerebrais responsáveis pela função reguladora da linguagem.

Outro autor pode ainda ser evocado com respeito a uma herança do pensamento vygotskiano na atualidade é Michael Tomasello, autor para o qual a linguagem é um tipo atividade de atenção conjunta de caráter regulador, similarmente ao concebido por Vygotsky. A respeito da concepção tomaselliana, claramente inspirada em Vygotsky, citamos a passagem abaixo, relacionada ao que Tomasello denomina "função estruturante da linguagem":

" [...] a aquisição de uma língua natural faz mais que expor crianças a informações culturalmente importantes. Adquirir uma língua natural também serve para socializar, estruturar culturalmente a maneira como as crianças habitualmente percebem e conceituam diferentes aspectos do seu mundo. Ao tentarem compreender atos de comunicação linguística dirigidos a elas, as crianças entram em processos muito especiais de categorização e perspectivização conceitual. É claro que a linguagem não cria essas

¹³ "Em um nível superior do desenvolvimento, contudo, emergem relações mediadas entre as pessoas. A característica essencial destas relações é o signo, que contribui no estabelecimento desta interação social."(1981:160). (Nossa tradução)

capacidades cognitivas fundamentais [...] Mas a linguagem acrescenta outro conjunto de categorias e perspectivas conceituais ao repertório humano – categorias e perspectivas com vistas à comunicação lingüística”(1999:232)

1.3 – Metalinguagem e reformulação em uma perspectiva sócio-cognitiva

As propostas primeiramente analisadas neste capítulo têm em comum o foco em uma explicação psicológica, mentalista da reformulação. À maneira de autores como Levelt (1983, 1989), assume-se que é possível ter acesso à fala exteriorizada, bem como à linguagem interna graças a interações entre o processo de codificação (e todos seus componentes, dos intencionais aos contextuais) e o sistema de monitoramento. As disfunções destes processos, tanto da linguagem afásica quanto da afásica, são abordadas no nível lógico-representacional da linguagem.

Uma vez que estamos interessadas, nesta dissertação, em redimensionar a relação entre reformulação e processos reflexivos para a análise de dados envolvendo sujeitos afásicos e não-afásicos em interação, procuramos explorar uma alternativa explicativa para a dimensão lingüístico-cognitiva do fenômeno em questão. A partir de uma perspectiva sócio-cognitiva, toma relevo no terreno de nossos interesses analíticos a inseparabilidade entre processos lingüísticos e cognitivos, ou entre metalinguagem e epilinguagem. Nesta seção, chamamos a atenção para a potencialidade explicativa da noção de metalinguagem para os movimentos reflexivos implicados nas atividades de reformulação nas afasias, contrastando o papel regulador de conteúdos cognitivos sobre a linguagem com aquele que a própria linguagem exerce.

Pudemos observar, na seção anterior, a maneira pela qual as abordagens cognitivistas elegem o auto-monitoramento, ou melhor, a linguagem interna como categoria explicativa para os processos reformulativos nas afasias, ecoando a tradição de uma concepção representacionalista da linguagem, clássica no campo da Afasiologia. (cf. Françoze, 1987). Contudo, a relação regulativa entre "linguagem interna" e "linguagem externa" pode também ser explorada através de outra noção importante no campo da Neurolingüística: a noção de metalinguagem.

A abordagem dos fenômenos metalingüísticos que envolvem uma consciência do sujeito sobre o objeto lingüístico assenta suas bases primeiramente na Lingüística (em autores como Jakobson e Benveniste), e posteriormente na Psicolingüística desenvolvida na década de 1980, com especial interesse nos processos

aquisicionais da linguagem – conforme os trabalhos de Gombert (1990) e de Lemos (1997), por exemplo.

De Lemos (1997), interessada nos processos aquisicionais, coloca em discussão a relação entre atividade consciente e inconsciente quanto ao manejo da linguagem enquanto objeto, ou, quanto às habilidades metalingüísticas. Como aponta a autora, tanto a expressão anglófila "*awareness of language*" quanto a francófona "*conscience metalinguistique*" apresentam ambigüidade no sentido de que tanto podem ser entendidas como uma atividade consciente sobre a linguagem como objeto de atenção/ reflexão, quanto um tipo de conhecimento tornado acessível ao próprio falante de modo explícito.

Uma das conseqüências gerais seria a dificuldade em separar os fenômenos que servem de evidência de uma competência metalingüística e o que é a competência metalingüística ela mesma. Para as afasias, em especial, tomar uma coisa pela outra, ou ainda, separá-las de maneira estanque significaria afirmar dos sujeitos uma inabilidade para o uso reflexivo da linguagem.

Na Neurolingüística, o enfoque inaugural do fenômeno afásico como um "problema de metalinguagem" é de responsabilidade de Jakobson, autor atento aos déficits analisados na linguagem afásica relativos às habilidades de manejo do sistema lingüístico. Desde os estudos lingüísticos de Jakobson sobre as afasias (1954, 1960, 1975), a tomada do fenômeno como uma questão de metalinguagem, deslocou o tratamento de uma questão atribuída anteriormente a conteúdos internos, estritamente cognitivos para o tratamento também de sua relação com língua, domínio observável da metalinguagem. Além disso, este movimento teórico colocou em destaque a essencialidade dos processos referenciais na fala patológica, assim como eram, de maneira amplamente reconhecidos na fala não-patológica.

Apesar da incorporação deliberada da noção de metalinguagem por Lebrun (1983) como conceito potencialmente explicativo para a Neurolingüística, a crítica que pode ser dirigida à teorização jakobsoniana diz respeito justamente a seus limites. Malgrado sua orientação particularmente funcionalista, na qual Jakobson situa a função metalingüística como de ampla importância na linguagem cotidiana, a função metalingüística postulada pelo autor restringe-se a operações metalingüísticas realizadas sobre a língua, sobre o código.

Na Psicolingüística, a noção de metalinguagem recebe uma interpretação mais explicitamente cognitiva; a linguagem enquanto objeto é principalmente aquela tomada como objeto de atenção e consciência. Neste caminho, psicolingüistas como Gombert (1990) tomaram para este campo o conceito de *epilinguagem*, cunhado por Culioli (1968) com o objetivo de diferenciar atividades metalingüísticas e epilingüísticas quanto aos diferentes níveis de consciência do sujeito sobre o objeto lingüístico. Segundo Culioli, as primeiras seriam definidas como "atividade metalingüística consciente" e as últimas definidas como "atividade metalingüística não consciente", responsáveis pelas negociações de sentido, reelaborações, correções, *etc.*

Tornou-se clássico citar Culioli, autor para quem as *atividades epilingüísticas* seriam aquelas atividades que, ao tomar as próprias expressões usadas por objeto, suspendem o tratamento do tema a que se dedicam os interlocutores para refletir sobre os recursos expressivos que estão usando. Como acrescenta Morato, as operações epilingüísticas estariam “sempre presentes nas atividades verbais e se manifestariam em negociações de sentido, hesitações, auto-correções, reelaborações, rasuras, pausas longas, antecipações, lapsos, *etc.*”. De sua feita, as operações ou *atividades metalingüísticas* são caracterizadas por falarem conscientemente da língua, não tomando a linguagem “como objeto enquanto reflexão vinculada ao próprio processo interativo”, analisando a linguagem “como construção de conceitos, classificações, *etc.*”. As operações metalingüísticas, assim, seriam as que “definem parâmetros para decidir sobre questões como erro/acerto no uso da linguagem, pronúncia correta, construção adequada de sentenças ou de utilização dos recursos lingüísticos” (Morato, 2005: 247-248).

A relação entre reflexão e ação com respeito à linguagem proposta pelos trabalhos abordados na seção anterior pode ser identificada, no termos de Morato (2003), como aquela postulada por autores que separam o componente meta da linguagem. Nestas perspectivas ele estaria equalizado com um mecanismo interno, cognitivo – quer seja um *loop* de *feedback*, quer seja um mecanismo de ativação de nós. No que diz respeito às afasias, o comumente chamado "comportamento verbal" corretivo diz respeito a uma questão de processamento, em seus diversos níveis. Em outras palavras, para essas abordagens a questão da reformulação permaneceria como uma questão de "linguagem interna" (*cf.* França, 1987).

Nosso trabalho persegue, em contraste às abordagens internalistas, o objetivo de demonstrar que a organização destes processos apresenta regularidades em situações interativas envolvendo pessoas afásicas e que estas regularidades dependem de uma competência alterada, mas não perdida nas afasias: uma competência pragmático-discursiva de atuar reflexivamente com e sobre a linguagem, de forma mais ou menos consciente.

Seguimos aqui a proposta de Morato, que postula uma alternativa ao tratamento do dualismo metalinguagem/epilinguagem possível em uma perspectiva que denomina sócio-cognitiva. Dentro de tal perspectiva a autora observa previstos movimentos teóricos que:

- i) levam em conta as manobras lingüístico-discursivas dos sujeitos nas práticas discursivas, não reduzindo a metalinguagem a operações metalingüísticas, nem a reflexividade relativamente à linguagem a uma propriedade do sistema lingüístico *stricto sensu* ou a um domínio mental (intuitivo, natural);
- ii) partem da consideração de que, ainda que nem toda operação epilingüística seja meta-enunciativa, toda meta-enunciação não deixa de prever uma reflexão do tipo epilingüístico, chegando mesmo a constituir-se a partir da existência dela. (Morato, 2005:251)

Quais seriam as conseqüências de tal alternativa teórica para um estudo das atividades de reformulação na conversação e, em especial, em interações verbais de que participam sujeitos afásicos?

Como aponta Morato (2003, 2005), investigar o caráter mais ou menos consciente da metalinguagem (tomada num sentido amplo), permite observar na afasia não uma perda estrita da capacidade reflexiva ou do controle da referência. “O que pode tornar-se problemático nas patologias de linguagem é precisamente a consideração do conjunto ou a seletividade dos diferentes fatores implicados na referenciação, sobre os quais os sujeitos se apóiam e trabalham coletivamente para dar inteligibilidade às coisas do mundo” (Morato, 2003:579).

Ainda de acordo com Morato (2001), uma visão que não dicotomiza linguagem e metalinguagem é também uma visão anti-referencialista, que questiona o caráter representacional da linguagem, o que significa, entre outras conseqüências, recusar que exista identificação direta entre o nosso conhecimento da linguagem e aquele que temos do mundo.

Não reduzida a parâmetros lógico-semânticos, a linguagem não pode ser vista como submetida a uma ordem que não é a dela mesma, como uma ordem puramente cognitiva, por exemplo (cf. Morato, 2001). Nesta perspectiva, propõe-se reinterpretar a noção de metalinguagem pelo prisma da enunciação, o que significa tomar a linguagem como uma atividade em torno da qual tais processos de ordem meta se reúnem, com graus de consciência distintos sobre o objeto lingüístico, dependendo a um só tempo de vários processos de significação (verbais e não-verbais) e da qualidade interativa do falante com o outro, com o mundo social e consigo mesmo.

As conseqüências de uma tal perspectiva para a noção de competência metalingüística na perspectiva a que nos afiliamos serão empiricamente observadas em nossas análises, momento em que teremos feito uma revisão das possibilidades aventadas no interacionismo, a partir da qual consolidaremos nossas escolhas teórico-metodológicas para a análise do fenômeno em foco.

Essa inspeção parte precisamente dos trabalhos desenvolvidos a partir da orientação textual-interativa e dos estudos etnometodológicos da conversação. Este campo, teórico-metodológico, aliás, tem se dedicado às afasias há algumas décadas, refletindo sobre fenômenos da linguagem que nós nomeamos aqui reformulativos (mais precisamente epilingüísticos). A consideração crítica desta corrente analítica será também abordada, chamando-se atenção aos ganhos de uma perspectiva da conversação de bases lingüístico-enunciativas.

CAPÍTULO II

Da reformulação nos estudos interacionais sobre as afasias

2.1. – As abordagens interacionais da reformulação

As abordagens conversacionais, como veremos, tomam a reformulação de um ponto de vista marcadamente interacional. Podemos observar o fenômeno alocado entre as práticas *reparo* (na perspectiva etnometodológica) e também conceituado como *atividades de reformulação* propriamente (na perspectiva textual-interativa), englobando correções, paráfrases e certos tipos de repetição.

Como veremos, ambas as perspectivas oferecem um aparato teórico-metodológico para o estudo do fenômeno considerado, dentro de contextos lingüístico-interacionais, preocupando-se com a construção colaborativa das interações lingüísticas. Cabe-nos a tarefa de delimitar seus pontos de contato e diferença a partir do que expomos abaixo. Aqui, novamente, perseguimos a meta de relacionar a reformulação ao tipo de reflexividade que diz respeito ao uso da linguagem em interações face-a-face, com vista a explorar esta realidade na emergência destas atividades no ambiente empírico afasiológico

2.2. – Correção e reparo na análise etnometodológica da conversação

Como nos lembra Orecchioni (2006), o interesse da corrente etnometodológica é "de descrever os 'métodos' – procedimentos, saberes e técnicas – que os membros de uma dada sociedade utilizam para gerir como convém o conjunto de problemas comunicativos que eles têm de resolver na vida prática" (*op.cit.*, p.20). No caso da análise conversacional etnometodológica, como designa a autora, o foco está na "tecnologia da conversação", nas técnicas a que recorrem os participantes para gerir suas trocas.

Antes de nos dedicarmos à observação do tipo de deslocamento promovido pela Lingüística Interacional, mais especificamente perspectiva etnometodológica no estudo sobre o reparo e a correção nas afasias, cabe situarmos suas noções principais, postuladas pelos trabalhos basilares de Sacks, Schegloff e Jefferson (1977), Jefferson (1987), Schegloff (1992), entre outros.

Dentro de tal perspectiva, o estudo colaborativo e influente de Sacks, Schegloff e Jefferson (1974, 1977) se desenvolveu a partir do interesse na organização seqüencial da conversação cotidiana, nas relações de coerência, na trajetória das ações e nos mecanismos de "correção" destas ações, denominados mecanismos de reparo. Ao lado do sistema de tomada de turnos (dentro do qual os falantes se regulam seqüencialmente na interação mediante certas regras), o sistema de reparo é considerado uma "organização genérica" das práticas conversacionais, pois como observa Marcuschi (1986), apesar do caráter empirista da orientação, a Análise da Conversação "visa a asserções universais", pretendendo delimitar regras "livres de contexto" e "sensíveis ao contexto".

Caracterizado por Schegloff *et al.*, no clássico artigo "*The preference for self-correction in the organization of repair in conversation*" (1977), como "o mecanismo de auto-retificação para a organização do uso da linguagem em interação social", o reparo permite aos falantes que corrijam suas falas que, de alguma maneira, apresentam problemas para a interação ou mesmo reparem problemas seqüenciais relativos às trocas de turnos.

Segundo Schegloff *et al.* (1977), uma seqüência prototípica de reparo consiste, minimamente, do "reparável" e do reparo propriamente dito. O reparável é o elemento que contém a fonte de problema (*trouble source*) e o reparo é a solução, ou antes, a tentativa de solução do problema encontrado.

De acordo com a definição de Schegloff *et al.* (1977) os conceitos de "reparo" e "correção" não se confundem, sendo a segunda uma das operações possíveis para que se efetue o primeiro. A correção, para estes autores, refere-se a um tipo particular de reparo, no qual um item "errado" é substituído por um item "correto" (1977: 363). Ou seja, a "correção" vem a substituir um item lexical considerado errôneo ou indesejado por um dos participantes da interação. O reparo designa uma prática mais abrangente, que tem como objetivo a resolução de qualquer problema que apareça na interação em curso. Cabe ainda notar que o termo "reformulação" propriamente é convocado por Schegloff (1992) para especificar um dos tipos de operação de reparo observáveis para o reparo em terceira posição, e diz respeito a "*a resaying of the same thing in different words*" (*op.cit*, p.1310).

Dentro desta perspectiva, Loder *et.al.* (2002), Garcez e Loder (2005), Loder (2006), Loder (2008), interessados na descrição das práticas de reparo para interações em Português brasileiro, exploram a diferença entre reparo e correção

apontada acima. De Loder (2008) tomamos emprestados os dados ilustrativos abaixo:

(1)

01 Milene: daí::: eu não se:i (0,2) é- (0,3) é quarta e
02 domingo né,
03 Camila: quarta e domingo
04 (0,2)
05 Milene: daí::: eu não sei de que dia que foi eu sei que era da
06 Ma::rta

(2)

01 Léo: o marido da-
02 (1,5)
03 Léo: da Jô é que sabe.
04 (0,2)
05 Milene: mm. (0,8)=((engolindo alimento))Ju:

De acordo com Loder (2008), afinada com os postulados da Análise da Conversação Etnometodológica, no excerto (1) acima temos um exemplo de prática de reparo, iniciada na linha 01, em que Milene interrompe a construção de seu turno para resolver um problema de "quando são publicadas as crônicas do colunista do jornal". Contudo, o exemplo não configura uma correção, observada apenas no segundo excerto, em que ocorre a substituição do item Jô por Ju, como resultado de um reparo.

Outra relevante distinção, dentro da discussão sobre o reparo, foi estabelecida por Jefferson (1987), entre os tipos de correção quanto à sua emergência na seqüencialidade conversacional. Assim, temos a "correção exposta" em oposição à "correção encaixada". A primeira, exemplificada no exemplo (2) acima, segue a característica das técnicas prototípicas de reparo, suspendendo o curso da interação para tratar especificamente da reparação de um item problemático. Não é o caso da segunda modalidade, na qual a prática da correção não suspende as ações em curso, o que permite, como nos lembra Loder *et.al.* (2005), que a *ação* de corrigir seja desempenhada onde não se observa explicitamente a *prática* da correção. O exemplo com o qual ilustramos o evento é novamente de Loder (2008):

3

- 01 Fabiana: mas é dominada por porto alegre[né só:] tem gente de=
02 Larissa: [ai sim]
03 Fabiana: =°Porto Alegre°
04 Larissa: assim como Porto Be::lo aquela zona ali é só gaúcho só
gaúcho
05 Fabiana: só porto alegrens::e em especia:l

Segundo a análise de Loder (2008), na linha 04, há uma correção encaixada: "encaixando-se na ação de concordar com a avaliação de Fabiana, Larissa substitui o termo 'porto alegre[nse]' de Fabiana por 'gaúcho' (linha 04), ao que Fabiana ainda resiste, no turno da linha 05 (reafirmando seu termo 'porto alegre[nse]')" (*op.cit.*, p.98).

Para Schegloff *et al.* (1977) a seqüencialidade é o fator fundamental na organização da conversação e, conseqüentemente, na análise de *corpora* conversacionais, sendo detalhada com relação à operacionalização do reparo. Primeiramente, os autores diferenciam auto e hetero-reparo, argumentando a favor da preferência do primeiro sobre o segundo na organização conversacional. Além disso, distinção é feita quanto à iniciação e resultado – que pode se dar com sucesso ou não. A iniciação do reparo corresponde à sinalização do problema, e o resultado à sua solução (ao menos, a tentativa de).

Ainda quanto à seqüencialidade, importa aos autores delimitar em que espaços relevantes, dentro dos previstos pelo sistema de troca de turnos¹⁴, o reparo pode ter início. Estes espaços seriam, em ordem de preferência, o mesmo turno da fonte problema, o espaço de transição entre turnos, bem como o turno subsequente à produção "reparável". Novamente, não há aleatoriedade, o reparo é preferencialmente feito pelo mesmo falante que produz o item reparável, e no mesmo turno desta produção, em prol da continuação das ações em curso e do trabalho de preservação de face do outro participante.

Como postulam os autores (*idem*, p.377), as hetero-iniciações do reparo, que podem levar ao sub-tipo da hetero-correção, aparecem, preferencialmente, para providenciar ao falante da fonte de problema uma oportunidade para o auto-reparo, mesmo quando este segundo falante poderia fazer ele mesmo a correção daquele elemento.

¹⁴ Para uma exposição detalhada do sistema de troca de turnos a partir da perspectiva etnometodológica remetemos o leitor a Schegloff *et al.* (1974), e a Freitas e Machado (2008), para uma exposição em Português.

Norrick (1991) problematiza a noção de "preferência pelo auto-reparo" proposta por Schegloff *et. al.* (*op.cit*), observando que hetero-correções ocorreriam de acordo com as respectivas habilidades dos falantes para os diversos tipos de problemas encontrados. Privilegiando dados de interações entre pais e filhos e entre professores e alunos, o autor argumenta que as iniciações de correção se dariam de acordo, por exemplo, com a familiaridade do falante com o tópico, com a linguagem em uso, ou simplesmente pela contribuição interacional pretendida. Como veremos, também as análises de interações entre falantes afásicos e não-afásicos mobilizou a questão da operacionalização do reparo nos estudos etnometodológicos.

Ainda no mesmo trabalho, Schegloff *et al.* (1977) delimitam os três tipos possíveis de problemas a que o reparo se destina no curso das interações: reparo de substituição de palavra, reparo para referência à pessoa, reparo de seleção de falante na troca de turnos. Os autores preocupam-se em observar os lugares mais relevantes para tais diferentes práticas de reparo. O componente lingüístico, uma vez problemático, está sujeito ao reparo, via substituição, por exemplo.

Percebemos, até aqui, a orientação radicalmente praxeológica da abordagem, na qual a correção não se relaciona primordialmente à construção do sentido, mas sim, à construção e seqüencialidade de ações e gestos levados a cabo pelos falantes durante a interação.

A partir da década de oitenta, o número de trabalhos orientados por uma visada pragmática, freqüentemente filiados à perspectiva etnometodológica, cresce robustamente e assim também sua contribuição para os estudos das práticas lingüístico-interacionais envolvendo afásicos. Neste campo de aplicação dos preceitos etnometodológicos, o caráter colaborativo do reparo é vigorosamente colocado em evidência, reivindicando a presença do interlocutor na conversação, fator negligenciado pela maioria das abordagens psicolingüísticas dedicadas ao fenômeno na afasia, centradas no locutor.

Lubinski (1980), por exemplo, analisa interrupções e retomadas a partir do quadro teórico da Análise da Conversação, identificando seis grupos diferentes de reparo, entre eles, um grupo contendo correções, no qual a autora situa itens mal pronunciados rejeitados pelo parceiro conversacional do falante afásico. O grupo de correções é confrontado com o de repetições, aproximações fonológicas, perguntas tipo QU-, e seqüências de "*hint and guess*", por exemplo.

Ferguson (1992) também analisa práticas de reparo a partir de estratégias colaborativas de especulação (*guess*) em interações entre não afásicos e afásicos com dificuldades de encontrar palavras (*word finding difficulties*). Partindo da perspectiva etnometodológica e apoiando-se em Clark e Wilkes-Gibbs (1986), bem como em Hopper (1983), Ferguson analisa o papel de "palavras fornecidas" (*supplying words*) por parceiros na interação para a construção cooperativa da coerência na conversação.

Ferguson observa que para fornecer sugestões ao parceiro, para "fornecer-lhe palavras", é preciso que o participante possa formular hipóteses sobre a palavra almejada. Assim, a especulação (*guess*) de um parceiro depende do texto precedente de cada um dos parceiros, bem como contribui para o desenvolvimento em curso do texto.

Neste estudo, bem como em um posterior (1994), Ferguson identifica ocorrências de "palavras fornecidas", em seu *corpus* de transcrições, em meio a comportamentos descritos por Bremer *et al.* (1987) e Roberts (1988) como "indicativos de problemas" (*trouble-indicating behavior*), classificados em:

- comentário metalingüístico (comentário sobre a conversa);
- formação de hipótese (especulação sobre o que foi dito);
- repetição (*reprise*)/disfluência mínima (repetição e/ou revisão);
- falta de continuação (falha ao dar prosseguimento à conversação).

Em um estudo posterior ao que aludimos acima, Ferguson (1994) toma os dois primeiros tópicos como critérios de comparação quantitativa para a variação do tipo de reparo encontrado em conversações conduzidas em diferentes contextos de atividades envolvendo sujeitos afásicos. A mesma comparação é feita em prol da confirmação da hipótese da variação do reparo de acordo com a familiaridade existente entre afásicos e seus parceiros conversacionais.

Laakso (2003) analisa a linguagem de dois afásicos de Wernicke, um em situação "institucional", em conversa com uma fonoaudióloga e outro em conversação com sua esposa. Observando as conseqüências do tipo de reação dos interlocutores não-afásicos e situações de reparo laboriosas por parte dos afásicos, Laakso constrói sua argumentação.

Segundo a autora, nestas situações, os interlocutores podem ou não aderir à atividade de reparo. Dessas opções decorrem que: ou há adesão do interlocutor e o

problema é resolvido colaborativamente, ou o afásico fica obrigado a reparar o problema sozinho. Como conclui a autora:

"Thus, despite the similarity of aphasic speech problems, conversations will take different courses: the problem may be solved collaboratively by the actions of the interlocutor, or the aphasic speaker may extend his or her speaking turns in repeated attempts to resolve the problem. The production of extended speaking turns is thus interactive, rather than a simple manifestation of the underlying cognitive deficit that produced the aphasia." (op.cit, p.164)¹⁵

Ainda segundo Laakso, comparativamente aos reparos observados entre falantes não-afásicos, que ocupam em geral poucos turnos, os reparos de que participam afásicos costumam ser mais longos em vista, por exemplo, das freqüentes atividades de busca por palavras, comumente observada após uma interrupção e iniciação do reparo.

Ainda quanto à especificidade apontada pela autora nas práticas de reparo envolvendo afásicos, uma questão nos parece relevante dentro dos interesses de nosso recorte. Ao que parece, Laakso atribui uma qualidade mais propriamente lingüística aos reparos identificados neste contexto. Embora a questão não seja, naturalmente, submetida a um adensamento no artigo, que não se dedica a processos de significação lingüística, podemos chamar a atenção aqui para o caráter mais marcadamente "epilingüístico" observado pela autora nos reparos encontrados na linguagem afásica. Nas palavras da autora, *"the repair efforts focus on searching replacements for too general, erroneous, or missing expressions. In this respect, aphasic conversations differ from ordinary conversations where repairs are essentially used in social-interactive functions"* (ibidem).

Dentro desta mesma perspectiva, cabe ainda fazermos referência a um estudo em Português brasileiro, conduzido por Gonzalez (2004). A autora, em sua dissertação de mestrado dedica-se à descrição, em situações interativas entre falantes com afasia de expressão e não-afásicos, de um tipo adicional específico de reparo, o reparo-em-terceira posição. Esta prática particular de reparo, identificado e descrito por Schegloff (1987/92), como última oportunidade de realização do reparo pelo falante, pode ser identificado, por exemplo, quando o falante percebe na

¹⁵ "Assim, a despeito das similaridade dos problemas de fala afásicos (e não afásicos), as conversações tomarão caminhos diferentes: o problema pode ser resolvido colaborativamente pelas ações do interlocutor, ou o falante afásico pode estender seus turnos de fala em repetidas tentativas de resolver o problema. A produção estendida de turnos é, então, interativa, e não uma simples manifestação do déficit cognitivo subjacente e responsável pela afasia." (op.cit, p.164) (Nossa Tradução)

resposta ao seu turno algum índice de que aquele turno gerou má compreensão que o leva a reformular sua fala anterior.

Apoiada em estudos de mesma orientação teórica, voltados para a conversação com falantes afásicos, Gonzalez (*op.cit.*) discute, a partir de suas análises, a expectativa relativa à organização desta prática de reparo em Português. Assim, a autora observa uma velocidade menor na resolução do reparo bem como um predomínio de reparos bem-sucedidos alcançados colaborativamente, e em maior número de turnos. O tipo de reparo descrito no trabalho, com base em dados de práticas lingüísticas incluindo falantes com afasia de expressão, é justamente um exemplo de reparo de resolução menos rápida, observado com frequência entre interlocutores que apresentam patologias da fala (Schegloff, 1992 *apud* Gonzalez, 2004).

Como pudemos observar, as contribuições da Análise da Conversação para o estudo do reparo na Afasiologia em muito avançaram ao tomar para a análise dados interacionais colhidos em situações cotidianas de uso da linguagem. A preocupação desloca-se de uma perspectiva internalista, que conta com a modelagem do monitoramento da linguagem interna, para outra, radicalmente externalista, preocupada com as ações públicas que os sujeitos desempenham com instrumentos simbólicos, entre eles, a linguagem. A palavra-chave não é mais monitoramento (pelo menos não na superfície), mas sim intersubjetividade e interação.

Neste caminho, o que se apresenta nos estudos conversacionais sobre o reparo, dentro e fora dos interesses pela compreensão do fenômeno nas afasias, é a inclusão ativa do interlocutor, e, conseqüentemente do interesse pelas heteroreparações, como bem notou Ferguson (1994), em seu estudo sobre a variabilidade do reparo na afasia contingenciada a diferentes contextos de atividades.

Disso decorre que a afasia pode ser descrita não apenas em termos da afecção experimentada pelo sujeito cognitivo atitudinal, como observamos, do ponto de vista teórico e metodológico, nas abordagens psicolingüísticas anteriormente examinadas. O deslocamento que se opera em relação às abordagens psicolingüísticas se dá em função de uma explicação de um sujeito cognitivo para um sócio-cognitivo.

Ainda assim, como nos adverte Kerbrat-Orecchioni (2006 [1996]), a abordagem etnometodológica da conversação figura como uma entre outras correntes dedicadas ao estudo da linguagem em interação. A abordagem mencionada por Orecchioni como propriamente "lingüística", na qual situamos o presente trabalho,

será convocada a seguir com relação à problemática da reformulação. Partindo de perspectivas mais preocupadas com o vetor enunciativo da comunicação lingüística, mas também atentas à construção colaborativa da conversação, tais estudos preocupam-se em descrever as atividades de correção à luz do entendimento da produção de sentido no texto. Deste ponto de vista, as atividades de reformulação, cuja característica de re-elaboração destina-se a uma esfera maior do que a do 'erro', assegura também uma preponderante função interacional para a reformulação – a de garantir a intercompreensão (Gülich e Kotschi, 1983; Gaulmyn, 1987; Hilgert, 1993; Fávero, 1999; Koch, 2006).

Tal é o percurso que detalhamos a seguir, apontando os ganhos heurísticos das explicações fornecidas por perspectivas interacionais de orientação mais lingüística no estudo da reformulação.

2.3. – Atividades de (re)formulação textual nas abordagens textuais-interativas

Como já apontamos anteriormente neste capítulo, o interesse pela interação conversacional estabelece pontos de contato entre teorias etnometodológicas e textuais da produção discursiva. Como assinalam diversos autores como Orecchioni (1996), Berkenbusch (1995), Mondada (2008) e Morato (2004), juntamente às pesquisas etnometodológicas sobre a conversação, outras linhas de interesse desenharam-se a partir da paleta variada da "lingüística interacional", sendo uma delas a importante contribuição, dentro da Lingüística, da teoria da produção de textos orais e das gramáticas da oralidade. Esta linhagem de estudos aparece representada, entre diversos trabalhos, tanto por sua vertente francófona na "Escola de Genebra" (Roulet, 1987, Gaulmyn, 1987), quanto pela vertente germânica, representada por Gülich e Kotschi (1983, 1987, 1995) nos estudos desenvolvidos na Universidade de Bielefeld.

Precisamente quanto aos processos de formulação textual, Kotschi (1986) argumenta que, se de um lado foi positiva a contribuição dos etnometodólogos no esclarecimento sobre o caráter (inter)acional do discurso, é preciso avaliar criticamente as diferenças entre esta abordagem e as tentativas de elaboração de uma teoria da formulação (lingüística). O autor é bastante pontual sobre a diferenciação negligenciada na etnometodologia com respeito às noções de *ato* e

atividade e as conseqüências desta para o estudo da formulação interacional do texto:

"Dans les travaux des ethnométhodologues on ne trouve pas d'hypothèses explicites sur le caractère actionnel de la composition du texte. Des procédés comme COMPLETER, PRECISER, PARAPHRASER, THEMATISER, que l'on peut interpréter comme 'actes de composition textuelle', sont considérés comme activités au même sens que CONSEILLER, DEMANDER, etc. dont le statut d'acte de langage est reconnu depuis Austin et Searle. Les auteurs de l'analyse conversationnelle refusent de définir à priori différents types d'actes verbaux, parce qu'ils ont pour principe de n'établir ceux-ci qu'au terme de leur analyse. Pour identifier non seulement à l'intention que le locuteur veut exprimer, mais aussi et surtout à l'interprétation que l'interlocuteur en donne. On comprend que ces conditions on n'aut pas de raison d'établir une distinction théorique entre des actes comme CONSEILLER, DEMANDER etc. (c'est-à-dire les actes illocutoires) et d'autres types d'acte verbaux. Il s'agit d'un point de vue conforme à la critique faite de la théorie des actes de langage: la notion de communication se trouverait être trop restreinte, si on ne décrivait que les actes individuel de chaque partenaire. Ce serait plutôt la reconstruction de l'interaction entre les partenaires qui méritait l'intérêt principal du chercheur (Streeck, 1980).

En revanche, si on adopte le point de vue de la théorie des actes de langage, on remarque que l'approche ethnométhodologique néglige un peu trop l'étude systématique du rôle que jouent les moyens grammaticaux et lexicaux dont se servent les interlocuteurs pour organiser leurs interactions. Ceci tient au fait que les ethnométhodologues s'interressent surtout à l'interaction en général. La langue, pour eux, joue un rôle secondaire, étant donné que, à leurs yeux, la communication verbale n'est qu'une manifestation interactive entre autres. C'est seulement d'une analyse conversationnelle avec une orientation plus nettement linguistique que l'on peut espérer un intérêt plus spécifique pour la systematisation des phénomènes verbaux" (cf. Kostchi, 1986:210).¹⁶

Dentro da orientação acima definida, a interpretação do caráter acional da linguagem feita por Gülich e Kostchi (1983) parte de uma concepção de interação como *"un échange d'actes verbaux qui se déterminent mutuellement"* (p.314). Esta

¹⁶ "Nos trabalhos dos etnometodólogos não encontramos hipóteses explícitas sobre a característica acional da composição do texto. Os procedimentos como COMPLETAR, PRECISAR, PARAFRASEAR, TEMATIZAR, que podem ser interpretados como 'atos de composição textual', são considerados como atividades no mesmo sentido que ACONSELHAR, DEMANDAR, etc., cujo estatuto de ato de linguagem é reconhecido a partir de Austin e Searle. Os autores da análise conversacional se recusam a definir *a priori* diferentes tipos de atos verbais porque têm por princípio adiar esta decisão até que sejam feitas as análises para identificar não somente a intenção que o locutor quer exprimir, mas também, e principalmente, a interpretação que o interlocutor faz daquele ato em análise. Compreendemos que nestas condições não há razão de estabelecer uma distinção teórica entre atos como ACONSELHAR, DEMANDAR, etc. (ou seja, os atos ilocutórios) e outros atos verbais. Trata-se de um ponto de vista compatível à crítica feita à teoria dos atos de linguagem: a noção de comunicação seria muito restrita, se não fossem descritos como atos de cada parceiro individualmente. É preferencialmente a reconstrução da interação entre parceiros que recebeu atenção especial neste tipo de pesquisa. (Streeck, 1980). Por outro lado, se adotamos o ponto de vista da teoria dos atos de linguagem, percebemos que a abordagem etnometodológica negligencia consideravelmente o estudo sistemático do papel desempenhado pelos recursos gramaticais e lexicais de que se servem os falantes para organizar suas interações. Isso se dá porque os etnometodólogos se interessam sobretudo pela organização das interações em geral. A língua, para eles, tem um papel secundário, uma vez que, nesta visão, a comunicação é um evento como qualquer outro. Somente a partir de uma análise conversacional com uma orientação claramente lingüística é que podemos esperar um interesse mais específico pela sistematização dos fenômenos verbais." (1986:210) (Nossa tradução)

noção de interatividade, como afirmam os autores, implica por sua vez a de cooperatividade, essencial para a resolução conjunta dos problemas de formulação pelos interlocutores.

Justamente por privilegiar o aspecto da organização discursiva é que Gülich e Kostchi partem da "teoria da formulação" de Antos (1982), autor para o qual formular um texto é resolver problemas comunicativos. Segundo Antos, "le locuteur qui produit un énoncé ne réalise pas seulement un acte ou une séquence d'actes illocutoires, mais il accomplit tout d'abord le 'travail' de la production de l'énoncé, c'est-à-dire de la formulation. Formuler un énoncé est, en effet, une activité intentionnelle, et celui qui la réalise est responsable de ses résultats" (Gülich e Kotschi, *op.cit.* 313).

Neste posicionamento faz-se notar com nitidez a inspiração humboldtiana na aceção que os autores tem de linguagem como "modo de atividade". Torna-se no mínimo incoerente, nesta filiação, reduzir a linguagem a um instrumento da comunicação. Este é o espírito teórico, então, no qual a reformulação ganha ao mesmo tempo estatuto de estratégia, processo organizacional e atividade lingüística. Citamos uma passagem definidora de Gaulmyn (1987):

"La reformulation au sens large peut être définie comme une technique formelle de la conversation, comme un processus d'organisation discursive et comme une activité plus ou moins complexe à laquelle coopèrent les interlocuteurs. Elle est marquée formellement par la reprise explicite d'une même structure d'énoncé, reprise lexicale, morphosyntaxique et/ou sémantique. Les différents variantes de reformulations sont la paraphrase, la définition, la correction, la répétition. La paraphrase correspond à une substitution ou à une expansion: paraphrase synonymique ou explicative. Les reformulations sont: immédiates ou différées, selon que l'énoncé initial et l'énoncé reformulateur se suivent ou sont séparés par d'autres énoncés. Elles sont dites auto-reformulations ou hétéro-reformulations selon qu'il s'agit de l'énoncé du même locuteur ou non. Elles sont enfin auto-initiées ou hétéro-initiées selon que le locuteur reformule de sa propre initiative ou sollicité par l'autre" (Gaulmyn, 1987:168)¹⁷

¹⁷ "A reformulação pode ser definida de maneira geral como uma técnica formal da conversação, como um processo de organização discursiva e como uma atividade mais ou menos complexa para a qual cooperam os interlocutores. Ela (a reformulação) é marcada formalmente pela retomada explícita de uma mesma estrutura de enunciado, retomada lexical, morfossintática e/ou semântica. As diferentes variantes da reformulação são a paráfrase, a definição, a correção, a repetição. A paráfrase corresponde a uma substituição ou à uma expansão: paráfrase sinônima ou explicativa. As reformulações são: imediatas ou diferidas, a depender da separação ou da sequência entre enunciado inicial e enunciado reformulado. Elas são ditas auto-reformulações ou hetero-reformulações a depender daquele que a efetua ser o mesmo locutor do enunciado ou não. Finalmente, são auto-iniciadas ou hetero-iniciadas se o locutor reformula sua fala por iniciativa própria ou solicitado por um outro.(1987:168) (Nossa tradução)

Assim, pode-se, em acordo com os autores elencados, dizer que a reformulação é um procedimento de organização do discurso que permite ao falante voltar-se sobre um segmento anterior para reinterpretá-lo e apresentá-lo de maneira distinta, mais adequada às suas intenções comunicativas. O que caracteriza a reformulação em contraste com outras funções discursivas é o processo que permite ao falante explicar, retificar, reconsiderar ou distanciar-se de uma formulação prévia.

Neste quadro é que Gülich e Kotschi (1983) identificam as atividades de reformulação pela presença de um enunciado fonte e um reformulador, entre os quais se estabelece uma relação semântica de equivalência ou de diferença, freqüentemente através de um marcador que pode ser de diversos níveis – fonéticos, morfo-lexicais, léxico-semânticos, supra-segmentais e paralingüísticos.

Inspirados por este movimento teórico, muitos trabalhos empreendidos pela Lingüística Textual no Brasil, representada pelos estudos sobre o Português oral, dentro do projeto NURC/Gramática do Português Falado, interessados principalmente no aspecto da organização discursiva da interação, situaram as estratégias de correção como "atividades de reformulação" a partir da teoria da formulação de Antos (1982), Gülich e Kostchi (1983, 1987) e Charolles (1987), para citarmos os principais autores.

Tais teorizações em torno das atividades de formulação atentam para a alta dinamicidade dos processos lingüísticos-interacionais no texto falado, interpretando positivamente as descontinuidades da fala (inserções, quebras, retomadas e reconstruções) como "fatores de realização interacional associados à figura do falante como um 'estrategista da comunicação'" (Koch *et al*, 1989:125).

A concepção do falante como "estrategista" tem uma orientação pragmática bastante clara, visto que para usar as estratégias apropriadas para facilitar a compreensão, é preciso atender a certas regras de uso de um "'acordo contratual' entre os participantes da ação discursiva" (idem, *ibidem*).

Inspirando-se em postulados conversacionais de Grice, Gordon, e Lakoff, Betten (1976 *apud* Koch *et al.*, 1989) descreve algumas destas regras:

- Assim que você perceber que o ouvinte compreendeu o que você queria comunicar, torna-se desnecessária e inadequada a continuação de sua fala em muitas situações;

- Logo que você percebe que o ouvinte não está entendendo o que você fala, interrompa seu discurso, mude o seu planejamento, ou introduza uma explicação;

- Logo que você percebe que formulou algo inadequado, interrompa, corrija-se na seqüência, etc.

Conseqüentemente ao atendimento destas regras, a linearização do texto falado apresenta sua natureza situada, processual. Como argumenta Hilgert (1993), apoiando-se em autores como Rath (1977) e Antos (1962), a preocupação simultânea com o *dizer* e com o *que dizer* deixa evidências, marcas no texto falado que são responsáveis pela caracterização da formulação textual e explicitam os procedimentos a que o falante recorre rumo ao alcance de seu objetivo comunicacional. Desse modo, os desvios, reinícios, repetições, correções são indícios da atividade textual como eminentemente formulativa, repetindo uma formulação de Antos: "o texto falado mantém explícitos todos os traços de seu *status nascendi*" (*op. cit.*, 108).

Se, como advoga Hilgert, a atividade de construção, formulação do texto falado não conta com o mesmo tipo de planejamento anterior, característico do texto escrito, o *fluxo da formulação* se apresenta para o falante com uma alta incidência de *descontinuidades* que o autor define como "interrupção do fluxo informativo, atribuída a princípio, ao fato de o falante não encontrar uma alternativa de formulação imediata e definitiva, o que caracteriza, segundo Antos (1982, p.160), um 'problema de formulação' " (*ibidem*).

Procurando adensar a noção de problema de formulação, o autor evoca o trabalho de Sacks, Jefferson e Schegloff (1977), que consideram a potencialidade de todo elemento lingüístico como "fonte de problema". Não só 'erros' ou 'falhas', mas também busca de palavras (manifestas em pausas e hesitações), enunciados de difícil compreensão e até a suposta possibilidade de não compreensão levam os falantes a reformulações da sua fala, o que encaminha a discussão feita por Hilgert para uma distinção entre problemas prospectivos e retrospectivos, tal como Fávero *et. al.* (1999).

2.3.1 – Categorias da reformulação

Como expusemos acima, a reformulação é representada pela retomada e reelaboração de uma formulação anterior, seja com valor mais salientemente parafrástico, seja mais "corretivo". Em qualquer caso, estas reelaborações não são elas mesmas homogêneas quanto à forma e função, como refletem as próprias sistematizações encontradas na bibliografia sobre o assunto. Cabe-nos, aqui, estabelecer algumas categorias essenciais das atividades de reformulação, rumo à nossa própria síntese das categorias que aplicaremos em nossas análises nesta dissertação.

Como especificam Fávero *et al.* (1999), certas atividades de formulação apresentam evidências de “problemas” de processamento e linearização, exigindo resolução no curso da interação. Tais atividades, denominadas “problemas”, são constituídas de *hesitações* e de *correções* (em que se incluem também algumas paráfrases e repetições). A diferenciação entre hesitações e correções, segundo as autoras, se relaciona ao “estágio de desenvolvimento da formulação/ reformulação textual” (*op.cit.*, p 56).

Os *problemas prospectivos* se caracterizam por interrupções em que o falante se dá conta de um problema antes de os formular na fala, suspendendo o fluxo em busca de uma alternativa de formulação adequada para prosseguir, sempre abrindo um *tempo* no curso formulativo. As **hesitações** são produzidas em prospecção, o “problema” é captado durante sua formulação e uma interrupção é percebida no fluxo informacional do enunciado graças a uma “má seleção futura” de algum dos termos do enunciado que se apresenta sintagmaticamente não concluído.

No caso das **correções**, o “problema” é captado após sua formulação; concluído sintagmaticamente, o enunciado oferece ao interlocutor algo percebido como má seleção e, assim, é preciso um processo de reformulação retrospectiva, em que o falante produz um enunciado reformulador do enunciado fonte (considerado “errado”, ou inadequado por um dos interlocutores).

Fávero, Andrade e Aquino (1999) também abordam a *correção* como atividade de reformulação e como fenômeno lingüístico tipicamente interacional dentro das práticas ordinárias de linguagem, partindo da análise de material retirado do projeto NURC e de conversações espontâneas coletadas em gravação de contextos variados, o trabalho, que integra o projeto da Gramática do Português Falado. As autoras, amparadas em algumas concepções da Análise da Conversação, seguindo

Baseadas em Antos (1982), autor para o qual “formular um texto não é só planejá-lo, mas também realizá-lo” (Antos apud Fávero *et al.*, 1999:55), Fávero *et al.* assumem a formulação como uma atividade intencional cujos índices se manifestam por marcas deixadas pelo enunciador em seu discurso, pistas para que o “interlocutor se esforce por compreendê-lo”.

Inf. Uma outra forma de:: de (se) estudar a inteligência...seria
mais **uma frase de...**de:: evolução da inteligência..**FA::ses** da inteligência
(SP EF 377, Is.333-5, p.30)

A classificação proposta pelas autoras assemelha-se àquela proposta por Barros (1999), que descreve as correções como **totais** e **parciais**. Uma terceira e interessante alternativa é aventada na sistematização das estratégias de reformulação proposta por Barbosa (1999). A autora sugere tomar a infirmação como o grau máximo de reformulação corretiva, reservando à retificação a categoria de correção parafrástica ou paráfrase saneadora.

a) infirmação

...determinadas tarefas que vão exigir:... **certos aptidões::**

certas outras tarefas...né?

(SP EF 377, Is. 119 e 120, p.25)

b) retificação

podemos verificar em que medida o indivíduo pode... **realizar**

(determinadas funções)...assumir (certas funções)...

(SP EF 377, Is. 122-124, p.26)

Com relação à **operacionalização** da correção Fávero *et al* (1999) descrevem os procedimentos da correção com respeito à iniciação e resolução, observando qual falante "tem iniciativa" no processo de reformulação e também quem a "processa". Em suas análises as autoras encontram ocorrências de:

a) autocorrekções auto-iniciadas

Inf. Uma outra forma de:: de (se) estudar a inteligência...seria
mais **uma frase de...de::** evolução da inteligência...**FA::ses** da inteligência
(SP EF 377, Is.333-5, p.30)

b) autocorrekções hetero-iniciadas

L1 aquela sua amiga a:: Andréa que está estuda::ndo medicina
L2 **não não é medicina...**
L1 **ah é...é enfermagem...**então ela estava me dizendo que... a
profissão exige muita dedicação
(Conversação espontânea)

c) heterocorrekções auto-iniciadas

L1 ah...a professora mandou ler os contos de Rubem Braga..
não::o não é Rubem Braga este cronista é...é...
L2 **Fonseca.. Rubem Fonseca...** o autor de "A Grande Arte"

L1 **esse mesmo Rubem Fonseca...** você tem razão

(Conversação espontânea)

As autoras observam a regra de preferência pelo auto-reparo tal como descrevemos anteriormente para a perspectiva schegloffiana, justificando a frequência das auto-correções. A baixa frequência de heterocorreções também é notada por Barros (1999) que, amparada nos trabalhos de Schegloff *et al.* (1977), Marcuschi (1986) e Gülich e Kostchi (1987), aponta a relação entre a preferência pela auto-correção e a busca feita pelo falante de uma rápida correção, evitando consequências do erro sanado. Barros vai adiante, relacionando as ocorrências de heterocorreções a conversações em que "os laços interativos são tensos", a exemplo de conversações fortemente polêmicas, ou então, bastante cooperativas.

Quando se voltam à descrição dos aspectos lingüísticos da correção, Fávero *et al.* (1999) correlacionam o nível lingüístico comprometido na "má-formulação", observando a ocorrência de correções do tipo:

a) fonético-fonológico:

evidentemente que a democracia **plana plena**... esta nunca existiu

(RE-DID 131: 494-495, p.14)

b) lexical:

Inf. e do outro lado três potências também capitalistas FORTES...
Alemanha e Fra/ e a Itália... perdão Alemanha e o Japão principalmente e a Itália...
que também a gente vai dar um pouco mais de atenção a ela e à Alemanha dentro da Europa

(RJ EF 379: 136-139, p.79)

c) morfossintático:

Inf. eu acho que eles têm mais... éh mais preparo mais... sei lá:::
eles... devem... deve ser outro tipo de trabalho né?

(SP-DID 234: 240-241, p.109)

Como já exposto, a análise das autoras aposta na compreensão como formulação que tem na base uma convergência das ações dos interlocutores, ou seja, no seu caráter intencional e colaborativo que aparece no texto formulado em forma de marcas, pistas, deixadas pelos falantes.

Como proposta de análise da correção em língua falada, as autoras buscam em Gülich e Kotschi (1987) a concepção de **marcador**, “um traço deixado no discurso pelo trabalho conversacional do locutor”, um “sinal explícito” que caracteriza a correção como reformulativa para os interlocutores. Tal noção permite distinguir os tipos de reformulação para além da “relação semântica existente entre o enunciado-fonte e o enunciado-reformulador” (Fávero *et. al.*, *op.cit.*, p.67).

Na análise de seu *corpus*, as autoras identificam **marcas prosódicas e verbais**. As primeiras são identificadas em pausas, mudança de curva entoacional, velocidade de elocução, alongamento e intensidade da voz (bem como a articulação destas com instâncias extra-lingüísticas). Os marcadores verbais, por sua vez, segundo as autoras, formam uma classe bastante heterogênea identificada no *corpus* então analisado por *expressões estereotipadas* (como “quer dizer”, “digamos”, “não é bem assim, etc.) e *morfemas diversificados* (advérbios, conjunções e interjeições como “não”, “aliás”, “hein”, etc.). As autoras observam a possível regularidade de distribuição de certos marcadores como típicos da infirmação e da retificação, bem como apontam para a freqüente ausência de marcadores verbais e para o predomínio dos marcadores prosódicos.

Tendo em vista tais sutilezas, convocam em sua análise, outra distinção proposta por Gülich e Kotschi (1987) para os **marcadores de reformulação**. Estes seriam considerados **fracos** quando a relação semântica entre os enunciados, reformulado e reformulador, é “claramente reconhecível”, são mais **fortes**, contudo, quando esta relação entre os termos é fraca, sendo compensada pelo emprego de um marcador mais forte.

Tendo analisado as restrições lingüísticas observáveis para a correção, as autoras descrevem o aspecto funcional do fenômeno. Como afirmam a partir dos excertos analisados, “as correções apresentam a **função geral** de caráter **interacional**, no que diz respeito à busca de cooperação, intercompreensão e ao estabelecimento de relações de envolvimento entre os interlocutores” (*op.cit.*, p. 71). As correções e sua característica de retomada, não evidenciam somente o envolvimento entre os interlocutores, como também atenção e interesse pela fala do

outro, mesmo dentro do contexto de discordância. Na heterocorreção, por exemplo, o falante não apresenta apenas uma ação saneadora da situação problema, mas ele também “encontra possibilidade de participar da conversação, colaborando para seu desenvolvimento” (*idem*, p. 72).

A função interacional da correção pode, segundo argumentam Fávero *et. al.*, “orientar o foco de atenção” na interlocução para elementos como o **tópico** (esclarecimentos sobre o conteúdo da mensagem, por exemplo) ou para **os próprios interlocutores e suas relações** (adequações normativas ou sociolingüísticas, por exemplo).

O aspecto enunciativo da correção, por sua vez, é trazido à sistematização formulada como possibilidade de se imprimir, na reformulação, “um caráter de maior subjetividade” (*op.cit.*, p.65), esta, convocada quanto ao nível ilocutório e efetivada por modalizações epistêmicas. Este aspecto, que não integra o conjunto de preocupações focais das autoras, será por nós retomado em contornos mais precisos em nossa próxima seção, na qual procuraremos apontar quão sólida é a relação entre reformulação e metadiscursividade na perspectiva sócio-cognitiva.

Na próxima seção, dedicamo-nos mais pontualmente às relações entre os processos de significação lingüística, os processos “meta” (metalingüísticos, meta-enunciativos, metapragmáticos, *etc*), e aqueles a que designamos reformulativos.

2.3.1. – A metadiscursividade nas atividades de reformulação

Neste ponto de nosso trabalho, nossa expectativa é de que já esteja assinalada a relação estreita que observamos entre as atividades de correção e a atividade reflexiva que esta implica e envolve, uma vez que a reformulação toma como objeto a própria atividade discursiva.

Se tomarmos a reformulação como uma atividade metaformativa da construção do texto conversacional, como sugere Hilgert, estaremos no terreno da metadiscursividade, tal como explorado por Gaulmyn (1987) e Koch (2004). No entanto, cabe-nos ainda a tarefa de caracterizar com mais especificidade os índices de trabalho metalingüístico típicos das atividades de reformulação.

Descrevendo as reformulações como estratégias metadiscursivas, Gaulmyn (1987), chama a atenção para sua importância nos processos inter e intra-discursivos da comunicação verbal. Tais processos participam na dupla tarefa do locutor no diálogo. De acordo com a autora, o locutor é responsável, ao mesmo

tempo, por assegurar a continuidade da interação de maneira satisfatória para ambos interlocutores, e a tarefa de assegurar a continuidade e seu próprio discurso, a despeito das interrupções alheias.

Quanto à reflexividade implicada nos marcadores discursivos, Gaulmyn (1987) investiga a relação entre atividades de reformulação e metalinguagem, ao tratar dos marcadores metadiscursivos. Gaulmyn parte de uma perspectiva de função metalingüística que limita a classe de enunciados metalinguageiros àqueles que fazem explicitamente referência denotativa à linguagem ou ainda aqueles autonímicos. Mais ainda, ele divide os marcadores reformulativos em metacomunicacionais, metadiscursivos e metalingüísticos, desenvolvendo especialmente a descrição dos marcadores metadiscursivos:

"De plus, l'étude des occurrences relevées dans un corpus montre que certains exemples, quels que soient les opérateurs métalangagiers, relèvent dans leur contexte tout autant du métadiscursif que du métacomunicacional ou du métalinguistique. La valeur métadiscursif tient souvent à l'emploi de formules stéréotypées dont la signification métalangagier paraît affaiblie dans l'usage, telles c'est à dire, disons, par comparaison avec les énoncés non stéréotypées. Les connecteurs métadiscursifs stéréotypés sont des connecteurs d'équivalence, des marqueurs de coordination, qui présentent l'enchaînement de l'énoncé comme une paraphrase, une correction, un commentaire de la formulation que précède. Ils servent d'opérateurs pour introduire des reformulations immédiates. Ces marqueurs ne sont pas toujours nécessaires dans le cas de reformulations immédiates, lorsque la relation sémantique entre les énoncés suffit à signaler l'opération discursive; dans ce cas une marque verbale faible (bon, ben, alors...) ou une marque intonative suffisent. Les marqueurs métadiscursifs sont au contraire nécessaires pour établir entre des énoncés une relation particulière au contexte et pour la présenter comme une paraphrase, une correction, une variante, une définition, un e glose explicative, alors même que cette relation ne serait pas jugée telle hors de ce contexte précis. Des marqueurs apparaissent aussi dans le cas de reformulations différées où les énoncés mis en relation sont distants l'un de l'autre: il peut s'agir de véritables citations qui mentionnent la première occurrence comme une parole rapportée" (170-171).¹⁸

¹⁸ "No mais, o estudo das ocorrências encontradas em um *corpus* mostram que certos exemplos, a despeito dos operadores metalingüísticos, figuram em seu contexto tanto como metadiscursivo quanto metacomunicacional ou metalingüístico. O valor metadiscursivo frequentemente é empregado por meio de fórmulas estereotipadas, em que a significação metalinguageira mostra-se fraca no uso, digamos, em comparação aos enunciados não-estereotipados. Os conectores metadiscursivos estereotipados são os conectores de equivalência, os marcadores de coordenação, que apresentam o encadeamento do enunciado como uma paráfrase, uma correção, um comentário sobre a formulação precedente. Serve-se de operadores para a introdução de reformulações imediatas. Estes marcadores não são sempre necessários no caso das reformulações imediatas, uma vez que a relação semântica entre os enunciados seja suficientemente para sinalar a operação discursiva realizada.; neste caso, uma marca verbal fraca (bom, bem então...) ou uma marca entoacional bastam. Os marcadores metadiscursivos são, ao contrário, necessários para estabelecer entre os enunciados uma relação particular ao contexto e para apresentá-lo como uma paráfrase, uma correção, uma variante, uma definição, uma glosa explicativa, ainda que esta relação não esteja ausente no contexto. Os marcadores aparecem também em casos de reformulação diferidas onde os enunciados postos em relação estão distantes um do outro: podem acontecer

Como podemos observar, para Gaulmyn, a metalinguagem, ou a atividade metalinguageira, pode manifestar-se na reformulação, e conseqüentemente, na paráfrase e correção, de diversas maneiras. Contudo, como também observa a autora, a natureza dos marcadores metalinguageiros nem sempre satisfaz a tarefa de especificação entre marcadores metacomunicacionais, metadiscursivos e metalingüísticos. De mesma feita, nem mesmo a diferença entre os enunciados metadiscursivos quanto à distinção entre as diferentes operações de reformulação pode ser claramente delimitada entre paráfrase, correção, explicação, etc. Uma listagem destes marcadores, tampouco, seria capaz de especificar suas funções discursivas no contexto a partir, somente, de suas características formais (cf. Gaulmyn, 1987: 171).

Para esta autora, as reformulações são consideradas estratégias metadiscursivas, ou seja, aquelas que tomam por objeto o próprio ato de dizer. Como descreve a autora: "ao colocar em ação tais estratégias, o locutor avalia, corrige, ajusta, comenta a forma do dizer; ou, então, reflete sobre sua enunciação, expressa a sua posição, o grau de adesão, de conhecimento, atenuações, juízos de valor, etc., tanto em relação àquilo que está a dizer, como em relação a outros 'ditos'" (Koch, 2004:120).

Afinando a tipologia desta classe de estratégias discursivas, Koch divide as estratégias metadiscursivas em três tipos. As *metaformativas* são aquelas que tem como escopo o próprio texto (o "*dictum*"), tomando como objeto sua forma de estruturação, o código em uso na interação e as relações do segmento textual com os segmentos que o antecedem ou o sucedem. Já as estratégias *modalizadoras* ou *metapragmáticas*, centradas no "*modus*" têm o papel de "indicar o grau de certeza, de adesão, e comprometimento do locutor com relação a seu discurso, ou introduzir atenuações, comentários a respeito dos enunciados que produz, com vista à preservação das faces" (*op.cit*, p.121). Finalmente, as *meta-enunciativas* tomam como objeto a própria enunciação, atingindo um grau máximo de reflexividade e apresentando de maneira mais explícita "a representação que o enunciador faz de seu dizer" (*idem, ibidem*).

A proposta de Koch (*op.cit.*) é especialmente interessante para nossos propósitos analíticos porque possibilita uma diferenciação das atividades de formulação para

verdadeiras citações que mencionam a ocorrência original por meio de discurso reportado. " (170-171). (Nossa tradução)

além de sua função de organização nos planos informacional e proposicional. Como postula a autora, tais estratégias e seu uso pelos locutores, evidenciam a propriedade auto-reflexiva da linguagem, bem como da própria atividade discursiva, transparecendo sempre o trabalho do locutor sobre a língua, seus efeitos e suas circunstâncias pragmáticas.

2.4. Concluindo a questão

Como pudemos constatar, as abordagens conversacionais aqui reunidas expositivamente apresentam em comum o interesse pelo caráter colaborativo, construcional, essencialmente interacional do fenômeno reformulativo nas práticas de linguagem. Morato (2004), ao apresentar a heterogeneidade prevista nas numerosas possibilidades teóricas abrigadas sob a alcunha de “interacionismo” na Lingüística, avança questões bastante complexas, ainda distantes de uma resolução, que emergem necessariamente quando se observa um compromisso atento e crítico em relação ao caráter interacional da linguagem. Como problematiza a autora, rumos bastante diferentes podem tomar explicações teóricas que partem da premissa comum de que “o ato lingüístico é, necessariamente um ato social” (*op.cit*, p.312).

Na perspectiva conversacional schegloffiana, como observamos em nossa exposição, o reparo constitui uma organização que funciona colaborativamente na co-construção seqüencial dos objetivos em curso nas interações. Assim sendo, a linguagem verbal figura como um entre os muitos recursos dos quais os falantes se utilizam na reformulação, por exemplo, de referentes problemáticos. O estatuto lingüístico da reformulação não figura com especificidade almejada para um estudo da competência (meta)lingüística nas afasias.

Podemos dizer que o papel da linguagem nesta abordagem pode ser reconhecido como predominantemente subordinado à ação. Não à toa, a afasia, bem como outras patologias da linguagem, é tomada por Schegloff como uma “desordem” da comunicação, do comportamento (Schegloff, 2004). Neste sentido, as ações tomadas como eficazes nas práticas do reparo levadas a cabo por falantes com afasia, amparam-se no caráter procedural da intersubjetividade, sugerindo que

estes sujeitos sejam tomados em sua condição afásica apenas quando suas ações assim se apresentam para seus interlocutores ¹⁹.

A percepção acurada da análise etnometodológica quanto a realidade interacional da linguagem traduz-se na noção do reparo, fenômeno não exclusivamente relacionado à correção, ao erro, ou então a tratamentos declaradamente mentalistas das "ações corretivas", como tradicionalmente interpretado. Contudo, a complexidade lingüística e sua responsabilidade frente à realidade interacional aparecem obscurecidas. Podemos identificar aqui um tipo de perspectiva descrita por Morato (2007, a publicar) como "desvinculada da significação enunciativa". Neste quadro teórico, "a concepção de interação, centrada nas atividades tomadas *in situ*, acaba por tomar os sujeitos enquanto 'gestores' ou metodólogos de suas ações, deixando de levar em conta a reflexão que a ação invoca, de forma mediada pela linguagem e seus efeitos" (*op.cit.*, p.12).

Assim, podemos avaliar como mais vantajosas as teorias textuais-interativas da conversação a partir da construção de uma teoria da formulação lingüística (textual, enunciativa). Aproximados dos estudos conversacionais etnometodológicos, os estudos dedicados à formulação textual diferenciam-se por permitirem contemplar, em suas análises, as dimensões lingüísticas *enunciativa* e *reflexiva* da correção.

É possível enxergar nestas abordagens a preocupação de se reservar à linguagem a condição de atividade constitutiva, de possibilidade lógica da reflexão que a reformulação representa e, conseqüentemente, qualificar estas atividades nos diversos contextos de uso da linguagem, o que inclui as afasias. Chamamos atenção à possibilidade, nestas propostas, de um investimento no caráter intersubjetivo que motiva a emergência atividades epilingüísticas em situações em que um conflito qualquer, "na relação dos sujeitos com as normas pragmáticas que a presidem ou as implicações discursivas que provocam", deixa transparecer a ação dos falantes (afásicos e não afásicos), *com* e *sobre* a linguagem.

Amparando-nos no patrimônio até aqui reunido, passamos a adentrar nosso empreendimento analítico das atividades de reformulação dos dados conversacionais de afasia que pretendemos colocar em cena.

¹⁹ Trata-se, como chama nossa atenção Garcez (2008), de uma escolha epistemológica por uma perspectiva êmica em detrimento de uma perspectiva ética. O que se advoga neste posto de observação é o privilégio de análise do "ponto de vista dos participantes".

CAPÍTULO III

Metodologia

3.1 O CCA como espaço de interação e *locus* de produção dos dados da pesquisa

Os dados considerados nesta dissertação compõem o acervo *AphasiAcervus* de interações entre sujeitos afásicos e não afásicos do grupo de pesquisa “Cognição, Interação e Significação” (Laboratório de Neurolingüística / IEL – Unicamp)²⁰. O material que tomaremos para a análise refere-se a uma seleção feita a partir da ocorrência de atividades de reformulação em gravações de três sessões dos encontros semanais do CCA (Centro de Convivência de Afásicos/ IEL – Unicamp) do ano de 2005, por nós transcritos.

Funcionando em sede própria desde 1998, o Centro de Convivência de Afásicos é, de acordo com Morato *et. al.* (2002), um espaço de interação entre pessoas afásicas e não-afásicas (familiares, pesquisadores e terapeutas) no qual se busca favorecer a emergência de práticas sociais e discursivas cotidianas.

Metodologicamente, os encontros semanais do CCA são estruturados em dois programas de atividades: a Atividade de Linguagem e a Atividade de Expressão Teatral. A primeira é caracterizada por "explorar os diversos gêneros e eventos que constituem o uso da linguagem no cotidiano tais como diálogos, comentários,

²⁰ "Liderado pela pesquisadora Edwiges Morato o Grupo de Pesquisa COGITES é consagrado a análises de práticas lingüístico-interacionais, em especial as que envolvem sujeitos que apresentam afasia e neurodegenerescência, com foco em determinados processos enunciativos (como atividades referenciais e operações 'meta': metalingüísticas, meta-enunciativas, metadiscursivas, epilingüísticas, etc.) e em processos conversacionais (tais como gestão do tópico discursivo, semioses co-ocorrentes, dinâmica de turno, atividades de correção, relação oral/escrito, estruturação da interação conversacional, etc.). No campo dos estudos psico e neurolingüísticos, os integrantes do Grupo de Pesquisa também se dedicam à análise crítica da semiologia da linguagem patológica (anomia, automatismo, perseveração, parafasia, etc.) e de questões lingüísticas e sócio-cognitivas relacionadas à Doença de Alzheimer. Mais recentemente, o Grupo também se dedica à constituição e tratamento teórico-metodológico de seu acervo de dados, derivado tanto de protocolos de estudos finalisticamente orientados (como os relativos à pesquisa sobre metaforicidade e sobre atividades e processos referenciais), quanto de contextos interacionais ordinários ou naturais variados. A fundamentação teórica na qual se ancoram os estudos do Grupo de Pesquisa pauta-se sobre uma perspectiva interacionista de filiação vygotskiana. Chamada também em linhas gerais de sócio-cognitiva, essa perspectiva incorpora aspectos sócio-culturais e lingüístico-interacionais à compreensão da problemática cognitiva, investindo no domínio empírico com base na hipótese de que nossos processos cognitivos (como memória, atenção, linguagem, percepção, etc.), situados local e historicamente, se constituem em sociedade e no decurso das interações e práticas discursivas." (Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPQ:

<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=00798014981QOS>)

narrativas, a exposição e a discussão de notícias de jornais e revistas, as discussões sobre temas sociais e culturais diversos (principalmente de produções culturais como filmes, peças de teatro, e obras literárias), comentários sobre o noticiário e a vida política do país, assim como também relatos da vida cotidiana e familiar dos membros do grupo" (Mira, 2007: 59).

A Atividade de Teatro, por sua vez, "envolve atividades de reconhecimento da organização expressiva da pessoa cérebro-lesada e exercícios constantes de representação e reflexão as atividades e atitudes cotidianas. O Programa possuiu uma estrutura que divide as sessões em seis partes: instalação da proposta de trabalho; aquecimento (vocal e corporal) e exercícios de articulação e projeção da voz; exercícios de expressão corporal; jogos interativos de percepção espacial; jogos interativos de percepção do coletivo e do social; exercícios de criatividade e improvisação, como a proposta de realização de cenas realistas ou absurdas para fins de compreensão do processo interativo e expressivo e, por consequência, do processo teatral (Calligaris, 2007 *apud* Mira, 2007)".

Do ponto de vista da participação, os pesquisadores, além de assumir papéis de participantes interactantes, posicionam-se como coordenadores dos trabalhos e como responsáveis pelo registro e pela filmagem. Nesse espaço interacional caracterizado por vários rituais sociais, práticas de comunidade, configurações textuais (verbais e não-verbais) e estruturas conversacionais, procura-se restituir a expressão da subjetividade e o papel social vinculados à linguagem e seu funcionamento, perturbados pela afasia. Além das atividades de linguagem e de Expressão Teatral, seus integrantes têm procurado – a fim de dinamizar a heterogeneidade das práticas sociais com linguagem – realizar nossas atividades também em outros espaços e práticas sociais (cinema, piquenique, pequenas excursões, palestras, etc.).

Ajustando a lente ao presente trabalho, chamamos a atenção às consequências metodológicas que nos cabem quanto às análises que propomos no próximo capítulo. Como pudemos observar na discussão da bibliografia psicolinguística sobre a correção na linguagem afásica que fizemos no primeiro capítulo, o interesse destas abordagens concentra-se no auto-monitoramento de produção própria e alheia; notamos também que há preponderância, nesses estudos, de metodologias calcadas em experimentos individuais e descontextualizados, muitos a partir de tarefas de nomeação, bem similares às baterias de teste-padrão tradicionais,

aplicadas em sujeitos afásicos para fins de diagnóstico, cuja justificativa dentro dos estudos psicolinguísticos é dada a partir da necessidade de predicabilidade das ocorrências quer de erros, quer de suas respectivas reformulações. Tomemos, para mais uma observação dessa posição, a passagem abaixo:

"It is interesting that on picture-naming tasks these differences among the aphasia subtypes are greatly minimized, with lexical and sublexical errors occurring in all of them (Howard et al., 1984; Kohn & Goodglass, 1985; Mitchum, Ritgert, Sandson, & Bern&, 1990). No doubt this reflects the different cognitive and linguistic demands of naming and spontaneous speech, but an additional factor seems to be that connected speech lends itself to avoidance strategies in a way that naming does not. That is, the aphasic speaker can and often does choose to circumvent problematic vocabulary, such as by altering the character of the message or by using shorter and more familiar words. This is not possible in naming, and thus naming tasks may reveal difficulties with word retrieval or phonological encoding beyond what is evident in speech. This is one reason why we chose to focus on naming. Another is that the input to the naming task provides no sublexical clues to the target's phonology, unlike reading and repetition. Furthermore, it is considerably easier to identify targets for paraphasias generated in naming, compared with spontaneous speech" (Dell, 1994: 87).

"(...) the accurate coding of a self-correction event necessitates that a coder know what the speaker is attempting to say, or is able to predict the speaker's intended response from a limited number of alternatives. Difficulty arises when attempting to isolate correction behaviors in conversational speech, particularly for fluent patients who may revise and/or expand their utterances at will" (Marshall and Tompkins, 1982:294).

Como vimos nos capítulos precedentes, uma análise crítica desta abordagem do fenômeno afásico a partir do prisma de teorias interessadas na observação de contextos linguístico-interacionais fortaleceu-se nos estudos sobre as afasias dentro de perspectivas dedicadas a *corpora* de linguagem espontânea em situações interativas, como também tivemos a preocupação de apontar em nosso primeiro capítulo.

Um substancial corpo de estudos dentro das abordagens conversacionais exemplificam este tipo de abordagem que defende contundentemente a necessidade de uma investigação do fenômeno afásico em situações de práticas de linguagem relevantes para os sujeitos analisados. Dentro do campo da Análise da Conversação, por exemplo, podemos observar os argumentos a favor de tal postura metodológica nesta passagem de Goodwin (2003):

"Most research into the effects of brain and damage on linguistic abilities has focused primarily on processes inside the individual patient, for example, what patterns of language breakdown can tell us about the cognitive architectures and brain structures implicated in normal language processing.

Methodologically, patients' abilities have typically been assessed in isolation from relevant and pragmatic contexts. However, damage to the brain has equally important consequences for the organization of talk-in-interaction, the primordial site where language emerges as action in the lived social world, and the place where the results of brain damage become both visible and consequential for people's lives. Moreover, it has long been recognized that traditional assessment measurements of language deficit do not correlate well with the ability to engage successfully in real-world interaction. On the one hand, people with fairly intact syntactic and semantic ability have difficulty in engaging in social interaction outside the laboratory. On the other hand, parties with very severe language impairments are nonetheless able to say quite complicated things by successfully using the social and cognitive resources provided by the sequential organization of conversation to tie their talk to the talk of their interlocutors (...). A focus on how damage to the brain shapes discourse sheds new light on both the practices participants use to accomplish meaning and action through temporally unfolding sequences of interaction and the diverse range of cognitive activities implicated in the production and understanding of language" (Goodwin, 2003:04).

No campo da Neurolingüística, também Morato (2007) reforça o avanço alcançado pelas perspectivas interacionais dos estudos das afasias ao voltarem-se à análise de *copora* extraídos de contextos lingüístico-interacionais:

"Os dados de instabilidade relativos à linguagem – como os dados de afasia – têm-se mostrado de fato instigantes para o estudo das relações entre linguagem e cognição, como bem preconizou Jakobson nos anos 1950. Além de se assemelharem ao que ocorre no contexto não afásico, o que coloca em xeque uma forte distinção entre o normal e o patológico, dados extraídos de situações de interação ou de práticas de/com linguagem colocam em xeque também uma concepção referencialista da linguagem, baseada no caráter metalingüístico e subjetivista de nosso conhecimento do mundo. Os dados extraídos de situações lingüístico-interacionais com afásicos, por não significarem necessariamente uma ruptura, e sim uma continuidade em relação ao que ocorre no contexto não patológico, reforçam ainda a tese de superação de um corte entre o lingüístico e o extralingüístico nos estudos neurolingüísticos.

Ao reivindicar uma não naturalização dos processos cognitivos, ao postular que eles não são concebidos como estruturas fechadas, apriorísticas e anteriores às rotinas significativas da vida em sociedade, ao defender que eles são uma expressão de uma subjetividade provinda das qualidades interativas humanas, a Neurolingüística tem demonstrado que pode contribuir de forma inovadora ao campo dos estudos cognitivos" (Morato, 2007:06).

Assim, podemos dizer que os dados do CCA permitem o escrutínio do caráter profundamente dialógico, interacional, mas também heterogêneo e subjetivo das práticas de linguagem conduzidas pelos seus participantes também por conta de suas características próprias. Quando tomam parte das reuniões semanais do CCA, os integrantes do grupo participam de um espaço interativo que se caracteriza como uma espécie de "réplica da sociedade" na qual, como atenta Morato, os sujeitos atuam em um "jogo discursivo" que os obriga a "constantemente tarefas de reformulação,

de ajustes enunciativos, de indicações de intuições manifestas ou pretendidas, de adequação do estilo e do 'código' comum" (Morato, 2005:253).

O trabalho de Mira (2007) chama a atenção para características importantes da organização e o funcionamento do CCA. O autor destaca as conseqüências positivamente explicativas, na gestão conjunta das atividades lá realizadas, de deslocar a identificação do CCA como comunidade de fala para a de comunidade de práticas. Mira chama a atenção à forte influência que os aspectos estruturados das práticas exercem no engajamento dos sujeitos nas atividades interativas do CCA.

As práticas de linguagem desenvolvidas no CCA se assentam em um *common ground*, já que os participantes do CCA "compartilham uma vasta gama de conhecimentos gerais sobre o grupo, seus objetivos, constituição e, principalmente, à organização interativa das reuniões e aos tópicos abordados, além de conhecimentos mais específicos sobre aspectos da vida pessoal, da personalidade, das experiências pessoais de cada integrante. São esses conhecimentos que possibilitam a emergência e manutenção da identidade que cada integrante do CCA adquire como membro de uma comunidade de práticas" (Mira, 2007:96).

A familiaridade entre os participantes e a construção de uma memória discursiva, são traços bastante marcantes no ambiente do CCA, e como veremos em nossos dados, estes fatores parecem ser de grande importância na qualidade das atividades de reformulação analisadas em nosso *corpus*.

3.2 Breve descrição dos participantes do CCA

A descrição que segue abaixo pretende caracterizar brevemente os participantes afásicos e não afásicos que freqüentam o CCA e que foram considerados como sujeitos para esta pesquisa. O levantamento de informações que se segue foi realizado com base nas pesquisas já realizadas por Cazelato (2003), Macedo (2005) e Mira (2007), e na observação longitudinal de dados referentes ao ano de 2005.

As descrições abaixo dos sujeitos afásicos, integrantes dos três encontros semanais do grupo tomados para a análise, trazem informações sobre suas histórias de vida, sobre o evento neurológico e respectivas implicações lingüísticas, bem como observações sobre os tipos de participação no curso das interações do CCA. As descrições sobre os sujeitos não-afásicos recuperam fundamentalmente a

formação profissional de cada um dos pesquisadores, um breve histórico sobre suas participações no CCA e os tipos de participação no curso das interações do CCA.

3.2.1 Os sujeitos afásicos que integram o CCA

SP

SP é um senhor de origem italiana, nascido em 10/03/1933 que, aos dois meses de idade, mudou-se para o sul da França (região de imigrantes italianos). Desde os 20 anos, SP vive no Brasil, tendo se casado com uma brasileira; aos 36 anos, sofreu um Acidente Vascular Cerebral isquêmico (afetando a área do lobo temporal e núcleo da base parcialmente), que o deixou severamente afásico e com uma hemiplegia à direita.

Segundo SP, o terceiro de oito irmãos, todos falavam francês, tanto em casa como fora dela, isto é, na escola ou em outras práticas sociais no país em que passaram a viver. De acordo com os dados obtidos em entrevista anamnésica, SP tem o francês como língua materna, embora a mãe fosse italiana. Passou a praticar o português aos 20 anos, quando veio para o Brasil junto com a família, apesar de já ter tido contato com a língua portuguesa por influência de seu pai, que morara por algum tempo no país. Ainda que após o AVC SP tenha recuperado parcialmente sua capacidade de expressão e compreensão do francês e, ainda que seja o francês a sua “língua do pensamento”, é o português a língua por meio da qual ele mais se comunica (com esposa, amigos e outros integrantes do CCA).

Quando fala o português, a afasia de SP é compatível com as formas essenciais das afasias ditas motoras: hesitações e prolongamentos, dificuldades de repetição, perseverações e parafasias verbais e fonológicas etc. No francês, embora suas dificuldades sejam menores e sua desenvoltura mais notória, observa-se a presença do mesmo conjunto de características semiológicas.

Nas interações do CCA, SP participa ativamente das discussões do grupo, opinando sobre os fatos debatidos. Frequentemente, realiza sobreposições ao turno dos outros participantes para se posicionar em relação ao tópico e para agregar informações à discussão. Quando o turno lhe é dirigido, implícita ou explicitamente, raramente deixa de tomar a palavra, sempre tecendo comentários explicativos sobre

conflitos e acontecimentos ocorridos na Europa quando isto se torna tema de debate do grupo.

Os recursos mais utilizados por ele para compensar o seu déficit lingüístico incluem o uso de gestos de natureza indexical e vocalizações que servem como para contornar as dificuldades de acesso lexical. SP é um assíduo freqüentador do CCA, participa das atividades desde 1995, demonstrando ter uma grande integração com o grupo.

SI

SI tem é brasileira, nissei, natural da cidade de Presidente Venceslau (SP), casada e mãe de quatro filhos, nascida em 09/11/1940. Reside já há muitos anos em Campinas. Seu grau de escolaridade é básico, tendo concluído até a quarta série do Primeiro Grau. Trabalhou e viveu grande parte de sua vida na zona rural. Por alguns anos, após o AVC, ajudou os filhos a cuidar de uma relojoaria, numa cidade próxima a Campinas.

Segundo SI, sua língua materna foi o japonês, mas, a partir dos seis anos, quando passou a freqüentar a escola no sítio em que vivia com a família, o português passou a ser a língua do seu cotidiano. SI relata que os pais falavam japonês, mas os irmãos (numerosos) falavam português. Com o marido, japonês, sempre falou português.

Em 1988, SI sofreu um AVC hemorrágico. Na avaliação neuropsicológica inicial, SI apresentou discreta paralisia à direita, afasia de Wernicke e síndrome piramidal à esquerda. Sua linguagem oral apresentava iteração, acompanhada de dificuldade de encontrar palavras, parafasias semânticas e fonológicas, além de paragrafias, apraxia buco-facial e construcional, discalculias abundantes e paralexias (leitura assemântica).

Antes do AVC, segundo SI, entendia o japonês oral e compreendia alguma coisa da escrita, mas, após o AVC, perdeu esta capacidade. SI freqüenta o CCA desde 1990. O exame neurológico inicial, realizado no Hospital de Clínicas da Unicamp, revelou um discreto déficit à direita, da motricidade voluntária de predomínio braquial, além de discreta identificação na motricidade fina à direita.

Em relação ao tônus muscular, nenhuma alteração foi identificada. Apresentava alteração de marcha com discreta paresia à direita. Os exames de sensibilidade (superficial-táctil, dolorosa, térmica) e profunda (postural, vibratória, à pressão,

dolorosa à compreensão profunda), estereognosia e discriminação tátil não revelaram alterações significativas naquela ocasião. SI teve o diagnóstico de síndrome piramidal à direita, além de uma afasia secundária ao AVC. A tomografia computadorizada de crânio, realizada em 20/08/1992, mostrou hipodensidade comprometendo o lobo frontal, insula esquerda e tálamo esquerdo.

Dentre os participantes afásicos do CCA, SI é a integrante que menos realiza sobreposições de turnos. Ela raramente assalta o turno de seus interlocutores ao participar das discussões, para introduzir tópicos ou se posicionar nos debates. Sua participação nas atividades de linguagem ocorre na maioria das vezes quando é interpelada diretamente pelos pesquisadores. Preferencialmente, toma a iniciativa de introduzir tópicos conversacionais, compartilhar informações e expor pontos de vista durante o momento do café, contexto interacional não dirigido a práticas e ações mais definidos.

SI, ao tomar a palavra, realiza construções lexicais curtas ou monossilábicas em um baixo volume de voz. Frequentemente, tem dificuldade de acesso lexical e seu turno é completado, por outros afásicos, principalmente por NS, com quem mantém uma relação de amizade muito próxima.

MG

MG é uma senhora brasileira, nascida em 04/04/1948, destra, solteira. Antes de ser acometida pelo AVC, MG tinha uma agência de turismo e uma rotina típica de microempresária. Em 31/12/1999, teve um Acidente Vascular Cerebral (AVC) isquêmico que, segundo a tomografia computadorizada de crânio, atingiu a região têmporo-parietal à esquerda, revelando seqüelas de Acidentes Vasculares Cerebrais isquêmicos no tálamo e no lobo frontal, além de AVC isquêmico lacunar na região subcortical de transição têmporo-parietal à direita. Disso resultou uma afasia de predomínio expressivo, com hemiparesia à direita e apraxia oro-facial.

Em sua linguagem observam-se, de maneira consistente, dificuldades de encontrar palavras e dificuldades predicativas, além de parafasias (fonológicas em especial). Apresentando um quadro afásico de predomínio motor, a produção verbal de MG é, inicialmente, laboriosa, com perseveração, produção de parafasias de várias naturezas (inclusive deformantes ou “neologizantes”). MG comumente chama a atenção, de maneira humorada, para suas dificuldades de produção, em especial

às fonético-fonológicas. Embora proceda a operações epilingüísticas, por vezes MG demonstrou dificuldades de proceder a processos inferenciais.

Durante as atividades do CCA, não são raras as ocasiões em que MG introduz o tópico da discussão. Ela sempre opina sobre temas polêmicos que integram a pauta das reuniões, como também são freqüentes seus relatos sobre viagens realizadas ao litoral com a família. Para conseguir completar o turno conversacional, MG produz alongamentos vocálicos que muitas vezes servem para contornar sua dificuldade de acesso lexical. Também observamos diversas vezes, atividades de "escrita no ar" como estratégia conversacional e evocação lexical.

Como mantém um imóvel de veraneio em Bertioga, MG viaja com freqüência para o litoral durante os feriados prolongados. MG demonstra ter uma boa relação com os familiares, especialmente os sobrinhos. De uma forma geral, MG é uma senhora atuante, tanto fora quanto dentro do CCA; há pouco tempo atrás conseguiu tirar habilitação para dirigir e adquiriu um automóvel adaptado às suas necessidades. MG integra o CCA desde 2001.

JM

JM é um senhor brasileiro, destro, casado, nascido em 04/ 03/1933 na cidade de São Paulo (SP). JM tem o segundo grau completo e fez vários cursos de reciclagem na área de vendas e administração (era vendedor, negociava produtos de papel, jornal, fazia encomendas e negócios por telefone). Atualmente, JM faz curso de marcenaria, especializando-se em marchetaria, o que o tem deixado bastante satisfeito. Em 17/11/2000, JM teve um Acidente Vascular Cerebral (AVC) à esquerda, apresentando dificuldade na fala e alteração do movimento do lado esquerdo do rosto. De acordo com o exame neurológico realizado no Hospital das Clínicas da Unicamp em 23/09/ 2002, JM apresentou inicialmente um quadro de afasia semântica, cujas dificuldades maiores são de acesso e processamento lexical, bem como a produção de parafasias morfo-fonológicas.

JM gostava de ler revistas, além de jornais (os quais hoje ainda assina e lê) e livros policiais. Escrevia bastante "Telex" e cartas para clientes, mas não outros tipos de textos. Hoje, após o AVC, diz não mais conseguir ler e apreciar a leitura. JM apresenta a escrita relativamente preservada, com algumas omissões de letras, de palavras funcionais e/ ou parafasias e contaminações. JM apresenta dificuldades

fono-articulatórias, embora consiga comunicar-se de forma razoavelmente satisfatória.

JM demonstra estar integrado aos acontecimentos e fatos noticiados pela imprensa. Ele sempre participa das discussões agregando novas informações sobre os tópicos debatidos nas atividades de linguagem. Sua presença no CCA não é muito freqüente, talvez devido ao fato de residir em São Paulo. JM freqüentou o CCA de 2001 a 2006.

NS

NS é uma senhora brasileira, destra, casada, prendas domésticas, nascida em 28/12/1959, na cidade de José Bonifácio, em São Paulo. Cursou os primeiros anos do ensino fundamental, e atualmente reside no município de Sumaré (SP). Em 03/05/1999, apresentou uma forte dor de cabeça e hemiparesia à direita, recebendo atendimento no Hospital das Clínicas da Unicamp. De acordo com o exame neurológico realizado neste hospital, NS apresentou um quadro de afasia transcortical decorrente de um Acidente Vascular Cerebral isquêmico à direita. NS, além disso, apresenta um déficit motor à direita.

No exame de EEG, NS apresentou um distúrbio na região fronto-temporal esquerda, indicando lesão estrutural na região. Em termos neurolingüísticos, caracterizam o quadro afásico de NS dificuldades de acesso lexical, expressão verbal do tipo telegráfica, com supressão de palavras funcionais, má seleção de morfemas gramaticais e predominância de substantivos (em detrimento de verbos). Tal quadro caracteriza uma afasia de predomínio expressivo.

A principal “marca” de NS no CCA é a sua espontaneidade. Ela sempre participa das atividades demonstrando de forma clara sua percepção a respeito de fatos, acontecimentos que se tornam tópico das discussões. NS têm fortes vínculos com a família, especialmente com uma das filhas e neto que moram em sua casa, e, freqüentemente, produz narrativas sobre o cotidiano de sua família.

Em função do seu quadro afásico, ela suprime palavras funcionais, principalmente flexões verbais, pronomes e conjunções, e realiza repetições para garantir a coesão em suas narrativas.

NS participa do desenvolvimento do tópico e realiza sobreposições ao turno de outros participantes, especialmente nas ocasiões em que tem alguma dúvida sobre

o tema discutido. NS mantém uma relação estreita de amizade com SI, e bom entrosamento com os demais integrantes do CCA. Participa do CCA desde 2001.

MS

MS é um senhor brasileiro, destro, nascido em 17/01/1946, divorciado, professor de curso pré-vestibular, nível superior completo (Letras). Atuou como jornalista e ator de teatro. Antes do AVC, MS lia e escrevia muito, nos mais variados gêneros textuais. Depois do episódio neurológico, MS não deixou de freqüentar cinemas, teatros e apresentações musicais e costuma viajar com freqüência, inclusive para o exterior.

Após o AVC, MS apresenta, como seqüela, déficit motor em domínio direito e afasia motora. Em exame clínico, foi diagnosticado: afasia e marcha parética, mantendo hemiparesia direita com sinais de liberação piramidal (Hoffman e Babinski à direita). Atualmente, continua lendo, porém não apresenta a mesma proficiência anterior. Caracteriza sua afasia dificuldade para encontrar palavras, perseverações, disartria leve, além de hemiparesia à direita – o que dificulta sua escrita, por ser destro.

MS é bastante engajado nas atividades do grupo e sempre brinca, faz piadas com os outros integrantes. Suas intervenções durante o desenvolvimento do tópico são, na maioria das vezes, revestidas de ironia e humor, o que às vezes provoca risos durante os encontros. MS é autor de alguns “bordões” já reconhecidos pelos integrantes do grupo, a exemplo da produção “ma-ra-vilha” para expressar ênfase em determinadas situações, e a produção “puta que-”, sempre interrompida e seguida da correção “pu:xa”, usadas para manifestar ênfase depreciativa em tom humorado. MS integra o CCA desde 2004.

MN

MN é uma senhora portuguesa, destra, dona de casa, nascida em 24/09/1927, na cidade Riveira do Espanha, Portugal. Em 26/06/1999, apresentou uma forte dor de cabeça e hemiparesia à direita completa, sendo em seguida encaminhada para o Hospital de Clínicas da Unicamp. De acordo com o exame neurológico apresentado nesse hospital, MN apresentou um quadro de afasia transitória decorrente de infarto cerebral na região da cápsula interna à esquerda, cujos traços proeminentes são

uma hemiparesia à direita, dificuldade de evocar palavras (WFD) e produção de parafasias.

MN reside junto com o seu único filho. Ela demonstra ter um grande descontentamento em relação a sua condição de afásica, sendo freqüentes seus lamentos e reclamações frente às limitações diárias impostas pela afasia. No entanto, apesar de demonstrar este descontentamento, MN participa das atividades de forma engajada realizando sobreposições ao turno dos outros participantes para se posicionar em relação ao tópico e para agregar informações à discussão. Freqüenta o CCA desde 2002.

ED

ED é uma jovem senhora, destra, nascida em 03/03/1973, na cidade de Corbélia, no Estado do Paraná. É casada, dona de casa, com escolaridade de segundo grau completo, tendo trabalhado como secretária antes de se tornar afásica. ED não tem filhos e reside em Sumaré (SP).

Em Agosto de 2004, ED apresentou um quadro súbito de cefaléia de média intensidade associadas a parestesias e afasia. A tomografia computadorizada de crânio apresentou imagens sugestivas de AVC isquêmico em parte dos territórios superficial e profundo da artéria cerebral média esquerda. A ressonância magnética do crânio apresentou como achados AVC isquêmico com áreas de transformação hemorrágica no território da artéria cerebral média esquerda. Ao exame neurolingüístico, ED apresentou boa compreensão da linguagem oral e escrita com comprometimento da linguagem espontânea no nível fonológico. ED apresenta uma afasia motora com hemiplegia à esquerda. ED freqüenta o CCA desde 2005.

3.2.2 Os sujeitos não-afásicos que integram o CCA

Pesquisadora EM

Edwiges Maria Morato é professora do Departamento de Lingüística do IEL – Unicamp, coordena as atividades do Programa de Linguagem e se responsabiliza de maneira institucional pelo CCA.

Geralmente, é ela quem “oficialmente” dá início às atividades no momento em que todos estão sentados à mesa introduzindo ou motivando os tópicos, e procurando

distribuir os turnos ao requerer dos afásicos a participação nas discussões do tópico e na gestão das atividades desenvolvidas pelo grupo (como o jornal, o cine-clube, as discussões, *etc.*). A professora foi um dos membros fundadores do CCA em 1989, e coordena o grupo aqui analisado desde 2001.

Pesquisadora HM

Heloísa Macedo é fonoaudióloga, mestre em distúrbios da comunicação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e doutora pela Unicamp na área de Neurolingüística. Durante o seu doutorado, Heloísa passou a acompanhar as atividades do CCA. Entre 2001 e 2003, a pesquisadora observou as interações do grupo através de um espelho espião em uma sala anexa à sala de convívio (equipada com cozinha e banheiro) onde ocorrem os encontros semanais do CCA.

Posteriormente, em 2004, Heloísa participou dos encontros como observadora responsável pelo registro das atividades do grupo. A partir de 2005, passou a integrar o grupo, participando das atividades do Programa de Linguagem. A pesquisadora também auxilia na organização dos encontros, na preparação da pauta e dos tópicos e na distribuição dos turnos para garantir a participação dos afásicos nas atividades do Programa de Linguagem. Na ausência da professora Edwiges, Heloísa assume o papel de coordenadora das atividades.

Pesquisadora IR

Íria Reisdorfer é mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Lingüística – IEL/Unicamp. Durante o ano de 2005, Íria participou das atividades do Programa de Teatro e o Programa de Linguagem na condição de observadora responsável pelo registro áudio-visual dos encontros.

Pesquisadora JC

Juliana Calligaris é atriz, com formação em Artes Cênicas pela Unicamp, e integrou a equipe do CCA durante o ano de 2005, sendo responsável pelas atividades do Programa de Expressão Teatral. A pesquisadora, nas atividades do Programa de Expressão Teatral, procurava integrar os sujeitos afásicos em situações lúdicas e dramáticas que exijam a comunicação, interlocução e o uso das expressões gestuais, vocais e corporais.

Além de ser responsável pelas atividades do Programa de Expressão Teatral, Juliana também participava das atividades do Programa de Linguagem. A sua participação nestas atividades é caracterizada pela descontração pela qual ela indaga os afásicos nas discussões dos tópicos, o que acaba sendo uma forma de distribuição dos turnos.

Esta é a equipe de pesquisadores que atuaram no CCA durante o ano de 2005.

3.3 A transcrição do *corpus*

Os registros audiovisuais dos encontros semanais do Centro de Convivência de Afásicos referentes ao ano de 2005, integrantes de nosso *corpus*, acompanham o movimento atual do grupo COGITES na lapidação de um sistema de transcrição melhor configurado para os propósitos teórico-metodológicos do grupo. A transcrição que utilizamos nesta dissertação segue o "modelo Jefferson" (Marcuschi, 1986; Loder, 2008) de transcrição, enriquecida em detalhamentos de notação a partir dos trabalhos de natureza interacional e multimodal de Mondada (2002).

Com o aprofundamento das questões em torno da transcrição, bem como com o crescente interesse em trazer para a análise das interações sua densidade multimodal (a conjugação de elementos verbais e não-verbais), temos mais recentemente procurado implementar, ainda, outros aspectos na transcrição dos dados (como o movimento de filmadoras que registram as ações). O trabalho de transcrição que derivou os dados utilizados no *corpus* desta dissertação contou com o amparo de programas para a contagem das pausas, precisão da percepção do segmento sonoro, visualização das imagens e alinhamento som-imagem (*Audacity*, *Sony SoundForge*).

As normas de transcrição podem ser acompanhadas na tabela que organizamos e disponibilizamos em anexo.

CAPÍTULO IV

Análise dos dados

4.1 Análise das atividades de reformulação

Nossas análises aqui apresentadas representam nosso esforço de caracterização das atividades de reformulação em conversações envolvendo afásicos e não-afásicos, em busca da identificação de regularidades estruturais e funcionais da reformulação, observáveis e identificáveis com o trabalho meta/epilinguístico feito pelos sujeitos nestas instâncias reformulativas.

Nosso *corpus*, composto de atividades de reformulação recortadas de três encontros do CCA, será submetido a uma análise principalmente qualitativa do fenômeno em episódios enunciativos. Contudo, pretendemos apontar algumas possíveis tendências quantitativas também observadas.

Partimos, como já exposto ao longo desta dissertação, de uma não-separação estanque entre o linguístico e o extra-linguístico na construção de sentido no texto conversacional. Isso significa, entre outras consequências, uma não-separação entre forma e função das atividades de correção analisadas. Contudo, para efeito mesmo de averiguar esta inextricável relação entre forma e função, ou entre fatores linguísticos e interacionais, chamaremos a atenção para manifestações de saliência de cada um destes fatores.

Quanto à forma, ou à estrutura das atividades de reformulação, analisaremos especialmente a questão da operacionalização, contrastando os quatro tipos (auto-reformulações auto-iniciadas e com hetero-iniciadas, hetero-reformulações auto-iniciadas e hetero-iniciadas). Chamaremos a atenção às condições de emergência destas diferentes formas da reformulação, buscando a partir daí estabelecer semelhanças e diferenças entre os dados de afásicos e não-afásicos.

Teremos ainda a oportunidade de apontar a presença de marcadores tipicamente reformulativos, bem como a variedade de níveis linguísticos que se tornam foco das atividades de reformulação nas interações do *corpus*.

Atentamente ao caráter colaborativo da reformulação, nossas análises buscarão identificar a princípio a função interativa da reformulação, tônica tanto dos estudos

etnometodológicos, quanto dos textuais-interativos. Aqui, estaremos preocupadas com os aspectos intersubjetivos e atentos às consequências das reformulações para as relações entre os participantes – e vice-versa.

O aprofundamento a que nos dispomos é de averiguar o alcance desta delimitação da função interativa ou comunicativa das atividades de reformulação, tendo em vista a natureza multifuncional do fenômeno apontada por Koch (2004). Adensando nossas análises sob o escrutínio da metadiscursividade, focalizaremos as estratégias metadiscursivas postuladas por esta autora, chamando a atenção para sutilezas que podem ser depreendidas da "função interacional" da reformulação.

Procuraremos também tratar das sutilezas que diferenciam correções de paráfrases, limites muitas vezes indelimitáveis. Neste caso, nos apoiaremos na distinção proposta por Barbosa (1999), a qual distingue retificações das infirmações, tratando as primeiras como correções e as segundas como correções parafrásticas, ou paráfrases saneadoras.

Este procedimento nos dará a chance de observar as possíveis semelhanças e diferenças lingüístico-interacionais entre as reformulações levadas a cabo por afásicos e não-afásicos, retomando a discussão em torno da própria definição de afasia enquanto comprometimento de habilidades metalingüísticas.

4.1.2 Operações e estratégias

Como já expusemos anteriormente quanto ao caráter operacional da correção, Fávero *et al.* (1996) descrevem os procedimentos da correção com respeito à iniciação e resolução desta atividade reformulativa prototípica. As autoras sistematizam este aspecto da reformulação à semelhança de Schegloff *et.al.* (1977), observando qual falante "tem iniciativa" no processo de reformulação e também quem a "processa".

Em nosso *corpus*, estabelecendo como referencial o enunciado-origem das reformulações, identificamos a presença de todos os tipos de iniciação de reformulação previstos por Fávero *et al.* (*op. cit.*), bem como reformulações dadas nos diversos níveis lingüísticos previstos pelas mesmas autoras. Uma variedade de marcadores verbais (e não verbais) também foram detectados em nossos dados.

Com respeito às estratégias metadiscursivas – metaformativas, metapragmáticas e meta-enunciativas – descritas por Koch (2004), também estas foram observadas tanto na fala de afásicos, quanto na de não-afásicos, permitindo observar diversos níveis de consciência sobre a linguagem exibidos pelos sujeitos, bem como apontando para uma plenitude da multifuncionalidade da reformulação no contexto a que nos dedicamos neste trabalho.

Abaixo, analisamos algumas ocorrências emblemáticas desta complexidade de processos.

(1)

AphasiAcervus: 14/04/2005

Contexto: *Após a atividade de teatro, o grupo está sentado em volta da mesa do café conversando sobre as novidades da última semana. Na breve cena que observamos abaixo, o grupo está contando a JM, afásico, sobre os passeios que realizaram no período em que este integrante esteve ausente das atividades do CCA. Participam deste episódio os sujeitos afásicos MG, MS, JM e SP, e as pesquisadoras EM e JC.*

01	EM	<que mais que nós fizemos tivemos algum PASSEio/(.) fomos ao
02		<u>cinema</u> //>
03	em	<((dirige o olhar aos integrantes do grupo estimulando que
04		participem))>
05	sp	((aponta para a direção da porta, afirmando com a cabeça))
06	MG	°f(u)°[fo:mos]
07	MS	[MA:rav ilha=
08	JM	=ah É/
09	sp	((dirige-se a EM, apontando insistentemente para a direção da
10		porta, direção de fora da sala, do espaço das outras salas do
11		prédio, em uma das quais trabalha a pesquisadora Rosana, cuja
12		casa o grupo havia visitado))
13	SP	°e [o outro/°
14	JC	[FO:
15	SP	°a:°
16	JC	FOram sozinhos
17	SP	°passeio ahn da[:°
18	MS	[SOZINHO ahn
19	EM	<ah: é verdade (.)°casa da rosana//°>
20	em	<((voltada para SP))>
21	sp	((responde para EM, confirmando com gesto de cabeça
22		afirmativo))
23	JM	+é a-a é ahn:(.)+
24	jm	+olhar dirigido para MS+
25	EM	<é:>
26	em	<((ainda para SP))>
27	JM	c[al/]
28	JC	+[o G]RUPO FOI SOZInho+
29	jc	+gesto circular com a mão, referindo-se ao grupo como um todo+
30	JM	QUAL filme né °que-°ahn qu[al <u>filme</u> //]

No dado acima, podemos apontar duas atividades de auto-reformulação auto-iniciadas, ambas feitas por sujeitos afásicos. Confirmando a tendência observada pela literatura discutida em nossos capítulos precedentes, este tipo de reformulação

é o mais produtivo em nosso *corpus*, constituindo a maioria das ocorrências tanto para os sujeitos afásicos quanto para os não-afásicos. Das 187 ocorrências de reformulação que identificamos em nosso *corpus*, 80 se referem às auto-reformulações de sujeitos não-afásicos e 40 àquelas presentes na fala de sujeitos afásicos.

A primeira, na linha 02, é de responsabilidade de MG, trata-se de uma correção do segmento "f(u)", uma provável parafasia fonológica com implicações morfo-sintáticas ("fumos"), com substituição pelo item definitivo "fomos". Cabe lembrar aqui que a variante sóciolingüística de MG não prevê a produção "fumos" como não-marcada.

O enunciado reformulado conta com ênfase prosódica e alongamento da vogal acentuada "fo:mos". Temos aqui uma atividade metaformativa, focada essencialmente na construção do texto. Na linha 07, a produção do sujeito afásico MS, "MA:ravilha", demonstra atenção à reformulação efetuada por MG e homologa a tentativa com sucesso de reformulação observada.

A segunda ocorrência identificada neste episódio conversacional aparece na fala de JM, na linha 30. Nesta auto-reformulação, JM reestrutura sintaticamente seu enunciado, interrompendo a formulação, optando por não desenvolver "QUAL filme né 'que". A uma marca de hesitação "ahn", segue-se a reelaboração também metaformativa: "qual filme/".

Nestes dados podemos perceber que tanto MG quanto JM procedem de maneira análoga a situações observadas entre não-afásicos, como é o caso dos exemplos a seguir.

(2)

AphasiAcervus: 14/04/2005

Contexto: Ainda no mesmo contexto do dado anterior, o assunto do grupo está centrado nas oportunidades que tiveram de ir ao cinema juntos. Participam do episódio os afásicos JM e NS, e a pesquisadora EM.

01	EM	Antes a gente tinha visto: <u>olga</u>
02		(1,2)
03	JM	+ol[ga t]ambé:m+
04	jm	+movimento afirmativo com a cabeça+
05	EM	[juntos]
06	NS	é: <u>já</u>
07	EM	<a g- lembra que a gente foi vê/> jó- <u>olga</u> junto//
08	em	<((com o olhar voltado para NS))>
09	NS	+°ahan°+
10	ns	+voltada para EM, responde afirmativamente com o olhar e com
11		movimento positivo de cabeça+

12 JM +E-é[:+]
 13 jm +afirmativamente com a cabeça+

Na linha 07, EM interrompe sua fala, efetuando imediatamente uma auto-reformulação de seu enunciado no nível fonológico "a gente foi vê/> jó-olga junto". A estratégia em questão é metaformativa, tendo como escopo o código linguístico em uso.

Podemos observar, ainda, outra auto-reformulação, esta de caráter metapragmático, na fala de EM, na linha 07: "<a g- lembra que a gente foi vê/> jó-olga junto//". EM interrompe sua fala para inserir a fala parentética "lembra que", convocando o conhecimento partilhado entre os interlocutores do grupo.

(3)

AphasiAcervus: 07/04/2005

Contexto: A senhora afásica ED conta os problemas que está enfrentando junto à Previdência Social para conseguir um auxílio financeiro justificado pelo afastamento de seu trabalho em decorrência da afasia. A demora da homologação deste auxílio, com conseqüências sérias para seu cotidiano, é o assunto em pauta no episódio. Participam deste episódio os afásicos ED e SP, bem como a pesquisadora EM.

01 ED (0,3)ou- gr-eb- resposta (r)onado (0,5)É(.)e u ed-sE: sair
 02 (.) NÃO sair
 03 EM ahn/
 04 ED u(f/v) é: vou é divogado
 05 EM entendi\ se não [sai:r]&
 06 NS [isso memo]
 07 EM &na tramitação normal aí que já tá atra[sada]
 08 SP [°é°]
 09 EM &você vai acionar um advogado
 10 ED é
 11 EM porque entende gente/ lembra que ela falou que ela- (que) **você**
 12 **trabalha aqui em campinas/né/ (1,0) na raia como é que chama**
 13 **mesmo// (.)quali/**
 14 **ED qualirádio**
 15 **EM na qualirádio né/ trabalha: trabalha como secretária né/ lá**
 16 **da::((gesto com as duas mãos, polegares em riste, descrevendo**
 17 **um espaço circular))**
 18 **ed ((gesto afirmativo com a cabeça))**
 19 EM e aí (.)ela- tem o direito de ficar afasta:da pela
 20 previdência (0,7) enquan:to (0,4)está aí se re[cupera:ndo]&
 21 SP [°(certo)°]
 22 EM &fazendo os atendimentos essas coisas\ cê entende como é que
 23 é// fazendo as terapias que ela faz (0,5) mas ela tem direito
 24 a um s- ela tem direito a esse auxílio:
 25 NS é: tem:

Novamente, apontamos semelhanças no nível metaformativo das reformulações feitas por afásicos e não-afásicos. Se tomarmos as linhas 01 e 02, fala de ED, e a linha 24, fala de EM, encontramos auto-reformulações no nível do dito, do enunciado.

O dado traz ainda mais fatos interessantes passíveis de análise. Nas linhas 12 e 13 e 14, temos uma hetero-reformulação auto-iniciada por EM e levada a cabo por ED. Este tipo de reformulação, como veremos em análises próximas, ocorre menos na fala de não-afásicos.

Ainda quanto às semelhanças entre as reformulações produzidas por afásicos e não afásicos, observamos um número similar de hetero-reformulações hetero-iniciadas: 13 ocorrências cujo enunciado-origem são de responsabilidade de não-afásicos e 14 ocorrências cujo enunciado-origem são de responsabilidade de afásicos.

Os exemplos abaixo ilustram esse tipo de ocorrência.

(4)

AphasiAcervus: 28/04/2005

Contexto: *Combinando seu próximo passeio, os integrantes do grupo se vêem em dúvida entre ir ao bosque ou ao cinema. No momento em que começa o trecho abaixo, a senhora afásica MN propõe uma alternativa para que façam os dois passeios, um de cada vez. Participam da cena os afásicos MN e MS, e as pesquisadoras HM, EM e JC.*

01	MN	=mas por que que num:/ num vamos:
02		(0,4)
03	HM	num e [no outro/
04	MN	[num em: num num lugar/ (.) e daqui a uns dois ou três
05		(domingos) nós vamos no o:tro/=
06	EM	= bom [(.) AQUI É na quinta-fe:ira]
07	MS	+ [I:::SSO:] ah:::~\+
08	ms	+ <i>estende a mão esquerda aberta na direção de MN, movendo</i>
09		<i>positivamente a cabeça+</i>
10	EM	o dia:
11		(.)
12	JC	tem [que ser] na qui:nta

Neste dado, na linha 06, a pesquisadora EM corrige indiretamente a produção da senhora afásica MN, na linha 04. Em um tipo de correção encaixada, EM anula "domingos" como possibilidade de data para os passeios do grupo. Sua reformulação tem diversas marcas, como o marcador discursivo "bom", pronunciado com ênfase, pausa, e aumento do volume de voz " bom (.)AQUI É na quinta-fe:ira", enunciado que sintaticamente se completa na linha 10 "o dia".

Ainda que a hetero-reformulação tenha sido iniciada por EM, percebemos que a ação de outros interlocutores participa desta atividade conjunta. Nas linhas 07, 08 e 09, temos a confirmação da fala de EM pelo afásico MS, cuja enunciação aparece acompanhada de marcadores verbais (alongamento, ênfase) e não-verbais (gesto

dêitico em direção à MN, gesto da cabeça, assentindo a formulação de EM). E na linha 12, a pesquisadora JC parafraseia a reformulação de EM, também conferindo consentimento à afirmação primeiramente veiculada na linha 06.

(5)

AphasiAcervus: 07/04/2005

Contexto: a senhora afásica MN indaga a pesquisadora EM sobre a ausência de outra integrante afásica do grupo, MG. MG, na ocasião, estaria passando férias em seu apartamento na praia, o que leva ao assunto de ter MN também um imóvel no litoral. Participam a senhora afásica MN, e as pesquisadoras EM, JC e HM.

01 EM tava falando aqui ô: juliana (0,6) dona natália tá
 02 perguntando sobre A GRAça que foi PRA PRAia e lá ficou né/
 03 JC ah:: é:
 04 (0,6)
 05 **EM +ela disse que tem um apartamento na praia+ (0,4)**
 06 em +apontando na direção de MN+
 07 JC eu ouvi:\ [na praia grande]
 08 EM [e é o segui:nte\ então/] entã:o
 09 (1,2)
 10 JC convidado:u já
 11 em ((risos))
 12 (1,9)
 13 HM mas ela XX
 14 JC [eu me lembro:]
 15 **MN [num é só-]**
 16 **num é só [me:u\] é meu e da minha no:ra**
 17 EM ((voltada para MN)) °ah tá°

No dado em questão, a senhora afásica MN reformula a fala da pesquisadora EM, nas linhas 15 e 16, fazendo uso de marcadores prosódicos, alongando na linha 16, o alvo da correção que produz, "me:u", bem como a alternativa oferecida em substituição "minha no:ra".

A estratégia de MN é claramente meta-enunciativa, corrigindo a informação veiculada no enunciado de EM que, em forma de discurso relatado, retoma na linha 02 uma conversação que mantivera com MN.

(6)

AphasiAcervus: 28/04/2005

Contexto: Durante a atividade de linguagem, MS faz uma intervenção especial, contando ao grupo sobre sua experiência com a realidade da ditadura militar brasileira nos anos 1960, precisamente no período do golpe militar de 1964. No ponto a partir do qual acompanhamos esta narrativa, MS descreve a segunda de duas perseguições das quais acabo se tornando prisioneiro, antes de ser exilado.

01 MS é-é:::\ (1,3) **P(R/L)ESO:** (0,6) ahn ehn ahn **FICHA:do: no bótsi:**
 02 (0,5)

03 EM O DOPS que era a polícia: polí[tica\]
 04 MS [isso isso]
 05 ED °°hm:::.\°°

Aqui, a hetero-reformulação de EM tem por objeto o enunciado proferido por MS, contendo uma parafasia fonológica, "bótsi:". EM fornece uma reformulação encaixada em um enunciado metaformativo, cuja marca de retificação pode ser observada no aumento do volume de voz na produção do item lexical "DOPS", na linha 3. Este marcador prosódico tem como função a ênfase, a definição do escopo de "DOPS".

Podemos atentar também a um aspecto metapragmático da reformulação de EM, uma vez que além da produção parafásica de MS, outros fatores poderiam estar em jogo para uma opacidade do sentido proferido no enunciado-origem. O conhecimento dos demais integrantes do grupo a respeito dos fatos historicamente relacionados à ditadura militar é um exemplo.

As confirmações de MS na linha 04 e-, principalmente, de ED, na linha 05 contribuem para a hipótese de que a reformulação de EM tem uma relevância regulativa reconhecida para os ajustes enunciativos que focaliza.

(7)

AphasiAcervus: 28/04/2005

Contexto: O grupo conversa sobre o futuro papa a substituir o então recém-falecido João Paulo II. A senhora afásica MG, católica, argumenta a favor do papa, enquanto o cético senhor afásico MS defende posição contrária. Estão presentes na cena considerada os afásicos MS, MG, e NS, bem como as pesquisadoras HM e JC.

01 ms ((leva a mão ao nariz, fazendo ruído como se o assoasse,
 02 com expressão de asco, gesto em desprezo ao papa))
 03 HM °be::n:to° (0,4)
 04 ms ((voltado para MG, acena em negativa com o dedo indicador))
 05 MS n[ão]
 06 HM [°deze]sseis°
 07 MG +v[ocê é muito] mi- (.) muito mila:do+
 08 mg +sorrindo, afastando MS com a mão esquerda+
 09 JC [não com-]
 10 EM É:
 11 ms ((risos altos))
 12 EM [Ô GRAÇA/] (0,3)&
 13 JC [MIMA:DO://]
 14 EM &[aliá:s sobre esse ass]unto: (.)
 15 NS +[milado (.) melado]+
 16 ns +para JC+

Este breve dado é também bastante interessante. Na linha 01, temos uma intervenção gestual do sujeito afásico MS. O gesto, bastante usado por MS em

diversas ocasiões no CCA, consiste em uma pantomima na qual MS finge assoar o nariz e jogar fora o produto do ato. Isso geralmente indica asco ou depreciação de algo ou alguém. O uso desse recurso gestual por MS regularmente acompanha julgamentos negativos sobre o que está sendo dito nas interações do grupo. No episódio em questão, tratava-se de um modo de expressar sua opinião depreciativa sobre o papa João Paulo II, do qual tratavam MS e MG.

Defendendo sua contra-argumentação a respeito do papa, MG produz um comentário humorado, em tom de desprezo, sobre o ato de MS. Em vista da produção parafásica de MG "você é muito mi- (.) muito mila:do", a pesquisadora JC profere uma hetero-reformulação, encaixada na pergunta "MIMA:DO://", alvo aproximado fonologicamente da produção de MG.

Na linha 15, replicando a reformulação de JC, a senhora afásica apóia-se em uma estratégia meta-enunciativa estabelecendo uma clara relação de autonomia entre "milado" e "melado". Esta reformulação de NS é relevantemente marcada por uma pausa e ênfase na reformulação pretendida. Tem também um caráter metapragmático de preservação de face (Cf. Goffman, 1967 [1955]) de MG, chamando atenção a uma relação contextual não presente na reformulação de JC entre a produção de MG e o gesto (a pantomima) anteriormente feito por MS (o que poderia atuar na explicação da opção lexical de NS, "melado", e não a opção de JC, "mimado", como correspondente à evocação realizada por MG).

(8)

AphasiAcervus: 28/04/2005

Contexto: Na ocasião, o grupo está organizando um passeio para ser realizado proximamente. Duas possibilidades são levantadas: um pic-nic no bosque ou um filme no cinema. Na escolha do filme em cartaz para a ida ao cinema, a pesquisadora EM consulta a opinião do senhor afásico MS, cinéfilo. Estão presentes no episódio, além do afásico MS, as pesquisadoras HM, EM e JC.

01	HM	<u>nã</u> o\ esse é o que você <u>leu</u> \ (.) mais uma vez amo:r=
02	EM	=nã + <u>mais</u> uma v[ez amor]+
03	em	+ <u>voltando-se para o jornal</u> , com gesto afirmativo da cabeça+
04	MS	+[e e:i]ah:/ah+
05	ms	+ <u>alternando o olhar entre sua agenda e EM</u> , confirmando,
05		<u>sorridente, apontando para a agenda</u> +
06	EM	que cê achou//
07		(0,4)
08	MS	MA- <(0,4)>
09	ms	<((desvia o olhar anteriormente voltado para EM, dirigindo-o
10		para sua agenda))>
11	JC	qu[e Not a cê-/]
12	MS	[<u>do:is</u> (.) +hm/+

13	ms	+expressão de algum desprezo, sinal com a mão em avaliação '
14		mediana+
15		(0,8)
16	JC	eu ACHEI que eu\ acho que eu daria <u>dois</u> também=
17	MS	=é:\

Neste dado, o senhor afásico MS produz uma auto-correção na linha 08, atividade reformulativa que exige a convocação do contexto para sua análise.

MS, cinéfilo, tem por prática assistir muitos filmes, sempre atualizado sobre os lançamentos e títulos em cartaz. Além de cultivar este hábito, MS tem por costume avaliar os filmes que aos quais assiste dando notas de um a cinco, em escala crescente de apreciação. Essas avaliações, MS as anota em sua agenda, cujo uso faz parte das práticas de linguagem metodologicamente instauradas no CCA.

Além disso, é relevante para o dado em questão o fato de MS ter por automatismo uma expressão tipicamente usada para declarar seus julgamentos positivos sobre os fatos em questão. A produção "maravilha", que segundo a semiologia neurolingüística tradicional poderia ser entendido como um automatismo verbal²¹, marca e caracteriza a forma de inserção de MS na dinâmica conversacional (como troca e disputa de turnos), apreciação, concordância e pontos de vista, é uma das marcas de sujeito muito ativo nas práticas desenvolvidas pelo grupo.

Retornando ao dado, observamos em 06, a convocação de MS por EM, estimulando o primeiro a dar sua opinião sobre o filme cogitado para o passeio do grupo. Uma vez consultado, MS, na linha 08, produz enfaticamente o segmento "MA-", segmento imediatamente interrompido, seguido de pausa e de mudança do direcionamento de seu olhar. Voltando o olhar para sua agenda, MS muda sua

²¹ Ver trabalho de Viscardi no interior do Projeto Fapesp 3 (relatório final): O interesse em analisar as ocorrências de "maravilha" deu-se em razão de parecer, à primeira vista, tratar-se de um automatismo de fala²¹. A característica inicial que parecia determinante ao defini-lo como um automatismo estava em sua presença bastante recorrente, o que parecia determinar que era através quase que exclusivamente deste elemento que MS interagia com seus interlocutores, ou seja, a ocorrência deste vocábulo parecia se dar em razão da impossibilidade de acesso a outros itens lexicais e, nesse sentido, "maravilha" poderia ser considerado um automatismo.

No entanto, um olhar mais atento à produção de MS permitiu compreender que seria um equívoco tratar "maravilha" como um automatismo de fala, tendo em vista, entre outros fatores, que sua ocorrência não é a base do repertório lingüístico de MS. Todavia, pareceu relevante seguir nas observações dos elementos constitutivos do repertório de MS, em razão da sugestão de que a prosódia representaria para a produção de MS papel bastante relevante. Assim, tendo resolvido a questão da interpretação inicial da ocorrência de "maravilha", o presente estudo dedicou-se a observar não só a produção de "maravilha" na fala de MS como também de outros elementos presentes em seu repertório lingüístico, com o intuito de destacar a importância da prosódia e como ela pode assinalar distintos aspectos na interação. Nesse sentido, o trabalho se espelha em estudos bastante consolidados na área da Fonologia Interacional, como os promovidos por Couper-Kuhlen (2001), Selting (1992) e Auer (2004).

expressão facial animada para outra de desprezo e em 12 dá seu palpite com relação a qualidade do filme, "do::is (.) hm", sugerindo uma avaliação regular.

A interpretação a que nos arriscamos considera a produção na linha 12 uma auto-correção feita por MS de sua fala, de seu próprio automatismo, em estratégia ao mesmo tempo metaformativa e metapragmática.

(9)

AphasiAcervus: 14/04/2005

Contexto: EM comenta com JM sobre as oportunidades boas que se pode ter morando em São Paulo, cidade de origem deste integrante do grupo. Encontram-se presentes neste episódio os afásicos JM e ED, e a pesquisadora EM.

01 EM e [lá no BAirro bonfim//]
 02 JM [tem muiro- muito a ver]
 03 EM mas lá +onde ele mora+(.)senhor mora o que/ali naquela região
 04 em +volta o olhar na direção de MS e SP apontando para JM+
 05 & é higieNópolis/ a do senhor/
 06 JM °é:° (0,6)° (hi[gienópolis)°]
 07 JC [qual sesc é] ali:/(0,4)sesc [pinheiros/
 08 JM [é:ahn:não:ahn:
 09 pompéia
 10 JC ah Lógico=
 11 EM =é BEM BACANA ali\ né/e tem assim també:m é:exposiçã:o teatro
 12 [cinema]
 13 JM [(aqui:)tem]bast-bastante coisa
 14 EM o senhor com a dona elza frequentam lá/
 15 JM +°frequ-ta XX frequenta°+
 16 jm +gesto afirmativo com a cabeça+
 17 (0,6)
 18 EM que gosto:so que gostoso né/(0,6)[são paulo tem isso]né edna/
 19 JM [°é: duas duas°]
 20 ED +é: +
 21 ed +afirmando com a cabeça+
 22 EM muita coisa pra:ver né/

Aqui, além das auto-correções feita por JM nas linha 02 e 15, de função metaformativa, temos uma hetero-reformulação na linha 09, de responsabilidade do mesmo sujeito. Todas elas comparecem em uma atividade ao mesmo tempo reformulativa e de construção do objeto de discurso (o referente construído na seqüência interacional) " Sesc-Pompéia".

(10)

AphasiAcervus: 14/04/2005

Contexto: ainda dentro do mesmo contexto descrito para o dado anterior, EM e MG contam sobre atividades ocorridas no CCA durante o período de ausência de JM. EM fala das diversas discussões realizadas pelo grupo sobre as pesquisas atuais sobre célula tronco e MG lembra de uma visita que receberam para discutir esse assunto. Estão presentes os afásicos MG e JM, e a pesquisadora EM.

01 EM o que é que nós temos feito (0,5) eu contei um pouquinho de
02 minha parte pra ele (0,5) que as nossas última:s discussões
03 aqui (0,7) e que envolve pesquisa na interne:t (0,3)
04 docume:ntos (.) tudo (0,5) foi a-a te-é e e material de
05 jorna:l revista (0,6) até
06 proGRAMA de teleVISÃO\ nós vimos e discutimos (0,5) sobre: a:a
07 aprovação no: na:no congresso (0,4) das pesquisas de célula
08 tronco (0,6) então [ficamos com es]te TE:ma\
09 JM [ah sei]
10 (0,8)
11 EM Ahn:\e ta[BÉM] sobre o trinta e um de MA:rço\ (.) né/
12 MG **+ [E ELA//] +**
13 mg *+dirigindo-se a EM+*
14 em *((volta-se para MG))*
15 MG **é-ELA (.) é (.) possô-ºaº professora VEio//**
16 (0,4)
17 EM **a:: a: médica né/=**
18 MG **=i:sso=**
19 EM **=a beatriz ela num pôde vir ainda que ela estava em bauru:**
20 (0,5) então quando ela tive:r na quinta feira em campinas ela
21 viria
22 (.)
23 em *((voltando-se para JM))*
24 EM **uma neurologista que viria [uma que] já veio**
25 JM **+ [sei] +**
26 jm *+afirmando com a cabeça+*
27 (0,5)
28 EM falar pra nós sobre clonagem tudo (.) .h també:m: ºéº alguns
29 detalhes técnicos que nos FALtam (0,5) por exemplo estimativa
30 (0,3) pra digamo:s superação de certas doença:s (.) coméque
31 seria nos próximo anos

Dentro do tópico desenvolvido por EM sobre as discussões que o grupo tivera com respeito a pesquisas de células-tronco, MG introduz um referente através do pronome "ela", na linha 12. Após uma pequena pausa e hesitação, a senhora afásica MG reformula sua própria produção, categorizando "ela" como "a professora", na linha 15. Esta expressão é introduzida também por meio de uma auto-reformulação que se dá no nível fonológico e é basicamente metaformativa: "possô- ºaº professora VEio//".

No entanto, na linha 17, a pesquisadora EM procede a uma hetero-reformulação, categorizando "a professora" como "a médica", marcada por ênfase prosódica. Aqui vemos que em contraste com a auto-reformulação do tipo corretiva e metaformativa feita por MG, a hetero-reformulação fornecida por EM na linha 17 ter caráter de retificação ao mesmo tempo metaformativo e meta-pragmático. EM não só retifica a produção de MG na linha 19 como fornece uma série de atributos para o referente "a professora". Na linha 24, categoriza "a professora" como "neurologista", estabelecendo em sua fala para JM um elo de coesividade entre a intervenção de MG e o tópico anteriormente em curso. Além disso, EM ao proceder

às reformulações apontadas, que atuam na determinação referencial da expressão pronominal “ela”, evocada por MG na linha 12, situa a fala desta como relevante dentro do tópico abordado pelo grupo.

(11)

AphasiAcervus: 07/04/2005

Contexto: *durante a atividade de linguagem, MS faz uma intervenção especial, contando ao grupo sobre sua experiência com a realidade da ditadura militar brasileira nos anos 1960, precisamente no período do golpe militar de 1964. No ponto a partir do qual acompanhamos esta narrativa, MS descreve a segunda de duas perseguições das quais acabo se tornando prisioneiro, antes de ser exilado. Participam da cena enunciativa o afásico MS e as pesquisadoras EM e JC.*

```

01    EM    aí [foi pre::so]
02    JC    [SÓ PRE:SO\ SEM] TOR[tura//]
03    MS    [isso é]
04    NS    °ah só/°
05    EM    aí te solTaram de novo//
06    MS    I::sso\
07    EM    PORQUE AÍ viam que você num tava TÃ:o envol[v]ido assi:m/]&
08    MS    + [I::\ n-NÃO:] +
09    ms    +olhar de dúvida+
10    EM    &então concluíram que você NUM ERA perigo:so [pelo menos\]
11    MS    [É\isso i:]
12    (. )
13    EM    aí solta:ram você:/(0,4)
14    ((NS e JC olham para a direção do relógio))
15    JC    °°isso\ tá no começo ainda mas lógico (.)vai lá no banheiro°°
16    EM    aí cê escreve vestibular [aqui]
17    MS    [É:\] Maravilha((volta-se para ED)) ó/
18    (0,7)É\ (0,3) e-E:u
19    JC    ah::\ que ótimo

```

Neste dado observamos uma auto-reformulação realizada pela pesquisadora EM, iniciada pelo senhor MS, afásico. Com relação à afirmação de EM na linha 10, MS reformula seu enunciado de consentimento; o que era um "I::"(sso) é seguido de um marcador de reformulação, acompanhando de uma hesitação que antecede "n-NÃO"

A reformulação de MS tem implicações para a orientação argumentativa de EM que produz uma auto-reformulação hetero-iniciada, promovida por MS. Na linha 07, EM formula "PORQUE AÍ viam que você num tava TÃ:o envol[v]ido assi:m/]" e após a intervenção de MS, temos uma retificação na linha 13, "então concluíram que você NUM ERA perigo:so [pelo menos\]".

Como o enunciado de MS leva a uma reelaboração do julgamento de EM, podemos dizer que estas atividades de reformulação são tanto metaformativas quanto metapargmáticas, incidindo no dito e no modo do enunciado.

Os exemplos analisados até aqui nos dão oportunidade de ver muitas semelhanças entre as atividades de reformulação conduzidas por afásicos e por não-afásicos. De resolução rápida, predominantemente no mesmo turno da produção do enunciado origem, as reformulações analisadas são, principalmente, fruto da qualidade planejamento *on-line*.

Contudo, podemos examinar também, no *corpus*, alguns casos que exibem uma resolução da auto-reformulação mais laboriosa, relacionável à condição lingüística afásica, tal como apontado por Laakso (2003). Os dois dados a seguir enfocam esta questão.

(12)

AphasiAcervus: 28/04/2005

Contexto: *ainda conversando sobre qual programa farão fora do espaço físico do CCA, o grupo escolhe entre ir ao cinema ou fazer um pic-nic o bosque. MG defende a idéia do passeio no bosque, tópico deste episódio. Participam da cena os afásicos MG, NS e MS, bem como as pesquisadoras EM, HM e JC.*

01 EM ma- que que cê achr-a gra:ça/
02 <(2,7)>
03 mg <((volta-se para a direção de EM, mas com o olhar direcionado
04 à mesa, desenha com o dedo uma letra, a letra T))>
05 MG ahn::\
06 mg +com o dedo parado onde terminou de desenhar a letra sobre a
07 mesa, olha para a direita+
08 (.)
09 JC +ô+
10 jc +para MN+
11 MG + -é+
12 mg +aponta para frente, para o alto, direcionando o olhar para
13 esta mesma direção+
14 (.)
15 JC +tá faLAndo desse filme+
16 jc +para MN+
17 mg ((voltado-se para EM traz o mesmo dedo levantado para cima
18 para a mesa e, novamente, começa a escrever com este dedo))
19 MG **gu-gA: (0,4) ta:quaqua- (0,3)**
20 JC XXX XX:
21 MG **+CA: (0,8) da::+(0,3)**
22 mg **+desenha duas letras, a primeira, um T+**
23 JC °(esse) é pré-estréia:ia° não esse num vale esse é pré-estréia
24 (0,4)
25 MN °ahn/ ahn\
26 mg **((volta-se para NS, percebe-se que ensaia movimentos para
27 falar e continua a escrever na mesa com o dedo))**
28 MG **tá[::]**
29 NS [qua:(0.3)]ah [(num sei)XX]
30 MG **[nã:o:] (1,0) ta qua +qua qua:+**
31 mg +rindo, leva a mão que desenha para cima, espalmada, e para
32 frente+
33 (0,3)
34 NS [vai que]eu&
35 HM [o taquara:l]
36 NS &s[:ei mas] (.) fala (pra ele:)
37 MS [XX(pra:)]
38 (0,6)

39 HM ce que:r/&
 40 mg ((volta-se para MS, rindo e abaixando a cabeça até a mesa))
 41 HM &[TÁ: SUGERindo] ALGUM LUGA:R/
 42 MS [(ah: tá:)]
 43 mg ((movimento afirmativo com a cabeça abaixada até a mesa))
 44 HM pra você pra- é [algum lugar/ou o que que cê°(tá querendo/)]°
 45 NS [é a tê tu ba num sei](0,3) num é:/
 46 (.)
 47 mg ((levanta a cabeça, sorrindo e começa a escrever com o dedo
 48 sobre a mesa novamente))
 49 MG <TÁ:q- (.) [QUÁ::RA:L] Ô:>
 50 EM [°qua:ra:l°]
 51 mg <((voltada para EM, desenha, ao ritmo da fala três letras, a
 52 primeira claramente um T, a segunda parece ser um Q, quando
 53 pronuncia o 'Ô', toca com o dedo com se desenhasse um 'ponto
 54 final'))>
 55 (.)
 56 MS [AH I::::sso\ MA:ravilha:]

No dado acima, a senhora afásica MG procede a uma série de auto-reformulações, enfrentando sua dificuldade de produzir o nome do bosque que sugere como passeio para o grupo, o "Taquaral". Acompanhada de marcas de hesitação como "ahn::", "-é", pausas e alongamentos, as reformulações de MG ora apontam uma dificuldade de processamento com maior tempo de planejamento dos segmentos de sua fala, ora visam a anular segmentos de produção parafásica, como em "CA: (0,8) da:: (0,3)".

Percebemos também que MG não se detém apenas à significação lingüística da oralidade em sua enunciação, apoiando-se na escrita com o dedo sobre a mesa como uma estratégia a mais de auto-reformulação.

Parece possível classificar esta estratégia de MG como meta-enunciativa, uma vez que ela imprime na enunciação desta um distanciamento reflexivo (meta-enunciativo) sobre o "dizer enquanto se diz" (cf. Authier-Revuz, 1998), ainda que em uma modalidade diversa da oralidade. Creio que o gesto ou escrita no ar exemplifica mais um ato metaformativo, pois o conteúdo do que se diz não está posto em questão, ou distanciamento.

O fato de MG interromper e retomar sua fala reformulativamente uma série de vezes nos remete às análises de Laakso, que se dedica a situações parecidas às examinada por nós. Laakso toma para análise situações nas quais afásicos engajados em atividades de reparo encontram dificuldades em encontrar as palavras para efetivar tal atividade. Para a autora, que analisa conversações diádicas entre afásicos de Wernicke e dois tipos diferentes de parceiros – uma terapeuta e um membro da família, dois desdobramentos podem ser observados em vista de uma dificuldade do afásico prosseguir em sua própria atividade de reparo: os

participantes podem aderir a uma atividade colaborativa de reformulação, ou deixar o afásico prosseguir sozinho.

No dado que trazemos aqui, chamamos a atenção ao papel do grupo na dinamicidade da alternância entre os dois movimentos observados por Laakso. Como podemos notar, intervenções de outros participantes marcam uma colaboratividade tanto para que MG prossiga em suas reformulações (a exemplo da fala de NS, na linha 36 e também 45), quanto para que sua produção seja contextualizada na produção de sentido que pretende (contribuição de HM, na linha 41). Estas atividades reformulativas de NS e HM são salientemente metapragmáticas, demonstrando não apenas adesão às reformulações de MG mas também uma avaliação positiva do sentido construído por MG.

Neste sentido, mais um detalhe a ser notado no dado é a tensão que se estabelece entre o cumprimento da regra de menor reforço colaborativo (Clark e Schaeffer, 1989 *apud* Perkins, 2003) e o engajamento na atividade de categorização social que a reformulação implica. De acordo com a postulação de Clark e Schaeffer (1989), o caráter colaborativo das construções conversacionais reparadoras condicionaria as seqüências reformulativas a um entendimento mínimo necessário para os propósitos correntes na interação.

Na linha 35, por exemplo, temos um indício deste princípio colaborativo, com a intervenção da pesquisadora HM fornecendo o possível alvo das diversas tentativas reformulativas de MG: "o taquara:!". Seguindo a interpretação de Perkins (2003), à luz do princípio colaborativo acima descrito, esta iniciativa de HM teria papel na preservação de face de MG.

A mesma ocorrência pode ser reinterpretada de acordo com as afirmações de Oelschlaeger e Damico (2003), se focarmos na atividade de categorização social do fenômeno. Se o grupo tivesse tomado a intervenção de HM como opção e prosseguisse a conversação, por exemplo, a pesquisadora teria completado a fala de MG, impedindo esta de finalizar sua própria fala. Possivelmente, HM estaria colocando em evidência a categorização de MG como afásica.

Vemos, porém, que isso não é tudo o que acontece. Se tomarmos o dado em sua continuidade, observaremos que outras contribuições, feitas principalmente por NS nas linhas 29, 34 e 36 e 45 desempenham um papel diferente do de HM. NS insiste para que MG prossiga em auto-reformulações, tratando a questão humoradamente.

Na linha 41, HM desempenha semelhante papel ao de NS, encaixando uma reformulação em uma seqüência de hipótese, em forma de pergunta.

A alta relevância da colaboratividade observada acima, circunstanciada mais claramente pela condição afásica de algum dos participantes, pode ser detectada no exemplo a seguir.

(13)

AphasiAcervus: 14/04/2005

Contexto: *Conversando sobre a possibilidade de utilizarem o computador do CCA em suas práticas de escrita, os integrantes falam da necessidade de reparos técnicos do aparelho eletro-eletrônico. O senhor afásico MS cogita a possibilidade de um técnico e EM explica as regras para este tipo de serviço dentro da Unicamp. Participam os afásicos SI, MS, MG, JM e NS, e as pesquisadoras EM, JC e HM.*

```

01  EM    quando +puder usar Esse aqui também [a gente:+]
02  em    +aponta para a direção de um microcomputador a alguns metros
03        à sua esquerda+
04  SI    ((sinal afirmativo com a cabeça))
05  MS    +[I]:SS[O\ (dó:)]+
06  ms    +apontando como antes, para frente, mão espalmada para cima+
07  MG    [ah esse] já TÁ:/
08        (0,6)
09  EM    +[QUASE:]+
10  em    +voltada para MG, sorrindo, faz gesto com a mão aberta, em
11        sinal de espera+
12  JM    +[você tem/]+
13  jm    +voltando-se para ED+
14  mg    ((risos))
15  ms    ((risos))
16  NS    +quase/+
17  ns    +rindo+
18  EM    +Q[Uase]+
19  em    +rindo+
20  JC    [quase]
21  EM    &+qua:s[e]+
22  em    +abaixa a cabeça, colocando a mão na testa+
23  jm    ((cutuca o braço de ED))
24  JC    [FA]Z um [A:no\ QUE EU]
25  JM    [cê tem:/]
26  ED    ((volta-se para JM, respondendo negativamente com a cabeça))
27  JC    &to a[qui:\]
28  NS    [QUA]:se
29        (.)
30  JC    [FA]Z um [A:no\ QUE EU]
31  JM    [cê tem:/]
32  ED    ((volta-se para JM, respondendo negativamente com a cabeça))
33  JC    &to a[qui:\]
34  NS    [QUA]:se
35        (.)
36  JC    e eu nunca VI [Esse negócio]
37  NS    [quase/]
38  JC    &funcionar\=
39  NS    =é (mesmo)
40  EM    +(é uma)+
41  em    +com sorriso humorado, leva as duas mãos à testa, abaixando
42        levemente a cabeça+
43        (.)

```

44 MS **ahn**
45 ms +volta-se para EM, apontando para si mesmo+
46 (0,4)
47 MS **e:dimi:lson**
48 ms ((**eleva o dedo indicador**))
49 em ((**mantém olhar apreensivo voltado para MS**))
50 (1,1)
51 MS **+ahn+**
52 ms **+vira-se para a esquerda, com o dedo em riste, procurando algo**
53 **com a vista+**
54 NS qua:se (.) (fun[cional] quase)
55 MS **+ [ahn] +**
56 ms **+aponta com o dedo para a direção da câmera de filmagem+**
57 em ((**olhar apreensivo, voltada para MS, olhando rapidamente para**
58 **a esquerda**))
59 (0,5)
60 EM **edimilson//**
61 MS **ã-NÃO**
62 ms ((**voltado para EM**))
63 (0,4)
64 MS **+ahn+**
65 ms **+aponta novamente para a direção da câmera+**
66 em ((**acompanha com o olhar a direção indicada por MS**))
67 (0,7)
68 hm ((**operando a câmera, participa**))
69 HM °técnico°
70 (0,5)
71 MS **+isso+**
72 ms **+torna a voltar-se para EM+**
73 HM °de computadores°
74 MS **<ahn ah (2,0)>**
75 ms **<((gesto com a mão em pinça, depois aponta para si, depois**
76 **aponta para o computador, mexe os dedos como quem digita e**
77 **finaliza com um sinal positivo com o polegar))>**
78 EM +vô te falar uma coisa\+
79 em +abaixa o olhar e, enfaticamente, a cabeça+
80 EM **&edimilson o que/ é um- funcionário FOr a da unicampi://**
81 em **+movimentos circulares com a mão esquerda, terminando com o**
82 **dedo apontado para a esquerda como que para fora+**
83 MS **+nã ah [NADA+]**
84 ms **+gesto negativo enfático com a mão espalmada para baixo e**
85 **também com a cabeça+**
86 HM [°é:°]
87 EM **+ou DA unicamp//+**
88 em **+volta-se para HM, apontando na direção da câmera+**
89 ms ((**acompanha a direção do olhar de EM**))
90 (.)
91 HM °fora°
92 (.)
93 EM **não\ ah o +seguin:te+**
94 em **+leva a mão ao ombro de MS+**
95 EM **&+na unica:mp só pode ter funcionário da unicamp+**
96 em **+gestos com as mãos estabelecendo dentro e fora da unicamp,**
97 **alternando conforme a fala+**
98 (0,4)
99 EM **.h e o (.)funcionário da unica:mp só pode trabalhar quando:**
100 **°achar que pode° trabalhar**
101 em **+movimenta as mãos e sorri+**
102 MS **+ah::+**
103 ms **+abaixa a cabeça apoiando-se na mesa, mão esquerda à testa+**
104 EM **+então o TEMpo(.)É DA burocraCia+**
105 em **+aponta para trás de si, voltando-se para JM+**
106 EM **&[continua:a mesma história +tudo é ba]talhado para que:+**
107 em **+levanta e movimenta os braços com os punhos fechados+**
108 JM [Ah::\ sei]
109 em ((**abaixa os braços, movimentando-os como a correr**))
110 (0,8)
111 EM **&a burocracia seja RÁpida a administração\ +que coisa não/+**
112 em **+tensiona as sobrancelhas, em olhar de indagação e**

113 *inconformação para o grupo+*
114 ms (*(risos)*)

No presente dado, a discussão sobre o conserto do computador do CCA, fora de uso, conta com a intervenção de MS, a partir da linha 44, quanto este senhor toma a palavra. Em 44, MS enuncia o marcador "ahn", voltado para EM, ao mesmo tempo que aponta para si. Após uma pausa de 0,4 segundos, marca de hesitação em sua fala, MS enuncia "e:dimi:ison", ao mesmo tempo em que eleva o indicador, gesto muito marcante das intervenções de MS nas conversações do grupo.

Em 55, MS, que havia evocado "edimilson", contextualiza sua iniciativa de chamar um técnico para consertar o computador. Esta produção é precedida de uma pausa mais longa (1,1) e mais um marcador de hesitação "ahn", na linha 51, bem como em 55, indicando hesitação e preparação da fala de MS para uma possível especificação do que foi dito em 44. Também podemos dizer que a pausa, em 50, e o olhar apreensivo de EM, em 49, são marcas que motivam as reformulações feitas por MS a seguir.

Em 52 e 56 temos marcas não-verbais bastante relevantes para a interpretação deste dado, que apresenta uma alta densidade modal (*cf.* Norris, 2004). Ao mesmo tempo em que enuncia "ahn" em 51, MS busca meios de reformular sua intervenção de maneira a se fazer entender por EM. Assim explicamos o direcionamento de olhar em 52, uma busca que MS alcança em 55 e 56. Neste ponto, o enunciado "ahn" é acompanhado do gesto dêitico em direção à câmera de filmagem que registra a reunião.

Ainda com o olhar fixamente voltado para MS, em 60, EM dirige-se a MS expressando dúvida sobre quem seria "edimilson", provocando novas tentativas deste participante na reformulação de sua contribuição pretendida. MS repete seu gesto dêitico em direção à câmera, sendo interpretado por HM, responsável pela filmagem do encontro naquela ocasião.

As colaborações de HM, feitas em voz baixa (que podemos associar à sua participação indireta, fora da mesa), na linha 69, são formuladas como hipótese do intento comunicativo de MS, que aceita estas contribuições, usando marcadores discursivos e novos recursos dêiticos. Nas linhas 74 e 75, MS produz marcadores de concordância com HM, acompanhando sua fala de uma complexa pantomima do tipo de manipulação do computador a qual se refere.

Segue a este momento a fala de EM, "vô te falar uma coisa\ edimilson o que/ é um- funcionário FOra da unicampi:/" formulada a partir das últimas contribuições de MS e HM, em uma hipótese do sentido pretendido pelo senhor afásico.

Em 83, a resposta de MS, deixa dúvida com relação a seu estatuto de concordância ou discordância frente ao enunciado de EM, na linha 80. Esta intervenção leva EM a reformular sua própria fala em 87, com ajuste enfático no escopo do enunciado "ou DA unicamp//", acompanhado de mudança no direcionamento do olhar, da postura e de gesto dêitico em direção à câmera de filmagem.

Novamente a contribuição de HM se faz notar, nas linhas 86 e 91, por meio de hetero-reformulações que são aceitas por EM, como podemos perceber em 93. Nesta linha, partindo do uso de marcadores discursivos "não\ ah", EM trabalha com progressão tópica sobre a contribuição de EM, explicando porque é que não poderiam chamar "edimilson", um técnico externo à equipe de funcionários da Unicamp, responsável por qualquer manutenção técnica do CCA.

A intersubjetividade aqui é claramente um fator primordial para que a intervenção de MS torne-se relevante no desenvolvimento do tópico em andamento.

O próximo dado, também envolvendo o sujeito MS, convoca novamente nosso interesse para a importância da intersubjetividade nas atividades de reformulação.

(14)

AphasiAcervus: 07/04/2005

Contexto: enquanto o grupo discute sobre os eventos da semana, MS toma a palavra para contar sobre um acontecimento pessoal relacionado à afasia e ao uso de uma expressão idiomática inglesa que teria sido motivo de uma conversa, fora do contexto das reuniões do grupo, entre MS e as pesquisadoras EM e HM. Participam os afásicos MS e NS, e as pesquisadoras EM e HM.

01 EM ((voltada para MN))°ah tá° ((voltando-se para MS))(0,4)
 02 fala serra
 03 (0,5)
 04 MS uhm [uhm] uhm&
 05 NS [vai]
 06 MS hm hm muito: obrigado: mesmo (1,0)ahn: ahn: dudu
 07 EM ahn/
 08 MS -ahn: (0,3) he-he1ô
 09 (.)
 10 EM ahn/
 11 (0,3)
 12 MS -ahn (0,9) e:u: -ahn (.) eu (2,3) (1:inst-u) A HH
 13 (0,7)
 14 NS esqueci
 15 EM last but not least
 16 MS + -é (0,4)+ m:Uito obrigado (0,4)mesmo
 17 ms +estende a mão espalmada para cima, em direção a EM, com

18 **gesto afirmativo da cabeça+**
19 EM o que/ [cê foi lembrando/ da cultura do inglês/]
20 MS [i::SSO A:HN ahn:: ahn] i:SSO ((bate com a mão
21 sobre a mesa)) (0,3) maravilha
22 HM XXX tá retomando coisas que você-ahn- (0,3) que pareciam
23 esquec-
24 NS tá vendo/
25 EM ele [queria usar uma] expressão em inglês
26 MS [mu:ito]
27 NS tá vendo/
28 (0,4)
29 EM e nu::m consegui:a e:
30 SP °(certo)°
31 (1,6)
32 EM tô lembrando aqui serra que cê é professor de inglês né/
33 MS é:
34 EM então ele tá dizendo agora que: enfim de ele (esta:ndo) aqui
35 (0,5) botando a cabeça pra funcionar també:m (.) mesmo o
36 inglês vai aparece:ndo:&
37 MS e:isso
38 EM &pra ele\ ele quis usar uma [expressão hoje:]
39 NS [ah: eu [também]]
40 MS [isso]
41 EM que é:[alguma coisa assim é: por-é (0,3)por último]&
42 NS [eu também há muito tempo atrás eu num falava nada]
43 EM &mas não: diminuído
44 MS isso isso
45 EM por último mas [nã:o]
46 HM [mas não] menos importante\[°né°/
47 EM [menos]
48 importante\ que é uma expressão&
49 MS maravilha
50 EM & [°que: (di:z)°] last but not least\

No episódio acima, MS instaura uma série de atividades reformulativas de caráter meta-enunciativo, a partir de seu enunciado na linha 12, marcadas por vários indícios de hesitação e de dificuldades de formulação lingüística.

A partir da produção "(l:inst-u)", EM produz uma hetero-reformulação na linha 15, "last but not least ", aceita por MS na linha 16. A contribuição de EM, prontamente reconhecida por MS, torna saliente para nós os movimentos interpretativos aos quais EM procede para poder oferecer esta reformulação da fala de MS. Ao proceder a suas reformulações, EM trabalha sobre conhecimento compartilhado com MS e com HM, seja sobre uma conversa anteriormente mantida com MS sobre seus conhecimentos de outras línguas, seja sobre o fato de ter sido este senhor um professor de inglês.

(15)

AphasiAcervus: 07/04/2005

Contexto: *sentados para o café, os integrantes do grupo recebem uma notícia de EM, confirmando o início próximo de atividades de fisioterapia no CCA, a serem desenvolvidas semanalmente após as reuniões do grupo, sob a orientação de uma fisioterapeuta. No momento em que entram em acordo sobre a disponibilidade de cada um para esta atividade, o senhor afásico SP*

comenta sobre alguma dificuldade em estar presente. Participam deste episódio os afásicos MS, MN e SP, bem como as pesquisadoras EM e HM.

01 EM que que cêis ACHAM//
02 ed +gesto afirmativo com a cabeça+
03 (0,7)
04 MS m-ma:ravilha
05 EM TOpam//
06 SP [°XX°]
07 MN [eu acho] bo:m
08 EM A gente acaba aqui os traba:lhos mais ou menos uma onze e meia
09 (0,5) tá:/(0,5) então a gente vai ter aí un::s quarenta e cinco
10 minutos/ (0,6) **pra quem quise::r almoça:r cami- dar uma vo:lta**
11 pode ver televisão se quise::r\ (0,5) ler o jorna:l\ ficar
12 aí conversa:ndo\ descansando um po:uco (0,7)DÁ/ esse TEmpo/
13 JC bem menos tempo do que era antes né/ (0,5) era uma hora
14 ((fim da primeira fita, começo da segunda fita))
15 SP **((voltado para EM))+o:: como é// é: na: na::°+**
16 **sp +com a mão esquerda apalpa a região das costas relativa à**
17 **região dos rins+**
18 EM °°X X XX/°°
19 SP °como é//°
20 EM °°X X°°
21 (0,6)
22 SP **+é::\ é::+**
23 sp +continuar a apalpar; agora, a região do ventre relativa à
24 região dos rins+
25 HM o rim//
26 SP +rim+
27 sp +volta-se para HM, com gesto afirmativo da cabeça+
28 EM é:
29 hm ((voltada para SP, movimenta afirmativamente a cabeça))
30 (1,3)
31 SP °e quando é lá é:° (1,0)
32 EM o senhor já tem a DÁ:ta que vai fazer a intervenção//
33 SP na-nã-nã nã:o\ ainda nã:o\ ((risos))
34 EM tá (.) [não tem]&
35 SP [então:]
36 EM &problema
37 SP nã:o
38 EM se a gente começar aqui e o senho:r tiver que fazer seus
39 exames/ e: (0,4) e: não vai poder faze:r a: ginástica (0,3)
40 é:: (0,6) logo depois do exame/ vem quando puder
41 SP **não b: pra:-a::\ te-tem a::\ +tem um (.) piquino (1,1)**
42 de::\ ahn::\ rim né/ (0,5)+ ah (ne-nu:m) (1,5)
43 sp +com as mão esquerda, faz gesto como se segurasse um objeto
44 muito pequeno, como um grão+
45 é::a::\ sim u non né/ ehm/
46 EM o senhor [não sabe °se vai operar ou não/°]
47 SP [então então:o] lá: é: justamente (0,7)e:: e-e-
48 então lá o::\ são paulo lá lá/
49 EM ahn/
50 SP (dão) para para: o::\ °o:::°\° °°não é::\°° (1,8) °°o::°°
51 sp +faz uma série de gestos indicando diferentes direções com
52 indicador+
53 HM os exames//
54 SP °nã-nã nã te-tem no: no:\° (1,5) no: ai: tem: o::\ são paulo:
55 (1,5) °é::\° síri síri-li sírea::\ [lá lá:]
56 HM [sírio libanês//]
57 SP [°lá: lá::°]
58 HM [o hospital/ ah tem convênio/]
59 (0,6)
60 SP **NÃO não num-é::\ isso aí não\ d-d- lá lá: porque lá:**
61 **sp ((gesto com a mão sugerindo relação com dinheiro))**
62 EM tá legal (0,6)t-t-t num sei Xr
63 num sabe a data\
64 (0,5)
65 SP **+nã:o\+**

66 SP +gesto afirmativo com a cabeça+
67 EM Olha se::u\ seu silvano (0,6) mas pro efeito do que a gente
68 tá combinando aqui:/
69 SP certo certo
70 (0,6)
71 EM é::\ (0,6) se por exemplo a gente começar o trabalho com a
72 fisioterapia [na:: semana aque vem]
73 SP [NÃO não não no::\ isso] aí °nu:m\ tem X°
74 EM senhor ve::m(0,3) aí quando for fazer se [for o caso]&
75 SP [hm:::/]
76 EM &de fazer né/
77 SP hm hum\
78 EM a intervenção a retirada de pedra no rim tu:do/ (0,5) o
79 senhor faz e f- e PARTICIPA como [PUDE:R]
80 SP [CERTo] certo
81 EM mas ESSE HORÁRIO
82 SP °hm hum°
83 EM que nós tamo combinando aqui (0,5) na: quinta-feira (.) meio
84 dia e quinze (.) a uma e quinze (.) tá bom pro SENHOR//
85 (0,4)
86 SP NÃO ãã num tenho: num tenho::\

No dado acima, as dificuldades de evocação de SP, convocam várias intervenções, feitas principalmente por EM, em sua maioria de caráter metaformativo e que visam constantes reformulações da fala de SP.

SP, instaurando a partir de semioses não-verbais, o referente que o permitiria formular seu intento comunicativo, convoca seus interlocutores a uma atividade de interpretação de seus gestos que acompanham a fala repleta de hesitações (linhas 19, 22, 23 e 24). Tais demandas são atendidas pela contribuição de HM produzida com ênfase, na linha 25, "o rim", contribuição esta que contextualiza enunciativamente uma interpretação parcial do intento comunicativo de SP, confirmada por meio de uma repetição, em 26.

A fala laboriosa de SP provoca várias tentativas reformulativas de EM, a maior parte delas, nitidamente rejeitadas por SP, como podemos perceber em 37 e 41, a partir de quando SP fornece uma hetero-reformulação da fala de EM.

As tentativas feitas por SP de ajustes de sua própria fala, entrecortada, nas linhas 47, 48 e 50, fornecem pistas de categorização dos referentes em jogo na formulação pretendida "então lá o::\ são paulo lá lá/", "(dão) para para: o::\ b:::° não é::\° (1,8) °b:::°". Estas pistas, interpretadas por HM nas linhas 53 e 59, também são negadas por SP, "Não não num-é::\ isso aí não\ d-d- lá lá: porque lá:".

Mesmo o amparo em semioses não-verbais, visto na linha 61, por exemplo, não são suficientes para que se alcance uma intercompreensão da fala de SP. Esse resultado leva EM a uma reformulação metapragmática, calcada nas reformulações precedentes e bem-sucedidas, em uma mudança de direção do tópico rumo ao fechamento do tópico, que se dá da linha 62 em diante.

Ainda na linha 73, SP insiste em uma reformulação da fala de EM, sugerindo que seu intento comunicativo não seria aquele considerado relevante por EM. A pesquisadora, contudo, opta por uma não continuidade da atividade de reformulação, atitude com a qual concorda SP, conduzindo o episódio a seu final.

Neste dado podemos colocar em discussão o princípio do "mínimo esforço colaborativo" proposto por Perkins (2003). As atividades de reformulação acima analisadas evidenciam uma alta colaboratividade das pesquisadoras EM e HM, no esforço de oferecer diversas reformulações saneadoras das recorrentes dificuldades de evocação e de formulação de SP.

Contudo, verificamos que a atitude de SP frente a estas sugestões é bastante insistente. O que poderia ser interpretado como amparo para um "esforço mínimo" de construção textual da conversação, verifica-se ao fim como não-ratificado pelo sujeito afásico SP, que segue laboriosamente na defesa de sua contribuição apenas parcialmente compreendida.

Chamamos a atenção, acima, a dados nos quais transparece uma relação mais evidente entre a afasia e conseqüências para as atividades de reformulação de resolução mais estendidas, laboriosas. Voltamo-nos agora para dados que, também envolvendo afásicos, apresentam seguidas atividades de reformulação até que se atinja a intercompreensão, contudo evidentemente por conta de outros atores que não a afasia.

(16)

AphasiAcervus: 28/04/2005

Contexto: *o grupo está sentado em volta da mesa do café conversando sobre as novidades da última semana e contando a JM o que têm feito nos últimos encontros. Quando o episódio abaixo tem início, os integrantes conversam sobre a familiaridade de JM com o uso da internet e seus recursos. Tomam parte desta cena enunciativa os afásicos JM e ED, e as pesquisadoras EM e JC.*

01	EM	QUANDO O SENHOR COMEÇOU a trabalhar na internet: /
02		(0,6)
03	EM	+começou a trabalhar com email/+ <u>faz TEMpo/</u>
04	em	+movimenta os dedos da mão esquerda, como se referindo
05		digitação+
06		(2,4)
07	JM	<u>não\</u> trabalhar com ema:il/ eu[: XX]
08	EM	+ [aSSIM mandar email\+ recebe:r]
09	em	+movimenta as mãos circularmente+
10		(.)
11	EM	faz te:mpo Oo:u/ ou foi recente//
12	JM	nã:o não ã: não não não faz- ahn: faz pouco tempo

13 (0,5)
 14 em ((balança a cabeça afirmativamente))
 15 EM °ah ah:°
 16 JM eu-u mande:i: u:m
 17 EM +°ah lá\ já viram/°+
 18 em +voltando-se para NS e ED, aponta para JM+
 19 (0,7)
 20 ED °(é:)°
 21 JM eu mandei:(0,7) um pra curitiba
 22 (.)
 23 EM AHN/
 24 (1,3)
 25 JM (ia) na firma que eu trabalhava lá:
 26 (0,3)
 27 EM +ah É/+
 28 em +balança a cabeça em confirmação, voltada para JM+
 29 (1,0)
 30 JM e:
 31 jm ((balança a cabeça para os lados))
 32 (2,2)
 33 JM é ele ele: me manda (assim/ sempr-)(0,4) (tem/sempre) no:s ahn
 34 emails (0,8)ahn: (2,2)
 35 jm +olha momentaneamente para o lado direito, direção de JC,
 36 fazendo movimentos circulares com a mão direita+
 37 JM &+não (0,3)+
 38 jm +leva a mão à testa e abaixa a cabeça+
 39 JM &+email mas ahn (.) por o:+
 40 jm +movimentos circulares com a mão direita, próxima à frente+
 41 em ((voltada para JM, levanta um pouco o pescoço e cabeça, em
 42 expectativa))
 43 (4,4)
 44 EM manda ema:i:ls +coletivos//+
 45 em +descreve horizontalmente um círculo com a mão, pouco acima da
 46 mesa+
 47 JM é na-
 48 EM senhor recebe lá do coletivo da empresa/
 49 em +repete o movimento circular com a mão+
 50 EM &eles mandam emails pro +senhor sozinho/+
 51 em +aponta para baixo com o dedo, como estabelecendo um ponto+
 52 EM &ou +mandam[emails pra:] +
 53 em +novamente, movimento circular com a mão+
 54 JM [NÃO não é]:i: i-i ela me manda (0,4)ahn: (0,7) cursos
 55 (0,3)quol (.)cuol&
 56 jm <(0,8)((gesto com a mão aberta, levando-a logo em seguida à
 57 cabeça, abaixando a cabeça))>
 58 ela me manda e:mails (0,7) ahn: (0,5) COLEti- não\ coletivos//
 59 JC que é pra todo mu:ndo// num é só pro senh[or\]
 60 JM [É]:
 61 EXATAmem[te\ que (vai pra/manda)]
 62 jm ((faz gesto com a mão, para fora))
 63 JC [ah então é col]eti[:vo]
 64 JM [É:] exatamente
 65 EM +°é°+

No dado acima observamos como colaborativamente e com a participação de diversas atividades de reformulação encadeadas, os integrantes envolvidos constroem o objeto-de-discurso “emails coletivos”. Na linha 33 e 34, a fala do senhor

afásico JM apresenta uma série de indícios de problemas de formulação, com a presença de alongamentos hesitativos, pausas e interrupções, na tentativa de melhor caracterização do tipo de emails que costuma receber: "é ele ele: me manda (assim/ sempr-)(0,4) (tem/sempr) no:s ahn emails (0,8)ahn: (2,2)".

Na linha 34, JM recorre a semioses não-verbais para completar seu enunciado anterior, utilizando um marcador típico de infirmação na linha 37. Na linha 39, retoma o referente "emails", inserindo o marcador também tipicamente reformulativo "mas". Após marcas de hesitação, na linha 39 (pausa e alongamento), novamente recorre a gestos com a mão para completar seu enunciado, caracterizador do referente.

Na linha 44, a pesquisadora EM formula uma heterocorreção encaixada, ou modalizada, reformulando o enunciado de JM em forma de pergunta, com ênfase em "coletivos". Em 48, EM reformula a própria intervenção de "manda emails coletivos" para "senhor recebe lá do coletivo da empresa", tendo como marcador apenas a ênfase, em uma correção com foco no nível sintático-semântico.

Novamente, EM procede a uma autocorreção na linha 48, do mesmo tipo anterior. Das linhas 54 a 58, JM age responsivamente, em avaliação da contribuição de EM, com a presença de diversos marcadores tipicamente reformulativos como interrupções, alongamentos, bem como marcadores verbais "ahn", sinalizando dúvida. Em 56, a curva descendente de JM na produção "coleti-" aparenta a confirmação da contribuição de EM. Porém, sua brusca interrupção sugere reavaliação do item lexical "coletivos", seguido de um marcador de infirmação "não", e de uma reformulação saneadora interrogativa "coletivos?". JC, então, reformula o item "coletivos" em heterocorreção modalizada, mais uma vez "que é pra todo mundo? num é só pro senhor", ponto em que finalmente os integrantes parecem alcançar intercompreensão sobre o sentido pretendido por JM na linha 33.

4.2 Discussão dos dados

Com base nas análises acima, elencamos alguns pontos salientes e bastante significativos para debatermos dentro dos propósitos desta dissertação.

Em primeiro lugar, chamamos a atenção à alta variabilidade de nossos dados, decorrente de sua natureza interacional, produzidos em circunstâncias que envolvem sujeitos afásicos e não-afásicos em conversação. Essa característica torna possível observar uma enormidade de processos que só comparecem em instâncias de uso da linguagem, lembrando que nosso esforço durante esta dissertação foi salientar a condição interacional do fenômeno reformulativo. Tal condição positiva não poderia, por exemplo, ser alcançada através de métodos analíticos estritamente experimentais (como testes e protocolos), focados em populações controladas, como os observados na tradição cognitivista de análise do fenômeno.

Desta tal variabilidade a que nos referimos, temos um segundo movimento a ser recuperado, o qual diz respeito a certas particularidades lingüístico-interacionais que apontam para possíveis tendências identificadas nas ocorrências descritas e analisadas.

Operacionalmente, a predominância de auto-reformulações tanto para afásicos quanto para não-afásicos reforça a orientação interacional do tipo pragmático-discursiva, descrita por Betten (1976 *apud* Koch, 1989). Tanto os afásicos quanto os não-afásicos agem estratégica e colaborativamente nas práticas lingüísticas das quais tomam parte.

A esta tendência se relaciona uma outra verificada quanto às hetero-reformulações auto-iniciadas, cujo predomínio se dá na fala dos sujeitos afásicos. Esta tendência aponta para uma certa inibição do afásico frente a complexidade lingüística relacionada não com a iniciativa textual-interativa, mas com a possibilidade de levar a cabo auto-reformulações dentro da dinâmica acelerada das conversações face a face com vários interlocutores. Ao mesmo tempo, o fato percebido de estas serem muitas vezes estendidas em diversos turnos (como vemos nos exemplos 13 ou 15), chama a atenção para o engajamento dos falantes afásicos quanto à confirmação ou não confirmação das sugestões fornecidas por seus interlocutores.

Sobre este último aspecto, devemos salientar a predominância de correções encaixadas feitas pelos não-afásicos sobre enunciados-origem produzidos pelos

sujeitos afásicos. Esta tendência nos parece relacionada à própria organização metodológica do CCA, constituída nos termos de uma “comunidade de práticas”²² que visa primordialmente o exercício de uma competência comunicativa, não privilegiando propriamente as práticas orientadas para a normalização das formas lingüísticas ou da disfluência, características das produções afásicas que são objeto de atenção das terapias individuais de fala e mesmo de grupoterapias tradicionais.

Se muitas vezes parece impossível distinguir entre uma paráfrase e uma correção em nossos dados, a idéia de que correções encaixadas acontecem numerosamente leva-nos a reafirmar o caráter regulador das atividades de correção. Pode-se defender aqui, dessa forma, uma não restrição das atividades de reformulação à sua função interativa, desde que ela é entendida sempre como mediada e constituída largamente por linguagem e seu funcionamento.

Não reduzindo a reformulação à sua função interativa (isto é, à margem da linguagem) e, antes, concebendo-a como um fenômeno lingüístico-interacional, pudemos observar em nossos dados diversos aspectos multifuncionais nele envolvidos. Ainda que produzam mais reformulações do tipo metaformativa, os sujeitos afásicos, bem como os não-afásicos, utilizam estratégias metaformativas, metapragmáticas e meta-enunciativas de forma inter-relacionada e de maneira essencialmente contextualizada em relação aos propósitos conversacionais e discursivos.

As atividades de reformulação encontram-se sempre imersas em contextos dos quais participam também outros fenômenos de base lingüístico-interacional e multimodal, como repetições, hesitações, pausas, recursos dêiticos, etc. Muito além de sinalizar problemas de formulação, estes conjugados complexos de operações são, em realidade, o próprio da linguagem, uma atividade estruturada e estruturante (cf. Franchi, 1977).

²² Segundo Wenger (1998) e Holmes & Meyerhoff (1999), a “comunidade de práticas” pode ser definida a partir de três dimensões: o engajamento mútuo (que diz respeito a uma interação regular, cotidiana); o empreendimento conjunto (que diz respeito não a um objetivo compartilhado a priori, mas um empreendimento negociado que envolve complexas relações de mútuos ajustes e acordos); o repertório compartilhado de recursos conjuntos para a negociação do sentido. Deste repertório fazem parte processos de significação verbais e não-verbais. De acordo com Wenger (op.cit.), podemos encontrar nas comunidades de práticas certos traços que as caracterizam, sendo estes mais ou menos específicos. (Morato, 2007:50)

Em terceiro lugar, podemos confirmar empiricamente a característica profundamente sócio-cognitiva da reformulação. Em nossas análises, nos deparamos a todo momento com processos típicos do caráter processual e interacional da reformulação, como reconhecimentos de intenção, processos variados de inferência, existência de ancoragem no *common ground*, observados na reincidência de episódios baseados na memória discursiva do grupo, co-existência de semioses verbais e não-verbais na produção de sentidos, consideração de contextos variados de experiências comuns.

Se por um lado estas constatações fortalecem empiricamente a tese de que a reformulação é um processo altamente intersubjetivo e dialógico, por outro chamam a atenção à própria realidade do CCA como grupo cujas práticas lingüístico-interacionais convocam – em práticas que imbricam linguagem, cognição e ações sociais – a inter-relação ou mesmo a amalgamação de processos formulativos e reformulativos, ou seja, lingüísticos e metalingüísticos.

Aqui retomamos a discussão promovida por Morato (2005) a respeito da noção de reflexividade lingüística tomada no contexto das afasias. Tal como o faz a autora, defendemos aqui, a partir da análise de nossos dados, uma não-separação do tipo forte (isto é, epistemológica) entre os diferentes níveis de consciência lingüística sobre o objeto nas operações e práticas reflexivas da linguagem, como é o caso das atividades de reformulação. Antes de ser creditada a uma explicação meramente cognitiva ou meramente lingüística (no sentido de metalingüística), a reformulação é um fenômeno sócio-cognitivo.

CAPÍTULO V

Considerações finais

Ao final de nosso percurso nesta dissertação, podemos avaliar o que foi possível averiguar com relação às atividades de formulação nas afasias.

Primeiramente, com relação à nossa discussão bibliográfica, chamamos a atenção para a importância do deslocamento de uma perspectiva cognitivista para uma perspectiva sócio-cognitiva da reformulação.

Tivemos a oportunidade de inspecionar o tratamento cognitivista clássico conferido às atividades de reformulação. Constatamos um continuísmo do tratamento da relação entre linguagem interna e metalinguagem, cuja explicação tem sido reputada a mecanismos puramente mentais.

Defendendo uma perspectiva de inspiração vygostkiana e tomaselliana, chamamos a atenção para o caráter regulador da atividade lingüística, instaurado nas práticas sociais e discursivas, caráter este que valoriza a consideração da reformulação como uma atividade de atenção conjunta, intersubjetiva e dialógica, em lugar de uma concepção mentalista pautada sobre o trabalho psicológico de um sistema de monitoramento da fala realizado isoladamente pelo indivíduo. Esta discussão contribui para o embasamento de uma perspectiva sócio-cognitiva, textual- interativa, do fenômeno analisado.

Em um segundo momento, procuramos adensar nossa discussão teórica sobre a reformulação dentro do campo em que nos situamos com mais especificidade, o campo dos estudos interacionais da Neurolingüística. Pudemos chamar atenção a diversas sutilezas que relacionam as teorias da fala em interação com respeito à análise dos fenômenos reformulativos, justificando nosso amparo nas teorias textuais-interativas da conversação.

Nosso terceiro movimento realizado foi em direção a uma caracterização empírica das atividades de reformulação em nosso *corpus*, constituído por interações entre afásicos e não-afásicos ocorridas no CCA (IEL/Unicamp). Com o propósito de organizar os achados alcançados por nossas análises, retomamos as indagações das quais partimos em nossas hipóteses iniciais sobre a reformulação em interações face-a-face envolvendo sujeitos afásicos:

i) quais elementos ancoram os procesos de (re)construção do sentido na presença de diversos déficits lingüísticos como parafasias, agramatismos, dificuldades em encontrar palavras, etc.?

Nas afasias, bem como já observado na linguagem não-afásica, as atividades de reformulação apresentam regularidades quanto à sua estrutura e ao seu funcionamento. Ocorrem nos diversos níveis de formulação lingüística e podem ser freqüentemente identificadas em ambientes lingüísticos relativamente regulares – especialmente na "vizinhança" de outros fenômenos que sinalizam o caráter *on line*, processual, conjunto, da formulação textual-interativa como interrupções, hesitações, marcadores discursivos e multimodais (como gestos, direcionamento do olhar, postura corporal, etc).

ii) como se articulam os componentes lingüístico e interacional nas atividades reformulativas que os sujeitos empreendem na interação para ajustar enunciativa e intersubjetivamente as condições de produção do sentido no texto conversacional?

As funções previstas por Hilgert (1993), Fávero *et al.*, (1999) e Barros (1999) foram encontradas tanto no discurso dos sujeitos afásicos quanto dos não-afásicos considerados nesta pesquisa. Isto quer dizer que, do ponto de vista interacional, por exemplo, as correções observadas seguem sua função primordial prevista por tais autores, qual seja, a de garantir a intercompreensão.

Neste caso, a atividade de ação conjunta sobre o tópico conversacional, o cálculo inferencial, o reconhecimento de intenções, a checagem do código comum e as atividades referenciais são essenciais para a preservação do intuito comunicacional e para a identificação de uma competência lingüístico-pragmática que não se realiza apenas como uma competência do tipo metalingüística.

Chamamos a atenção ainda para uma multifuncionalidade das atividades de reformulação. Em nossos dados, pudemos averiguar o caráter estratégico, altamente interativo, da reformulação, traduzido no uso das estratégias metadiscursivas, o que nos permitiu um olhar mais específico sobre a variedade de funções que as atividades de reformulação desempenham, ora incidindo sobre o componente "mais" lingüístico (*dictum*), ora sobre o componente mais "interacional" (*modus*) da atividade discursiva.

Assim, o caráter colaborativo da reformulação, largamente explorado na bibliografia afásiológica apoiada nos pressupostos teóricos da Análise da

Conversação, certamente não pode ser negligenciado na análise destes fenômenos. Contudo, pudemos constatar esta colaboratividade não se dá somente em prol da continuidade seqüencial da interação. Entre a emergência de um "problema" ou necessidade de ajuste qualquer e sua respectiva reformulação, podem ser observados diversos processos lingüísticos que melhor caracterizam a realidade da reformulação nas afasias.

Isso significa que os componentes lingüístico e interacional, articulados na idéia de língua como prática, como atividade sócio-cognitiva, comparecem de tal forma amalgamados que se torna impossível reduzir a reformulação à solução de problemas. Mais precisamente, é preciso definir a reformulação como regulação constante da atividade lingüística em seus diversos graus de heterogeneidade.

iii) o que a afasia, como perturbação da metalinguagem, implica para estas atividades (meta)reformulativas?

Em comparação com a literatura dentro da perspectiva etnometodológica, em especial aquela dedicada à problemática afasiológica, discutimos no capítulo anterior algumas tendências descritas por Perkins (2003), Laakso (2003) e Oelschlaeger e Damico (2003), no que diz respeito ao tipo de organização do reparo específica para conversações envolvendo afásicos.

Perkins chama atenção a duas questões, observáveis também em nosso corpus, o "princípio do mínimo esforço colaborativo" e a orientação socialmente sensível do reparo. Em nossos dados, pudemos explorar estas particularidades, trazendo para a análise episódios que envolviam longos desenvolvimentos de atividades de reformulação encaixadas até que se atingisse um comum acordo sobre o sentido construído nas conversações.

Contudo, chamamos a atenção para um freqüente não cumprimento do princípio descrito por Perkins (2003). Se de fato a colaboratividade tomada *in situ*, isto é, no aqui e agora da gestão conjunta da dinâmica conversacional é um fator primordial para as reformulações envolvendo sujeitos afásicos, como de fato pudemos constatar, por seu turno, também a história e a natureza das práticas interacionais do CCA, constitutivas deste grupo social, circunstanciam os movimentos reformulativos aí emergentes.

Neste sentido, tanto os apontamentos de Laakso quanto a uma preponderância lingüística dos reparos extendidos envolvendo afásicos, quanto suas considerações

sobre a importância da categorização social do fenômeno neste contexto – aproximada das descritas por Oelschlaeger e Damico – podem também ser interpretados em nossas constatações como evidências de uma atividade reflexiva, sócio-cognitiva desta realidade lingüístico-interacional aqui focalizada. Uma constante atividade reguladora da linguagem que se deixa observar em várias instâncias reformulativas, empreendidas por afásicos e não-afásicos e que indica uma presença de processos verbais e não-verbais atuantes neste contexto. Se a metaformulação é uma tarefa muitas vezes laboriosa para o afásico, também podemos observar nos dados como os aqui apresentados que não lhe é destituída uma postura meta ou reflexiva relativamente à língua e seus processos formais e discursivos.

E, finalmente, iv) se a reformulação implica uma tomada de consciência sobre o objeto lingüístico, o que a relação entre reformulação e reflexividade lingüística pode dizer sobre as relações entre linguagem e cognição nas afasias?

As atividades de reformulação são instâncias da língua em uso nas quais transparece muito claramente a ação reguladora da linguagem.

É sempre pelo concurso da linguagem e seu funcionamento que a reformulação existe na conversação. Mesmo quando aparece com maior grau de disfluência, é no âmbito e com o concurso da linguagem que se torna possível o movimento reflexivo efetuado pelos sujeitos na formulação alternativa de um enunciado, na aceitação desta nova formulação como mais adequada, ou, e principalmente na tomada de consciência sobre o objeto lingüístico que a reformulação representa.

Sem operarmos dicotomia entre processos conscientes e não-conscientes, se tratarmos textual-interativamente os distintos graus de consciência dos sujeitos sobre o fenômeno lingüístico, observamos que em termos sócio-cognitivos, afásicos não estão completamente desprovidos de uma competência relativamente ao uso da linguagem, fundamental para entendermos a função ou o papel organizador da linguagem nos processos de significação e comunicação.

BIBLIOGRAFIA

AHLSÉN, E. *Introduction to Neurolinguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2006.

ALWOOD, J., NIVRE, J. e AHLSEN, E. Speech Management on the Non-written life of speech. In: *Nordic Journal of Linguistics*, v.13, n. 1, 1-45, 1990.

AUTHIER-RÉVUZ, J. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

BARBOSA, B. O fenômeno do reparo na fala. In: *Veredas*, Juiz de Fora, v. 4, n. 1, jan./jun. 2002, p. 91-109, 1999.

BARROS, D. L. P. de . Procedimentos de reformulação: a correção. In: PRETI, D. (Org.). *Análise de textos orais*. 4ª ed. São Paulo: Humanitas, 1999.

BENVENISTE, E. *Problemas de Lingüística Geral I e II*. Campinas: Pontes, 1987 [1966].

BERKENBUSCH, G. Planteamientos interactivos en el análisis conversacional: la etnometodología y la teoría de la producción de textos orales. In: *Sintagma*, vol. 7, 69-84, 1995.

BLANKEN, G., DITTMAN, J. & SINN. Old solutions to new problems: A contribution to today's relevance of Carl Wernicke's theory of aphasia. In: *Aphasiology*, v. 8, n.1. 207-221, 1994.

BUSATO, V. *A noção de Metalinguagem no campo da Neurolingüística: um estudo enunciativo*. Dissertação de Mestrado, IEL-Unicamp, Campinas, 2001.

CAMERIN, I. C. *O discurso cotidiano no CCA – Centro de Convivência de Afásicos* Dissertação de Mestrado. IEL- Unicamp, Campinas, 2005.

CAPLAN, D. *Neurolinguistics and Linguistic Aphasiology*. Cambridge, U.K.: Cambridge University Press, 1987.

CAZELATO, S. E. de O. *A interpretação de provérbios parodiados por afásicos e não afásicos*. Tese de Doutorado IEL – Unicamp, Campinas, 2008.

CULIOLI, A. La formalisation en linguistique. In: *Cahiers pour l'analyse* 9, 106-117, 1968.

DE LEMOS C. T. G. Native speaker's intuitions and metalinguistic abilities: What do they have in common from the point of view of language acquisition? In: *Caderno de Estudos Lingüísticos*, vol. 33, 5-14, 1997.

ELING, P. (Ed.) *Reader in the History of Aphasia*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1984.

FÁVERO, L., ANDRADE, M. L. & AQUINO, Z. Correção no texto falado: tipos, funções e marcas. In: NEVES, M. H de M. M., (Org.) *Gramática do Português Falado*. vol. 7, 53-76. São Paulo: FAPESP/Humanitas, 1999.

FÁVERO, L. FÁVERO, L. L. A propósito das marcas de correção no discurso oral culto. In: PRETTI, D. (Org.) *O léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, 211-225, 2003.

FERGUNSON, A. Conversational Repair of Word-Finding Difficulty. In: *Clinical Aphasiology Conference: Clinical Aphasiology Conference*, v.1, 299-310, 1991.

FERGUNSON, A. The influence of aphasia, familiarity and activity on conversational repair. In: *Aphasiology*, vol.8, n.2, 143-157, 1994.

FRANÇOZO, E. *Linguagem Interna e Afasia*. Tese de Doutorado. IEL/Unicamp, Campinas, 1987.

FRANCHI, C. Linguagem – atividade constitutiva. In: *Almanaque* vol. 5, 9-27, 1977.

FREUD, S. *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1987 [1901].

FREITAS, A. L. P. e MACHADO, Z. F. Noções fundamentais: a organização da tomada de turnos na fala-em-interação. In: LODER, L. L. e JUNG, N. M. (orgs.) *Fala-em-interação social: introdução à Análise da Conversa Etnometodológica*. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

GANDOLFO, M. A classificação das afasias em questão: lugares de institucionalização e de questionamento. Tese de doutorado. IEL – Unicamp. Campinas, 2006

GARCEZ e LODER (2005). Reparo iniciado e levado a cabo pelo outro na conversa cotidiana em Português do Brasil. In: DELTA. vol 21, n. 2, 279-312, São Paulo: PUC, 2005.

GARNSEY, S. M., & DELL, G. S. Some neurolinguistic implications of prearticulatory editing in production. In: *Brain and Language*, vol. 23, 64-73, 1984.

GAULMYN, M. M. Reformulation et planification discursive. In: COSNIER, J e KERBRAT-ORRECCHIONI, C. *Décrire la conversation*, PU de Lyon, 167-198, 1987

GERALDI, J. W. *Portos de Passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GOFFMAN, E. On face-work: an analysis of ritual elements in social interaction. In: *Psychiatry*, vol 18, n. 3, 213-231, 1955

GOMBERT, J. E. *Metalinguistic Development*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

GONZALEZ, P. C. *Reparo em terceira posição na fala-em-interação entre falantes com e sem afasia de expressão*. Dissertação de Mestrado, UFRS, Porto Alegre, 2004.

GOODWIN, C. Conversational Frameworks for the Accomplishment of Meaning in Aphasia. In: GOODWIN, C (org.) *Conversation and Brain Damage*. Oxford University Press, 2003.

GÜLICH, E. e KOTSCHI, T. Les marqueurs de la reformulation paraphrastique. *Cahiers de linguistique française*, vol. 5, 305-351, 1983.

HARSUIKER, R. BASTIAANSE, R. POSTMA, A. e WIJNEN, F. *Phonological encoding and monitoring in normal and pathological speech*. Psychology Press, 2005.

HILGERT, J. G. Procedimentos de reformulação: a paráfrase. In: PRETI, D. (ed.) *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH/USP, 1993.

HOCKETT, C. F. Where the tongue slips, there slip I. In: FROMKIN, V.(Ed). *Speech errors as linguistic evidence*. The Hague: Mouton, p.93-119, 1973 [1967].

JAKOBSON, R. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: *Lingüística e Comunicação*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1981 [1954].

_____. Lingüística e Poética. In: *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1981 [1960].

_____. On Aphasic Disorders from a linguistic angle In: *Selected writings II, Word and Language*. Paris: Mouton, 1985 [1975].

JEFFERSON, G. On exposed and embedded correction in conversation. In: BUTTON, G. e LEE, J. (orgs). In: *Talk and Social organization*. Reino Unido: Multilingual Matters, 1987.

JUBRAN, C.C.A.S. Especificidades da referenciação metadiscursiva. In: KOCH, I.V., MORATO, E. M. e BENTES, A. C. (Orgs.). In: *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

KERBRAT-ORRECCHIONI, C. *Análise da Conversação*. Princípios e Métodos. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

KOCH, I. *Introdução à lingüística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, I. G.V. & CUNHA-LIMA, M. L. Do Cognitivismo ao Sociocognitivismo, In: MUSSALIM, F. e BENTES, A. *Introdução à Lingüística – fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004.

KOCH, I.G.V. & SOUZA E SILVA, M.C.P. (1996). Atividades de composição do texto falado: a elocução formal. In: CASTILHO, A.T. & BASÍLIO, M. (org.) *Gramática do Português Falado*. Campinas, Ed. da Unicamp. Vol. IV.

KOCH, I., JUBRAN, C. URBANO, H. FÁVERO, L. Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado. In: CASTILHO, A. *Gramática do Português Falado*, vol 1, Campinas: Editora da Unicamp, 2002 [1989].

KOTSCHI., T. Procédés d'évaluation et de commentaire métadiscursifs comme stratégies interactives. *Cahiers de linguistique française*, 1986.

LAAKSO, M. Collaborative construction of repair in aphasic conversation. In: GOODWIN, C. (ed.), *Conversation and brain damage*. Oxford University Press, 2003.

LAVER, J. The detection and correction of slips of the tongue. In: FROMKIN, V. A. (ed). *Speech errors as linguistic evidence*. Paris: Mouton, 1973 [1969]

LEBRUN, Y. *Tratado de afasia*. São Paulo: Panamed editorial, 1983.

LEVELT, W. J. M. Monitoring and self-repair in speech. *Cognition*, vol.14, 41-104., 1983.

_____. *Speaking: From intention to articulation*. Cambridge: MIT Press, 1989.

LODER, L., GONZALEZ, P. e GARCEZ, P. Reparo em terceira posição e intersubjetividade na fala em interação em português brasileiro. In: *Veredas*. UFJF. vol. 6, n. 2, 2004

LODER, L. L. O modelo Jefferson de transcrição: convenções e debates. In: LODER, L. L. e JUNG, N. M. (orgs.) *Fala-em-interação social: introdução à Análise da Conversa Etnometodológica*. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

LODER, L. L. e JUNG, N. M. (orgs.) *Fala-em-interação social: introdução à Análise da Conversa Etnometodológica*. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

LUBINSKI, R., Duchan, J., & Weitzner-Lin, B. Analysis of Breakdowns and Repairs in Aphasic Adult Communication. In: BROOKSHIRE, R. (Ed.) *Clinical Aphasiology Conference Proceedings Minnesota*: BRK Publishers, 111-116, 1980.

MACEDO, H. O. *O Processo de Refacção Textual Escrita de Sujeitos Afásicos*. Tese de doutorado. IEL, Unicamp, Campinas, 2005.

MAHER L. M., GONZALEZ ROTH L. J. e HEILMAN K. M. Lack of error awareness in an aphasic patient with relatively preserved auditory comprehension. In: *Brain and language*, vol. 46, n.3, 402-418, 1994.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da Conversação*. São Paulo: Editora Ática, 2006.

MARCUSCHI, L. A. 2002. Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa. In: *Veredas*, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, jan./jun. 2002, p. 43-62.

_____. Perplexidades e perspectivas da Lingüística na virada do milênio. In: *Mimeo*, 2003.

MILROY, L. & PERKINS, L. Repair strategies in aphasic discourse: towards a collaborative model. In: *Clinical Linguistics & Phonetics*, vol. 6, 27- 40, 1992.

MIRA, C. *O CCA como uma comunidade de práticas: uma análise das interações do Centro de Convivência de Afásicos*. Dissertação de mestrado. IEL, Unicamp. Campinas, 2006.

MORATO, E. M. (1996). *Linguagem e cognição: as reflexões de L.S. Vygotsky sobre a ação reguladora da linguagem*. São Paulo: Plexus.

_____ (2001) (In)determinação e subjetividade na linguagem de afásicos: a inclinação anti-referencialista dos processos enunciativos. In: *Caderno de Estudos Lingüísticos* (41):55-74, 2001b.

_____ O que ganham heurísticamente com a noção de referenciação os estudos neurolinguísticos?. In: ALBANO, E. [et al.] (orgs). *Saudades da língua: a Lingüística e os 25 anos do Instituto de estudos da Linguagem da Unicamp*. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

_____ O interacionismo no campo lingüístico. In: MUSSALIN, F e BENTES, A.C. (orgs.) *Introdução à Lingüística: fundamentos epistemológicos*. Vol.3. São Paulo: Cortez. 311-352, 2004.

_____ Metalinguagem e referenciação: a reflexividade enunciativa nas práticas referenciais. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (orgs). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

_____ Aportes da perspectiva sócio-cognitiva às ações terapêuticas: a experiência do Centro de Convivência de Afásicos (CCA-Unicamp). In: SANTANA, AP., BERBERIAN, A.P., GUARINELLO, A.P., MASSI, G. *Abordagens grupais em Fonoaudiologia*. São Paulo: Plexus, 2007.

_____ *et al.* Competência e metalinguagem no contexto de práticas interativas de afásicos e não afásicos. *Relatório parcial do Projeto Fapesp*. Campinas, 2007. Proc.: 06/52950-9

_____ et al. Competência e metalinguagem no contexto de práticas interativas de afásicos e não afásicos. *Relatório final do Projeto Fapesp*. Campinas, 2008. Proc.: 06/52950-9

NORRICK, N. R. On the organization of corrective exchanges in conversation. In: *Journal of Pragmatics*, vol. 16, n. 1 59-83, 1991.

NORRIS, S. Multiparty interaction: a multimodal perspective on relevance. In: *Discourse Studies*, vol. 8, n. 401-421, 2006.

OELSCHLAEGER, M. L. e DAMICO, J. Word searches in aphasia: a study of the collaborative responses of communicative partners. In: GOODWIN, C. (ed.), *Conversation and brain damage*. Oxford University Press, 2003.

PENNEC, B. *La Reformulation en Anglais Contemporain: Indices Linguistiques et Constructions Discursives*. Tese de doutorado. Université Rennes II Haute-Bretagne, 2006.

PERKINS, L. Negotiating repair in aphasic conversation. In: GOODWIN, C. (org), *Conversation and Brain Damage*. Oxford University Press, 2003.

POSTMA, A. Detection of errors during speech production: a review of speech monitoring models. In: *Cognition*, vol. 77, 97-131, 2000.

REY-DEBOVE, J. *Le Métalangage*. Paris: Le Robert, 1986 [1978].

ROULET, E. Complétude interactive et connecteurs reformulatifs *Cahiers delinguistique française*, vol. 8, Genève: Unité de linguistique française, 11-140, 1987.

SACKS, H., Schegloff, E., Jefferson, G. (1974) A simplest systematic for the organization of turn talking for conversation, In *Language*, 50, 696-735.

SCHEGLOFF, E. A., Jefferson, G. & Sacks, H. (1977) The preference for self-correction in the organization of repair in conversation. In *Language*, 53, 361-382.

SCHEGLOFF, E. Repair after next turn: the last structurally provided defense of intersubjectivity in conversation. In: *American Journal Sociology*, vol. 97, n. 5, 1295-1345, 1992.

SCHEGLOFF, E. Conversation Analysis and communication disorders. In: GOODWIN, C. (ed.) *Conversation Analysis and Communications Disorders*. Oxford. Oxford University Press, 2004.

SCHLENK, K.-J., HUBER, W., & WILMES, K. (1987). “Prepairs” and repairs: Different monitoring functions in aphasic language production. In: *Brain and Language*, vol. 30, n. 2, 226–244, 1987.

SOUZA E SILVA, & CRESCITELLI, M.F.C. (1996). Retomando a interrupção. DELTA. Vol 14. PUC-SP.

TOMASELLO, M. *Origens Culturais da Aquisição do Conhecimento Humano*. São Paulo, Martins Fontes, 1999

VYGOTSKY, L. *Thinking and Speech* – The collected works of L.S. Vygotsky. RIEBER, R.& CARTON, A (eds.) New York: Plenun Press, 1987 [1934].

WILKINSON, R. Managing linguistic incompetence as a delicate issue in aphasic talk-in-interaction: On the use of laughter in prolonged repair sequences. In: *Journal of Pragmatics* vol. 39, 542-569, 2007.

ANEXO

CONVENÇÃO DE TRANSCRIÇÃO DO GRUPO DE PESQUISA COGNIÇÃO, INTERAÇÃO e SIGNIFICAÇÃO/COGITES (Coordenação Prof.a Edwiges Maria Morato- IEL/Unicamp)

Versão 2007

1. Informações gerais:

- a) transcrição em formato lista ;
- b) os participantes são identificados por duas letras maiúsculas correspondentes às iniciais dos dois primeiros nomes ;
- c) indicação de letras minúsculas nas linhas correspondentes às descrições de aspectos não- verbais sincronizados e/ou relacionados à fala ;
- d) a transcrição é efetuada em ortografia *standard* adaptada ;

2. Ocorrências e marcações gráficas :

OCORRÊNCIAS	NOTAÇÃO	EXEMPLOS
1. Fenômenos seqüenciais		
overlap/encavalamento/superposição de turnos	[início do overlap] fim do overlap	Exemplo 1. MA é: EM [.h JM [nã:o num ve- num veio\ Exemplo 2: MA [é u que/] AN [é intru]so (.) AN e:[i:n::] MA [para de] cumê pra falá
latching	palavra final= =palavra inicial	EM [.h JM [nã:o num ve- num veio\= EM =ela falou pra mim/ (.) ela tem um parente fazendo uma cirurgia\
2. Pausas		
micro pausas, inferiores a 0,3 segundos	(.)	
pausas medidas com ajuda de programas editores de som, como Audacity, Praat, etc. unidade em segundos	(0,4), (1,0), (2,3)	MG a:nã:o/(0,2) a a a era- (0,2)
3. Fenômenos segmentais		
alugamento silábico	:	MG .h a: p-prefessora nu:m ve:io\
alugamento silábico		MG .h a: p- prefessora nu:m ve:io\

	:	
truncamento de palavras	-	MG .h a: p- professora nu:m ve:io\
inspiração do locutor	.h	MG .h a: p- professora nu:m ve:io\
expiração do locutor	H	MS H °ahn°/
4. Prosódia		
entonação crescente/ ascendente	/	EM ela falou pra mim/ (.) ela tem um parente fazendo uma cirurgia\
entonação decrescente	\	EM ela falou pra mim/ (.) ela tem um parente fazendo uma cirurgia\
ênfase particular	segmento sublinhado	AD no:ssa/ issu ai oh/ (0.4) que: qué isso <u>hein</u> / (1.6) a senhora vai bater um pra:to (.) que eu vô tê fala hein/
volume forte de voz	segmento em MAIÚSCULA	EM a dona ROSAUra// MG : é:
volume baixo, murmúrio de voz	°°	MA °num conhece o limo°xxx xx°
COMENTÁRIOS E DESCRIÇÕES		
em <i>itálico</i> e entre parênteses encontram-se os comentários do transcritor e fenômenos e atividades não-transcritos, como risos, leitura, mudança de lugar, saída da sala, conversas de fundo não transcrita etc.	((comentários))	MH pra carregar trouxa\ ma ((risos))MA aí tá certo
delimitação do segmento de fala correspondente à descrição feita (quando houver)	< >	MH <fui no tororó/(.) beber> mh <((cantando))> ou MH <((cantando)) fui no tororó/ (.) beber>
INCERTEZAS DO TRANSCRITOR e IMPRECISÕES		
quando o transcritor apresenta dúvida com relação ao segmento produzido	(hipótese do que se ouviu)	MA depois chegô uma mãe cum uma (criança)/
	(hipótese1 /hipótese2)	MH a gente fazia(trouxa/colcha)
Segmentos incompreendidos/inaudíveis	indicar com x,	AD mas ela num xxx/ MA naum xx ali hum/

	correspondente, sempre que possível, ao número de sílabas produzido	ele atendeu so u:(.) marido\
DESCRIÇÃO DE AÇÕES (como gestos de apontar, direcionamento do olhar, postura relacionados à fala)		
	* delimitação da ação descrita na linha seguinte relacionada à fala	MG +é: + mg + <i>balança</i> <i>afirmativamente a</i> <i>cabeça</i> +
	----- continuação da ação.	MA +.h a: p- professora nu:m ve:io\ + ma +volta-se para JM - -----+
	----> (linha x) indica que a ação descrita continua até determinada linha	DA tá\ (.8) seu valmir/ +eu quero que o senhor desenhe pra mim aqui um relógio / + da + <i>entregando à VM</i> <i>uma</i> <i>folha de papel</i> ----- ----> + \$(.) marcando oito e vinti\ da *faz anotações no prontuário vm * ----- <i>desenha</i> --- - ----->> (line 33)
MARCAÇÕES GRÁFICAS		
continuação do turno de fala pelo mesmo locutor após uma quebra da linha da transcrição para introduzir um <i>overlap</i> de outro interlocutor	&	MA sai da[i: não]& IS [eu não\ to vendo/] MA &mexe aí
IDEOFONES e INTERJEIÇÕES (extraído do NURC/SP No. 338 EF e 331 D2)		
Para manifestar concordância	hum, hmm, hm-hm, hum-hum	EM num é/ (.) NS °hm-hum°
Fáticos	ah / eh/ éh/ ahn/ ehn/ uhn/ tá/	JM °eu <u>VI</u> ° (0,5) EM Ahn/ JM &um se- cretário da justi:ça°